



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

GEIZI GONÇALVES MARINHO

**CULTURA, ECONOMIA E PODER:
A INDÚSTRIA CULTURAL COMO FERRAMENTA DE INFLUÊNCIA POLÍTICA**

Palmas, TO

2025

GEIZI GONÇALVES MARINHO

**CULTURA, ECONOMIA E PODER:
A INDÚSTRIA CULTURAL COMO FERRAMENTA DE INFLUÊNCIA POLÍTICA**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Palmas, para obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador (a): Dra. Keile Aparecida Beraldo.

Palmas, TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M338c Marinho, Geizi Gonçalves.

Cultura, economia e poder: A indústria cultural como ferramenta de influência política. / Geizi Gonçalves Marinho. – Palmas, TO, 2026.
115 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
Universitário de Palmas - Curso de Ciências Econômicas, 2026.

Orientador: Keile Aparecida Beraldo

1. soft power. 2. indústria. 3. cultura. 4. economia. I. Título

CDD 330

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

GEIZI GONÇALVES MARINHO

**CULTURA, ECONOMIA E PODER:
A INDÚSTRIA CULTURAL COMO FERRAMENTA DE INFLUÊNCIA
POLÍTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Ciências Econômicas foi avaliado para a obtenção do título de bacharel em Ciências Econômicas aprovado (a) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20 /02 /2026

Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente

KEILE APARECIDA BERALDO
Data: 24/02/2026 12:02:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Keile Aparecida Beraldo – Orientadora- UFT



Documento assinado digitalmente

VERONICA DE CASTRO LAMEIRA
Data: 26/02/2026 09:08:11-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Verônica de Castro Lameira, UFT



Documento assinado digitalmente

JULIANA SANTANA DE ALMEIDA
Data: 01/04/2026 16:41:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Juliana Santana de Almeida, UFT

Dedico este trabalho aos meus pais que durante toda minha trajetória acadêmica me deram força e apoio, às minhas irmãs por me trazer alegrias e risadas em momentos complicados e a mim mesma por ter conseguido chegar até aqui de cabeça erguida apesar dos obstáculos encontrados durante toda essa trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e aos meus pais pela vida.

Agradeço à minha orientadora Keile Beraldo por confiar no meu potencial.

Aos servidores técnico-administrativos da Universidade Federal do Tocantins por me acolherem em momentos difíceis e proporcionar imenso apoio para que eu não desistisse no meio do caminho.

Agradeço a mim mesma por conseguir durante todo período acadêmico me manter firme quando achava que não conseguiria, a minha família que me prestou imenso apoio durante esses anos traçados na graduação e minhas gatas (Charuta, Magali e a falecida Bela Samanta) que participaram em diversos momentos da minha vida acadêmica, contribuindo com seus miados e companhia durante meu período de estudo nas disciplinas cursadas.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é contribuir com discussões a respeito do impacto da indústria cultural no desenvolvimento econômico, social e político dos países, possuindo como enfoque o poder dessa indústria no desenvolvimento dos EUA, Brasil e Coreia do Sul. A metodologia utilizada combina uma ampla revisão bibliográfica e coleta de dados mais recentes sobre o impacto dessa indústria no desempenho econômico e político desses países. Os resultados apontam que nas últimas décadas, o Brasil e principalmente a Coreia do Sul conseguiram demonstrar como o estímulo cultural autônomo é um mecanismo de desenvolvimento e superação de entraves econômicos e sociais. Tais resultados detêm apoio nos estudos de desenvolvimento regional do economista brasileiro Celso Furtado. Portanto, conclui-se que no atual contexto ao qual estamos inseridos, esse estudo se torna importante para países como o Brasil que faz parte da periferia do capitalismo, pois elucida como países só conseguem se reerguer e avançar quando ocorre uma profunda mudança cultural em sua estrutura social.

Palavras-chaves: soft power, indústria, cultura, poder e economia.

ABSTRACT

The objective of this work is to contribute to discussions regarding the impact of the cultural industry on the economic, social, and political development of countries, focusing on the power of this industry in the development of the USA, Brazil, and South Korea. The methodology used combines a broad bibliographic review and the collection of the most recent data on the impact of this industry on the economic and political performance of these countries. The results indicate that in recent decades, Brazil and especially South Korea have demonstrated how autonomous cultural stimulation is a mechanism for development and overcoming economic and social obstacles. These results are supported by the regional development studies of the Brazilian economist Celso Furtado. Therefore, it is concluded that in the current context in which we are immersed, this study becomes important for countries like Brazil, which is part of the periphery of capitalism, as it elucidates how countries can only recover and advance when a profound cultural change occurs in their social structure.

Keywords: soft power, industry, culture, power and economy.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FIGURA 1 - Valor real acrescentado para a conta satélite de produção artística e cultural (azul) em comparação com o PIB dos EUA (2018-2022)	81
FIGURA 2 - Bilheteria global da temporada de verão cinematográfico de Hollywood (2021-2025)	82
FIGURA 3 - Composição dos trabalhadores oriundos da economia criativa (4 trimestre/2024)	83
FIGURA 4 - Trabalhadores especializados por categoria (4 trimestre/2023)	83
FIGURA 5 - Formalidade dos trabalhadores especializados por categoria (4 trimestre/2023)	84
FIGURA 6 - Formalidade dos trabalhadores especializados por categoria (4 trimestre/2024)	85
FIGURA 7 - Trabalhadores incorporados por categoria (4 trimestre/2023).....	85
FIGURA 8 - Trabalho formal e informal na economia criativa (2012-2024)	86
FIGURA 9 - Média salarial da indústria criativa no Brasil, por setor (2017-2020)	87
FIGURA 10 - Taxa de crescimento anual do PIB criativo x PIB brasileiro (2005-2020).....	88
FIGURA 11 - Gastos Federais com Cultura (1995-2023)	88
FIGURA 12 - Captação de recursos aprovados via Lei Rouanet por região (2024).....	89
FIGURA 13 - Utilização geral dos recursos repassado pela União - Política Nacional Aldir Blanc (2023).....	90
FIGURA 14 - Utilização geral dos recursos repassados pela União - Lei Paulo Gustavo (2023).....	91
FIGURA 15 - Valor absoluto de importação e exportação criativa (2023).....	92
FIGURA 16 - Participação do PIB criativo no PIB total brasileiro (2004-2023).....	92
FIGURA 17 - Participação do telespectador brasileiro por nacionalidade de títulos cinematográficos em 2025	93
FIGURA 18 - Total de público e sessões de cinema realizadas em 2025	94
FIGURA 19 - Impacto das políticas culturais sul-coreanas e sua estimativa futura (2023-2027).....	96
FIGURA 20 - Total de vendas (azul), exportações (verde) e empregos (roxo) na indústria cultural sul-coreana (2020).....	97
FIGURA 21 - Balança comercial de direitos de propriedade intelectual (azul escuro) e direitos autorais (azul claro) 2010-2021 (US\$ milhões).....	98
FIGURA 22 - Média de trabalhadores nas empresas da indústria cultural tradicional em 2022	98

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Tipo de emprego direto gerado na indústria cinematográfica e televisiva dos EUA em 2023	79
GRÁFICO 2 – Gasto médio por fornecedor na produção de longa-metragem nos EUA (2023).....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI-5	Ato Institucional nº 5
AIB	Ação Integralista Brasileiro
Ancine	Agência Nacional do Cinema
Arena	Aliança Renovadora Nacional
Art	Artigo
BBC	British Broadcasting Corporation
BEA	Bureau of Economic Analysis
BTS	Bangtan Sonyeondan
CIA	Central Intelligence Agency
CF	Constituição Federal
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
DIP	Departamento de Imprensa e Propaganda
DOD	Department of Defense
ECAD	Escritório Central de Arrecadação e Distribuição
ECOS	Estudos Contemporâneos da Subjetividade
EDUEPB	Editores da Universidade Estadual da Paraíba
Embrafilmes	Empresa Brasileira de Filmes Sociedade Anônima
Embratur	Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
FHC	Fernando Henrique Cardoso
ICT	Políticas Industrial, Comercial e Tecnológica
IK	Invest Korea
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JICEX	Jornada de Iniciação Científica e de Extensão Universitária
JK	Juscelino Kubitschek
K-pop	Korean Pop
LAB	Lei Aldir Blanc
MA	Maranhão
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MG	Minas Gerais

MinC	Ministério da Cultura
MPB	Música Popular Brasileira
MPA	Motion Picture Association
NSA	National Security Agency
OPEP	Organização dos Países Exportadores de Petróleo
OWI	Office of War Information
PIB	Produto Interno Bruto
PDS	Partido Social Democrático
Petrobrás	Petróleo Brasileiro S.A.
PNAB	Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura
PNC	Plano Nacional de Cultura
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
RJ	Rio de Janeiro
RS	Rio Grande do Sul
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SNC	Sistema Nacional de Cultura
SP	São Paulo
SSRN	Social Science Research Network
TO	Tocantins
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UOL	Universo Online
URV	Unidade Real de Valor
USP	Universidade de São Paulo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
URSS	União Soviética
WBG	World Bank Group

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Justificativa.....	15
1.2 Objetivos	16
1.2.1. Objetivo Geral	16
1.2.2. Objetivos Específicos	16
1.3 Metodologia	17
1.4. Estrutura do trabalho	18
2 REVISÃO DE LITERATURA	19
2.1. A cultura Norte Americana como fonte de poder político e econômico.....	19
2.2. A cultura como fonte de poder político e econômico no Brasil	30
2.3. A cultura brasileira pós-ditadura.....	46
2.4. Impacto cultural, político e econômico do plano real na indústria cultural	51
2.5. A indústria cultural nos dois primeiros mandatos do governo Lula	55
2.6. Fim da era Lula e Dilma: o golpe	61
2.7. Bolsonaro e a ascensão da ideologia da extrema direita.....	64
2.8. A lição da indústria cultural sul-coreana ao Brasil.....	75
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	79
3.1. EUA.....	79
3.2. Brasil.....	82
3.3. Coreia do Sul.....	95
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
5 REFERÊNCIAS	102

1 INTRODUÇÃO

Cultura, economia e o poder são temas de pesquisas interligadas com possibilidades de diversas interpretações. Isso porque o poder pode se valer de quem possui posses ou vantagens comparativas sobre o outro, no entanto, existem muitos casos de indivíduos e principalmente países que detêm grandes vantagens comparativas e recursos, porém não conseguem convertê-los ao poder efetivo. Na Ciência Econômica cita-se como exemplo, a teoria da vantagem comparativa por ser uma das contribuições mais marcantes de David Ricardo (1817), autor clássico das Ciências Econômicas. Ricardo demonstrou que, mesmo na ausência de uma vantagem absoluta, os países podem se beneficiar do comércio ao se especializarem na produção dos bens em que possuem maior eficiência relativa.

Assim, neste trabalho compreendemos o poder como a capacidade que um país, instituição ou indivíduo tem de obter resultados que deseja, mesmo que seja por meio de modificar o comportamento do outro agente para alcançar seus objetivos. Nesse sentido, o cinema passou a desempenhar um papel fundamental na manutenção do poder de grupos, blocos políticos e econômicos ao longo das décadas, sendo a expressão máxima dessa situação a indústria cinematográfica norte-americana. Hollywood é a maior indústria cinematográfica do mundo capitalista, que produz conteúdo de comunicação em massa com uma linguagem cinematográfica universal. Tal situação contribuiu para que essa indústria criasse um nicho dentro do sistema capitalista chamado de “produção de subjetividade”, no qual se criam e vendem-se mitos que serão amplamente difundidos dentro de um processo de produção em larga escala de estilos de vida e modos de comportamento adequados dentro do sistema ao qual o país está inserido (Butcher, 2004).

No Brasil, quem observou essa dinâmica entre o poder, cultura e economia foi Celso Furtado, que após a ditadura de 1964, inaugura o estudo de desenvolvimento regional no país com o qual defende que as estruturas sociais, políticas e econômicas de uma nação tais como sua subordinação e dominação no contexto, global giram em torno do campo da cultura (Sousa, 2020). Para Furtado, a cultura possui o poder de criar mecanismos para o desenvolvimento econômico dos países, principalmente aqueles presentes na periferia do capitalismo, pois cria uma identidade nacional capaz de produzir teorias autênticas de desenvolvimento para a região, respeitando suas características históricas, sociais, políticas e culturais (Pires, 2023).

Cabe destacar a importância da indústria cultural na estrutura econômica, política e social de um país e como essa indústria opera na sua influência geopolítica. Pois, para

Furtado (1974), o processo de desenvolvimento de um estado-nação é mais do que crescimento econômico ou acumulação de capital. Ainda segundo Furtado o desenvolvimento abrange também transformações estruturais que acontecem segundo determinado sistema de valores de uma determinada estrutura social, como é o caso da cultura.

Assim, neste trabalho buscou-se apresentar os efeitos da indústria cinematográfica dos Estados Unidos da América (EUA) sobre economias oriundas da periferia do capitalismo como Brasil e como contraponto, destaca a Coreia do Sul como um modelo que reverteu a dependência cultural externa em favor de uma maior expansão autônoma, sob luz das contribuições teóricas de Celso Furtado sobre a cultura e o desenvolvimento. A pesquisa desenvolvida baseou-se em autores como Balandier (1982), Chang (2004), Dietrich (2007), Geertz (2008) e Honneth e Margalit (2001), que possuem uma enorme influência e relevância em seus campos de estudo, sendo cruciais no desenvolvimento da pesquisa realizada por incorporar investigações no campo sociocultural e socioafetivo.

Baseado nas teorias de desenvolvimento de Celso Furtado, a pergunta que orienta esta pesquisa é: De que forma as diferentes estratégias da indústria cultural, observada nos EUA, Brasil e Coreia do Sul, contribuem para o desenvolvimento autônomo e dependência cultural? Segundo os estudos de Furtado (1965;1974) a cultura é um fator influenciador na construção de um desenvolvimento autônomo entre os países, possuindo um impacto muito maior dentro das economias oriundas da periferia do capitalismo. Isso porque ao se deixar influenciar pelos países oriundos do centro, os países periféricos tendem a importar não somente suas técnicas, mas também sua cultura, o que garante maior domínio econômico e político desses países.

A hipótese levantada na pesquisa sugere que quando a cultura é tratada como setor estratégico de um país, torna-se um vetor de poder simbólico e econômico com capacidade de moldar imaginários sociais e transformar suas relações internacionais.

1.1 Justificativa

Durante no século XX os EUA conseguiram transformar sua indústria cultural em um símbolo de seu capitalismo, onde diferentemente dos seus setores industriais que produziam um produto físico como um automóvel, por exemplo, na sua indústria cultural que segue o mesmo processo de uma linha de produção presente em uma fábrica, o produto produzido é a subjetividade que passa a moldar o comportamento dos seus consumidores. Essa criação da subjetividade como produto permitiu que o país expandisse sua influência

para outros hemisférios sem a necessidade de instalação de uma base militar.

A América Latina é a região na qual seu produto cultural mais vigorou entre os cidadãos, pois por meio da difusão de rádio e televisão com foco em produções que exaltam o estilo e modo de ser dos norte-americanos, seus produtos industriais passaram a ter maior facilidade de difusão nos mercados desses países. As ideias econômicas e políticas impostas ao continente latino-americano passaram a ser adotadas e incorporadas por todos os estratos sociais, principalmente de seus formuladores políticos e econômicos.

A escolha deste tema se deu pela curiosidade de compreender a indústria cultural do cinema e a criação do produto “subjetividade” que nasceu nos EUA e como ela auxiliou sua expansão e domínio econômico e político sobre diversos povos. E tal fato se deu sem a necessidade de uma intervenção armada, além de garantir sua hegemonia na geopolítica internacional.

Outro fato é ligado a como o Brasil foi e ainda é fortemente influenciado pela indústria cultural norte-americana ao ponto de provocar entraves em seu processo emancipatório, além de apresentar por meio das teses de Celso Furtado (1965;1974) a importância de uma indústria cultural autônoma para conseguir alcançar o desenvolvimento econômico esperado. Outro exemplo é a indústria cultural Sul-Coreana que tem se tornado um modelo de desenvolvimento via cultural em países como o Brasil, garantindo-lhes maior autonomia.

1.2 Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

Analisar o impacto da indústria cultural norte-americana na dominação política e econômica em países periféricos, como o Brasil, tecendo um contraponto com a Coreia do Sul que alcançou autonomia ao converter sua cultura em um motor de desenvolvimento.

1.2.2. Objetivos Específicos

1. Apresentar literaturas que destaquem pesquisas sobre o desenvolvimento e o campo cultural no Brasil durante o século XX e XXI sob a luz das teorias de desenvolvimento de Celso Furtado;

2. Identificar as relações e mecanismos utilizados pela indústria cultural dos EUA em países como o Brasil que garantem a manutenção de sua hegemonia econômica e política;

3. Analisar a Coreia do Sul como exemplo de como a exportação cultural se tornou um vetor de desenvolvimento nacional e poder brando, utilizando essa dinâmica para refletir sobre os desafios da autonomia cultural brasileira.

1.3 Metodologia

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa teórico-quantitativa com metodologias descritivas. Os dados foram levantados por meio de revisão de literatura e documental e a partir dos dados primários e secundários, buscou-se construir uma linha temporal e assim analisar historicamente os efeitos da indústria cultural no desenvolvimento dos países analisados.

Os dados nacionais foram coletados por meio de sites institucionais dos órgãos Itaú Cultural, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (ECAD), o Sistema de Entidades da Indústria do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), Agência Nacional do Cinema (ANCINE) e o Ministério da Cultura (MinC) entre as séries de 2010 a 2025.

Já os dados internacionais são oriundos das instituições Motion Picture Association (MPA), Bureau of Economic Analysis (BEA), World Bank Group (WBG), Invest Korea (IK), Gower Street Analytics e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) entre a séries de 2020 a 2025. Tais dados foram apresentados em gráficos com caráter descritivo e comparativo, que objetivaram demonstrar os efeitos da indústria criativa nas variáveis de emprego, renda e PIB dos países analisados.

A área de estudo compreende os EUA, Brasil e Coreia do Sul, ao qual utilizou-se estudos ligados à área da economia regional brasileira fundamentada pelas teorias de desenvolvimento de Celso Furtado como escopo principal da pesquisa. As análises dos resultados se deram a partir das perspectivas dos autores Biagi (2001), Borba (2002), Butcher (2004) e Mendonça (2005) que complementam a base teórica do estudo em função de suas teorias contribuírem com a metodologia.

Tais estudos interligam a cultura com o desenvolvimento econômico e social dos países, abordagem utilizada na economia regional, acrescentando a interpretação do poder

provocado pelo *soft power* na emancipação de países periféricos e no seu domínio pelos países centrais. Cabe ressaltar autores como Honneth e Margalit (2001) fora do âmbito econômico, ligados a psicologia e suas contribuições com a “Teoria do Reconhecimento” e a tese furtadeana defendida para explicar como o domínio cultural entre o centro e a periferia cria distorções na autoimagem dos países dominados, gerando um entrave em seu desenvolvimento econômico que adquire uma postura mimética e não autônoma.

1.4. Estrutura do trabalho

A pesquisa foi estruturada em quatro etapas, ao qual a primeira etapa compreende a introdução, justificativa, objetivos, metodologia da pesquisa e estrutura do trabalho. A segunda etapa dedica-se à revisão de literatura, na qual se analisa como o processo de formação e, posteriormente, a criação da indústria cultural dos países analisados, moldaram seu processo de desenvolvimento político, econômico e social. Buscou-se refletir sobre os diversos movimentos culturais e políticos que emergiram no Brasil desde o período varguista¹, responsáveis por construir a concepção de identidade nacional do país e como essa projeção cultural foi importante para reafirmar a posição do Brasil como líder regional.

Na terceira etapa é apresentado os resultados e discussão sobre os achados da pesquisa ao qual é apresentado dados do efeito da indústria criativa na economia, elencando dados referentes aos impactos gerados no PIB dos países analisados, a remuneração média do setor perante os demais setores econômicos e o nível de emprego gerado. Por fim, na última etapa é apresentado as considerações finais sobre o trabalho, seguido da bibliografia utilizada na pesquisa.

¹ Refere-se ao período (1930-1945) em que Getúlio Vargas governou o Brasil, subdividido em três fases: Provisória, Constitucional e Estado Novo.

2 REVISÃO DE LITERATURA:

2.1. A cultura Norte Americana como fonte de poder político e econômico

A cultura é um conjunto de elementos orgânicos, sociais e psicológicos usados pelos indivíduos para congregar uma ideia, ocupar um espaço, e postular ou manter sua hegemonia seja no campo político, econômico ou geográfico. Ela combina alguns suportes universais em diferentes níveis, sendo o primeiro o social, no qual, para que ela venha funcionar e existir é necessário haver algumas formas de interação e uma estrutura organizacional e o segundo o psicológico que entrelaça a necessidade humana do crescimento interno seja por meio religioso ou educacional (Geertz, 2008, p. 31).

É justamente no polo cultural que o poder se manifesta, espaço onde o poder político de uma entidade, nação ou indivíduo se manifesta por meio da teatralidade, na qual se cria uma imagem idealizada de si mesmo como método de se tornar aceito pelo outro (Balandier, 1982). No cinema, o mito do herói² é usado como método persuasivo de criação de laços com o telespectador, nesse contexto, se busca mostrar o herói como um símbolo de poder, resistência e boas virtudes de uma determinada nação ao qual aquela figura está representando.

Esse processo é fundamental para compreender as instâncias do poder, pois quem realmente o detém, o utiliza de forma silenciosa e sutil, impondo suas vontades sobre o outro sem que o remetente dessa imposição consiga perceber que se encontra em uma posição de submissão (Galdioli, 2008). A indústria cinematográfica norte-americana é uma das maiores do mundo, sendo Hollywood a maior expressão desse setor não somente nos EUA, mas em todo o mundo ocidental, Butcher (2004) elenca que a produção hollywoodiana é o maior símbolo de criação artística do sistema capitalista com objetivos claros de criar uma força coletiva de trabalho e controle social.

Esse modelo deu abertura para a produção em larga escala de produção cultural, como observado em outros setores industriais, no entanto, o que se produzia e vendia nessa escala de produção era a criação da subjetividade, dotados de caráter universal que deu origem a criação da “economia coletiva do desejo”, sendo essa subjetividade sua principal matéria-prima (Butcher, 2004). Os britânicos durante seu período de domínio político, econômico e cultural utilizavam da educação imperial e construção de infraestrutura imperial em suas colônias para consolidar seu controle entre o centro e a periferia,

² Ferramenta persuasiva para personificar virtudes nacionais e projetar ideais de resistência e poder, facilitando a coesão social e a identificação do público com determinados projetos de identidade nacional.

difundindo sua língua, cultura e correntes de pensamento (Galdioli, 2008).

Na obra, “Formação Econômica do Brasil” de Celso Furtado, publicada em 1959, o autor ao analisar os parâmetros de ordem econômica com impactos na ocupação territorial, discorre que todas as colônias europeias no período colonial, estavam submetidas ao exclusivo metropolitano, no entanto, as colônias inglesas no continente americano tinham um caráter mais peculiar. Ao contrário da colonização ibérica, ao qual predominava um processo de colônia de exploração, as colônias inglesas eram voltadas para o povoamento, com uma estrutura organizada de dentro para fora, sendo sua produção voltada principalmente para o mercado interno.

Essa estrutura criou uma clara diferenciação entre esses dois processos de colonização, pois a colonização ibérica gerou uma estratificação social no território baseada na relação entre senhores e escravos, havendo uma completa ausência de uma classe média empreendedora o que o tornava mais aprisionado a metrópole e as tradições da Igreja Católica, combinando essa relação a uma economia baseada na monocultura e mão de obra escrava, cuja produção era voltada para o mercado externo. A colonização inglesa no continente americano por ter como característica principal o povoamento, concedia aos colonos maior autonomia o que os levou a um processo emancipatório mais rápido de sua metrópole, criando de forma mais ágil uma “consciência de identidade nacional”, em relação a América Ibérica (Galdioli, 2008).

Esses colonos, em sua maioria protestantes, enxergavam a América do Norte como a terra dos eleitos destinados a construir uma nação forte e independente e esse pensamento foi fundamental para que nascesse a sua Declaração de Independência³, se tornando o documento mais importante de sua história (Galdioli, 2008). Esse momento configurou um ponto de ruptura devido uma colônia conseguir pela primeira vez sua independência por meio de uma revolução, o que contribuiu para a formação de sua identidade nacional e sua inclinação a se expandir para o Oeste, inaugurando assim, o conceito de Destino Manifesto.

Tal conceito justificava o dever que a sociedade norte-americana tinha de expandir sua experiência de independência a outros países, dessa forma, conseguiam fundamentar suas ambições fora do polo material, mas dentro do polo simbólico. Esse processo, consolida duas figuras principais do imaginário norte-americano, o *cowboy* que conquista e domina o Oeste e sua civilização selvagem, e a ideia do “homem que se fez sozinho”, que

³ A independência dos Estados Unidos ocorreu em 4 de julho de 1776.

por meio da determinação e trabalho duro, enriqueceu.

Seu processo de industrialização, impulsionado pelo norte, os tornou uma potência econômica, levando-os a concluir que a América Latina deveria ser uma zona de influência americana devido seu caráter estratégico, ao qual por meio dessa doutrina, os EUA passaram a realizar dezenas de intervenções e expansões territoriais de seu interesse na América Latina (Módolo, 2012). Uma das visões estratégicas que os EUA nutriam pela América Latina era torná-la um mercado consumidor dos produtos industrializados americanos e afastar os interesses imperialistas dos europeus na região, cuja essa visão ainda se mantém viva no imaginário político americano, sendo Cuba o maior alvo histórico dessa doutrina (Galdioli, 2008).

A política de boa vizinhança, diferentemente da Doutrina Monroe⁴, buscava estreitar os laços entre os EUA e a América Latina, desfazendo a má impressão provocada no continente pelas ações tomadas pelos EUA durante o período Monroe. Essa mudança surgiu como forma de eliminar qualquer influência alemã na América Latina, além de produzir um mercado consumidor externo para seus produtos industriais e obter acesso às matérias-primas presentes no continente, importantes para alimentar seu parque industrial (Galdioli, 2008).

O livro “Chutando a Escada” do autor Ha-Joon Chang (2004) destaca como os países desenvolvidos estão tentando chutar a escada pela qual subiram ao topo, ao impedir que os países em desenvolvimento adotem as políticas e as instituições que eles próprios usaram. O autor examina a pressão que o mundo desenvolvido exerce sobre os países em desenvolvimento para que adotem certas políticas e instituições hoje consideradas necessárias ao desenvolvimento econômico, mas que não foram seguidas por eles no passado.

Para Chang (2004) as chamadas políticas de ICT (política industrial, comercial e tecnológica) são as que separam os países bem-sucedidos, em termos de desenvolvimento econômico, dos outros países, deixando claro que não nega a importância de outras políticas. Após a análise do desenvolvimento econômico sob um prisma histórico, Ha-Joon Chang conclui que se os países desenvolvidos tivessem adotado as mesmas políticas que recomendam aos países em desenvolvimento, não seriam o que são hoje.

Muitos deles, ao longo de sua trajetória de desenvolvimento, recorreram a políticas comerciais e industriais protecionistas, atualmente consideradas políticas “ruins”. Além

⁴ Conjunto de princípios da política externa norte-americana estabelecida em 1823 que visava impedir a influência de potências europeias na sua zona de influência, servindo como ferramenta de expansão da influência política, econômica e militar dos EUA sobre as nações latino-americanas.

disso, no século XIX e início do século XX, antes de se tornarem países desenvolvidos, possuíam poucas das instituições que agora recomendam aos países em desenvolvimento.

Em outras palavras, os países desenvolvidos, pregando políticas ortodoxas⁵, estariam hoje “chutando a escada” para que os países em desenvolvimento não consigam seguir os mesmos caminhos trilhados por eles para se desenvolver.

Hollywood durante o século XX se consolidou como o epicentro de construção e disseminação dessa filosofia pelo Estado americano, onde sua estrutura atendia a um modelo de produção centralizado (Rocha, 2019). Cada etapa de produção de uma obra cinematográfica era supervisionada pelo sistema de estúdio que tinha sua operação semelhante à indústria automobilística, na qual os executivos dos grandes estúdios ficavam encarregados de supervisionar a produção do produto produzido.

A parte de distribuição era de competência dos estúdios que detinham o monopólio das salas de cinema, seja por serem proprietários dessas salas de exibição ou porque controlavam as redes de exibição independentes (Rocha, 2019, p. 23). Esse modelo de produção de subjetividade conseguiu projetar globalmente o “american dream of life”, ao qual segundo Galdioli (2008), o inglês que é a língua predominante dos EUA se tornou “a língua franca do tráfego aéreo ao entretenimento”, suas instituições de ensino passaram a configurar como as melhores do mundo com forte atração de mentes brilhantes de outros países, além de sua cultura popular e produtos industriais e de varejo estar presente no cotidiano de vários cidadãos ao redor do mundo.

A autora sintetiza que a conjuntura internacional da época, obrigava os EUA a investir pesado em sua indústria cultural, pois a Alemanha buscava se projetar ao mundo por meio de sua indústria cultural para alcançar seus anseios expansionistas. Como essa disputa com a Alemanha por hegemonia não se restringia somente ao continente latino-americano, a filosofia do “sonho americano” passou a ser disseminada no mundo inteiro, o que levou a criação do Office of War Information (OWI), em 1942.

Essa instituição passou a cuidar da disseminação e produção de propaganda pelo governo americano tanto em ambiente doméstico quanto no ambiente externo e sua maior preocupação era que as localidades para onde sua propaganda fosse direcionada não concebesssem que estavam sob influência americana, os levando a criar interpretações favoráveis a sua ideologia e interesses. Durante esse processo, observou-se que Hollywood tinha maior impacto de disseminação dos ideais americanos em relação ao rádio e

⁵ Defende que o mercado consegue equilibrar a economia caso o Estado não provoque distorções causadas por controles artificiais e políticas demagogas, onde a política econômica defendida pelos ortodoxos visa maior liberalização da economia.

imprensa, o que levou a Motion Pictures Division, que é a divisão especializada da indústria cinematográfica americana, ficar responsável por tornar as produções hollywoodianas um instrumento de publicidade do governo norte-americano (Galdioli, 2008).

O conteúdo cinematográfico distribuído na América Latina era dividido em filmes de disseminação de propaganda, que buscavam difundir uma imagem positiva do país no continente latino-americano por meio de seus filmes de guerra, esportes e estilo de vida de sua classe média. Os filmes desenvolvimentistas divulgavam o poder de sua indústria e seu progresso técnico-científico e por fim, os filmes de assistência tinham como objetivo ser propagados nas redes de ensino dos países latino-americanos, abordando assuntos de cunho social como saneamento básico com o objetivo de fortalecer sua imagem no subconsciente da população local que não ofereceria uma maior resistência a sua “boa vontade” de intervenção no continente (Galdioli, 2008).

Após a Segunda Guerra Mundial, os EUA se consolidam oficialmente como a maior potência mundial e sua zona de influência hegemônica passa a se concentrar em outras localidades, o que faz o continente latino-americano perder o espaço que havia ocupado durante o período. Dessa forma, o Brasil perde o poder de negociação que detinha com o governo americano até aquele momento, pois com a derrota da Alemanha nazista, os EUA tinham maior preocupação em expandir sua influência para a Europa e alguns países asiáticos devido a inauguração da Guerra Fria, ao qual o país só iria se voltar ao continente latino-americano novamente após o continente acender alerta de “ameaça comunista”, levando os EUA se preocupar com sua perda hegemônica na região (Galdioli, 2008).

Tal situação, decorre do embate entre EUA e URSS, levando esses países a estabelecerem embates no campo cultural, político, econômico e tecnológico para estabelecer o domínio de seu sistema filosófico, no entanto, apesar do conflito entre ambas as partes nunca ter chegado ao campo bélico, gerou amplas disputas por poder e influência sobre diversas nações, gerando grandes conflitos regionais por todo o globo. Esse redirecionamento americano garantiu ao país um arcabouço de pretextos políticos e econômicos sobre outras entidades políticas, conseguindo justificar seus motivos de intervenção em qualquer país para “impedir o desenvolvimento de economias fora da dinâmica capitalista” (Biagi, 2001, p. 66).

Existia um receio dos norte-americanos com o caráter expansionista soviético em propagar sua ideologia vigente ao redor do mundo, levando o diplomata norte-americano

George Kennan argumentar que eles acreditavam no confronto entre capitalistas versus comunistas. Em função disso, não havia possibilidade de cooperação entre os poderes capitalistas e eles, os comunistas (Biagi, 2001, p. 76).

Como a disputa entre as duas correntes não emergiu para um embate militar entre as partes, o confronto se deu por via política, tecnológica, econômica e cultural. Nesse sentido, o confronto tecnológico gerou o chamado de “equilíbrio ao terror” devido ambos os países gerarem uma corrida por arsenais nucleares, gerando receios de eclodir uma possível Terceira Guerra Mundial e ao mesmo tempo equilibrando o jogo do poder por receio de ser atacado de volta por armas letais pela parte atacada (Biagi, 2001).

No final da década de 1950, diversos países latino-americanos passaram a apresentar líderes políticos com maior tendência a causas nacionalistas e trabalhistas, o que gerou certo desconforto em Washington, intensificado pela Revolução Cubana que emergiu durante esse período, o tornando o primeiro país a implantar um governo alinhado a URSS (Gesteira, 2014). Dessa forma:

[...] O governo John Kennedy cria a Aliança Para o Progresso, projeto que visava integrar os países latino-americanos definitivamente ao bloco capitalista, através de investimentos sociais e econômico nessas nações. Os Estados Unidos objetivavam, em tese, combater a miséria presente nessas sociedades, a qual poderia levar esses países a verdadeiros levantes populares, o que criaria condições para tornar estas sociedades propensas ao socialismo, possibilitando uma repetição da história de Cuba'. É nesse contexto que Kennedy [...] além de tentar conter possíveis revoluções populares, servia também, no contexto da Guerra Fria e da Revolução Cubana, para divulgar os ideais econômicos e culturais do capitalismo ocidental e abrir o mercado dessas nações ainda mais ao capital estadunidense (Gesteira, 2014, p. 4).

No entanto, após o assassinato de Kennedy, a política externa americana foi reordenada para conspirações e financiamento de golpes de estado em países com tendência a ideologia soviética, levando dezenas de países sul-americanos a sofrer golpes de estado militar durante a década de 1960 (Gesteira, 2014). A autora explica que de todas as ditaduras que emergiram na América Latina nesse período, a que se instalou no Chile foi a mais violenta, pois durante a década de 1970 o país havia elegido o primeiro líder de estado abertamente marxista.

No entanto, para os EUA isso apresentava uma ameaça exorbitante a sua zona de influência no continente por haver a possibilidade de outra nação latino-americana ter um destino semelhante ao ocorrido em Cuba. Isso os levou a financiar um golpe de estado no país que foi bem sucedido em 1973, alçando ao poder Augusto Pinochet que promoveu intensa repressão política e graves violações aos direitos humanos.

A partir da década de 1980, a URSS passou a apresentar forte estagnação econômica e tecnológica, levando o governo americano a intensificar a disputa por hegemonia por meio de intensa propaganda política que pintava o governo soviético de império maligno, financiando grupos que combatessem movimentos e governos com tendências soviéticas, além de ampliar seu poder bélico nuclear (Biagi, 2001). O autor ressalta que essa intensificação de disputa pelos EUA colocava a URSS em completa desvantagem em todas as esferas, principalmente tecnológica, sendo percebida em comparação com a tecnologia nuclear que havia à sua disposição e aquelas a disposição dos EUA, no entanto, o projeto “Guerra nas Estrelas” anunciado pelo governo americano representou a superação da indústria de armamentos soviética pela indústria bélica americana.

Diante desse cenário, a URSS se via cada vez mais enfraquecida e isso se tornou cada vez mais evidente após a queda do Muro de Berlim, em 1989, reforçando que aquela estrutura social que antes se apresentava como uma potência econômica e política estava em ampla decadência. Em 26 de dezembro de 1991, a URSS se dissolveu, colocando um fim ao período de Guerra Fria, desse modo, os EUA não possuíam mais um inimigo que justificasse suas ações intervencionistas no contexto geopolítico, os levando a se apoiar no contexto de globalização que emergiu após a queda soviética para obrigar “todos os países do mundo a seguirem o modelo econômico dos Estados Unidos”, se valendo da lógica de mercado para impor sua hegemonia (Biagi, 2001).

Esse cenário passa ser modificado após o marco ocorrido em 11 de setembro de 2001, ao qual o ataque às Torres Gêmeas que simbolizava parte do poder político e econômico dos EUA, gerou um profundo impacto sobre o ego e valores americanos, pois entrou em confronto com sua liberdade de ir e vir dentro de seu território, além de passar a ser compreendido, que apesar de ser uma nação rica e vencedora da Guerra Fria, também apresentava vulnerabilidade como os demais países ao redor do mundo. Como resposta a esse incidente, o presidente americano George W. Bush lançou a Doutrina Bush de Segurança, pela qual os EUA por gozar de um enorme poder político, econômico e militar se viam como os responsáveis pela defesa do mundo civilizado de ameaças terroristas e, em função disso, teriam carta branca para incorporar suas leis em qualquer lugar do mundo que ameaçasse seus interesses nacionais (Módolo, 2012, p. 81).

Durante a gestão Bush, essa filosofia foi plenamente estabelecida por meio de sua doutrina, segundo a qual qualquer inimigo do Estado americano passou a ser combatido, pois os neoconservadores acreditavam no conceito maquiavélico de sempre se preparar

para a guerra, pois mesmo que esteja em tempos de paz, o poder bélico deve ser exercitado (Modolo, 2012, p. 91). Isso levou o período Bush a ser marcado pela Guerra ao Terror, que se caracterizava pela ampliação de gastos militares e investimento tecnológico para exercer sua força, no entanto, para que essa guerra fosse bem-sucedida era necessário ter apoio amplo do polo social interno e externo.

Dessa forma, buscou-se apoiar na dramatização tanto da mídia quanto dos discursos políticos proferidos durante esse período com claro objetivo de manipulação da opinião pública. Um claro exemplo dessa situação ocorreu no discurso feito por Bush, horas após o ataque, quando além de reafirmar os valores do povo americano induziu em seu discurso que as demais nações (principalmente não ocidentais), não possuíam graus de civilidade como a sociedade americana. Ao final do discurso, Bush apela para o combate de um “eixo do mal”, se referindo aos países responsáveis pelo ataque e aqueles contrários à Guerra ao Terror promovida pelos EUA (Lima e Schneider, 2024).

Nesse sentido, a indústria cinematográfica norte-americana desempenhou um papel crucial na Guerra ao Terror promovida pelo Governo Bush, pois foi utilizada como propaganda patriótica do país e difamatória a grupos contrários aos interesses americanos. Hoffmann (2021), elenca que o governo Bush após o atentado, se aproveitou do momento para aprovar leis que autorizava o Estado a tomar qualquer medida para defender a ordem, mesmo que tivesse impactos significativos nos direitos civis de seus cidadãos, além de abrir centros de detenções como a Base Naval da Baía de Guantánamo, em Cuba, local onde se violavam diversos direitos individuais.

Essa relação entre o Estado americano e Hollywood sempre foi crucial para a promoção dos interesses americanos em períodos de conflito:

[...] Em troca de certo controle criativo, os produtores e estúdios teriam acesso a locais, equipamentos, consultoria e assistência técnica, em razão disso, seria possível definir essa cooperação como uma “rede militar-industrial de entretenimento de mídia”, na qual as narrativas destas produções midiáticas cumprem a função de transmitir mensagens daqueles no poder e definir a agenda, e isso se daria através de financiamento e/ou de apoio de agências como a Agência Central de Inteligência (CIA, sigla em inglês), o Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (DOD, sigla em inglês) e o Departamento Federal de Investigação (FBI, sigla em inglês), que fornecem consultores e oferecem suas sedes e bases militares para gravarem as produções, além de empréstimo de equipamentos militares, como aeronaves e navios por exemplo” (Hoffmann, 2021, p. 34-35).

Durante esse período, diversas produções cinematográficas foram lançadas no cinema com esse teor de propaganda da Doutrina Bush, como o “Homem Aranha” e “Star

Wars: Episódio II – Ataque dos Clones”, lançados em maio de 2002, ao qual produziam encenação do terror por meio da arte cinematográfica (Hoffmann, 2021). Nesse contexto, Hoffmann (2021), menciona ainda o filme “As Torres Gêmeas”, lançado em 2006, representando essa empreitada de Hollywood na Guerra ao Terror.

A obra se inicia com um tom extremamente patriótico, apresentando uma coesão étnica e social no país que não condizia com a realidade da sociedade norte-americana, demonstrando a intensidade do perigo e da catástrofe provocada quando a Torre Norte é atingida. A produção cinematográfica apresenta todo o caos e desespero provocados pelo incidente dentro da sociedade americana, acompanhado da conduta tomada pelo então presidente Bush de vingança pelo ocorrido.

O filme se encerra com um tom de claro discurso político voltado a Doutrina Bush, ao qual o personagem interpretado pelo ator Nicolas Cage se dirige aos telespectadores reafirmando a força do povo americano na superação do trauma causado pelo incidente e como o país ocupava o Iraque durante o lançamento da obra, o personagem interpretado pelo ator Michael Shannon se tornava o impulsionador da imagem positiva do exército americano ao afirmar que o melhor momento de sua vida foi quando serviu a marinha americana. Em todo momento, a obra transmite uma visão negativa de todo o Oriente Médio, representando a sociedade norte-americana como um modelo de civilização a ser seguido e defendido.

Seu sucessor, Barack Hussein Obama foi o 44º presidente dos Estados Unidos, sendo o primeiro afro-americano a ocupar o cargo em 2009, quando o cenário era afetado pelos efeitos da crise financeira de 2008. Segundo Maier (2019), o então presidente tinha como principal tarefa a tentativa de traçar metas para driblar a crise e o desemprego provocado pela crise dos *super prime*⁶, além de retomar o crescimento econômico do país.

Além da crise econômica, o governo herdou duas guerras provocadas pela gestão anterior, nesse sentido, Obama durante sua campanha, se comprometeu a retirar as tropas americanas do Iraque e intensificar a presença americana no Afeganistão (Nelson, 2016). Durante sua gestão, as tropas americanas foram retiradas do Iraque em 2011, encerrando a intervenção americana no país, no entanto, como elencado por Maier (2019), o governo ainda no início de seu mandato ampliou o número de soldados americanos de 21 mil para 60 mil no Afeganistão.

O ataque às Torres Gêmeas em onze de setembro inaugurou a Guerra ao Terror na

⁶ Crise financeira desencadeada pelo colapso do mercado imobiliário dos Estados Unidos, após a concessão indiscriminada de créditos hipotecários de alto risco.

gestão Bush, continuada pela gestão Obama que encontrou o líder do grupo terrorista Al-Qaeda, responsável pelos ataques, representado um dos maiores feitos de sua gestão. No entanto, sua morte não marcou o fim dos conflitos no Afeganistão, mas os intensificou, o que aumentou a presença de militares americanos no país e sua continuidade na guerra.

Em janeiro de 2011, o Oriente Médio é chacoalhado pela Primavera Árabe que segundo Carvalho (2022) foi um projeto do governo americano para conseguir controlar a geopolítica regional, desse modo, os conflitos gerados na Síria representaram o maior processo de convulsão social no Oriente Médio que duram até hoje. O governo Obama também teve seu mandato marcado pelos escândalos envolvendo as denúncias de espionagem do governo norte-americano pelo ex-funcionário da CIA (Agência Central de Inteligência, traduzido para o português) e NSA (Agência de Segurança Nacional, traduzido para o português), Edward Snowden, além dos escândalos envolvendo o site WikiLeaks.

No entanto, esses escândalos não mancharam a imagem do presidente Obama que devido seu caráter carismático e sua intensa relação com a indústria cultural do país conseguiu criar sobre sua aura uma imagem de líder justo e prudente. Em 2015, o jornal britânico *The Guardian*, publicou uma matéria intitulada “*How Obama blurred the border between Hollywood and Washington*”, destacando que o Obama conseguiu ganhar simpatia da maior parte da indústria cinematográfica do país, construindo um legado ao próprio partido de divulgação de suas visões políticas pelo *mainstream* e essa aproximação com a mídia contribuiu para preservar sua boa reputação ao mesmo tempo em que suas ações traziam descontentamento por parte da população americana, elevando a confiança internacional em sua liderança (Shoib; Aquil e Sabat, 2018, p. 23).

Em 2016 surge no cenário político americano uma figura controversa, Donald John Trump, um magnata dos negócios imobiliários em Nova Iorque e apresentador do reality show “O Aprendiz”, conseguiu ganhar espaço na corrida presidencial americana, derrotando sua concorrente, a política de carreira Hillary Clinton. Na época, o partido Democrata buscou compreender o que levou a esse fenômeno novo em sua política, e compreendeu que sua ascensão ao poder se deu em função da implementação da Doutrina Banon em sua corrida eleitoral (Bastos e Freitas, 2025).

Steven Banon é um articulador político da extrema direita, que criou um projeto de poder extremamente estruturado, se apoiando em questões de cunho ideológico, criando um binarismo cultural e político pautado no moralismo e no confronto “eles” contra “nós” (Bastos e Freitas, 2025). Essa doutrina enxerga o processo de globalização como uma

chaga do capitalismo financeiro global que impacta negativamente a vida dos cidadãos americanos, os levando a basear sua doutrina capitalista nos princípios judaico-cristão.

A doutrina também se opõe às políticas de livre comércio propostas no cenário econômico contemporâneo e se vale de medidas protecionistas do plano econômico como forma de proteger a indústria e empregos americanos. Essa visão é constatada por Bastos e Freitas (2025)

O nacionalismo econômico coloca o capitalismo produtivo em primeiro plano como a única política para alcançar salários mais elevados e justiça econômica, uma política que exige o corte de laços com mercados estrangeiros e reduzindo a integração global das cadeias de suprimentos. O nacionalismo econômico também é personificado pela ideia de uma nação com uma economia, não uma economia dentro de um mercado [...], e é consistente com a Restrição de Imigração, com Bannon sendo ostensivamente hostil aos imigrantes e estrangeiros que são percebidos como enfraquecendo o Ocidente judaico-cristão (Bastos e Freitas, 2025. p. 6 - Traduzido pelo autor).

Dessa forma, a Doutrina Banon cria espaço dentro desse contexto global, em que se utiliza dos meios digitais para propagar sua guerra de informações como estratégia para modulação da opinião pública, atacando instituições e a mídia tradicional, e impulsionando figuras políticas a se valer da mentira e discursos de ódio para orientar sua narrativa política (Bastos, 2025). Trump, em sua primeira gestão expandiu o fenômeno eleitoral que ocorreu no país em 2016 para outros países, por exemplo, a ascensão de Jair Messias Bolsonaro no Brasil representou sua maior vitória regional na América Latina (Cepik, 2019, p. 249-250).

Durante esse período, Trump passou a enxergar a presença chinesa no continente latino-americano como uma grande ameaça à segurança e soberania americana, levando o país em 2018 a provocar uma guerra comercial com a China. Seu vice-presidente na época, Mike Pence, buscava criar por meio da mídia a ideia que a ascensão chinesa desempenhava uma ameaça não somente aos EUA, mas para todas as nações, no entanto, houve baixa adesão a esse discurso mesmo entre seus aliados devido a ampla participação chinesa na economia internacional (Cepik, 2019).

Na América Latina, a participação chinesa na economia local representava mais superavit que déficit a sua balança comercial, somente em 2018, a China exportou mais de US\$ 150 bilhões para o continente latino-americano e importou mais de US\$ 140 bilhões dos mesmos, levando o governo americano a se concentrar em uma intervenção no governo venezuelano, ao qual caso fosse bem-sucedido traria um ganho político a gestão Trump na região. Cepik (2019), argumenta que a tentativa de derrubada de Nicolás Maduro

na Venezuela pelo governo americano não foi bem-sucedida, mas ajudou a enfraquecer todo o “consenso interno antichavista entre democratas e republicanos”.

A corrida eleitoral de 2020 demonstrou o impacto da Doutrina Banon que provocou uma invasão ao Capitólio por parte dos apoiadores do presidente derrotado Donald Trump como forma de impedir que Joseph Robinette Biden Jr., assumisse o posto de novo presidente dos EUA ao qual não foi bem-sucedido. O que se observou com a ascensão de Trump na política americana é uma mudança estrutural na forma de se fazer política no país que segundo Piketty (2020), sua ascensão se deve não somente a Doutrina Banon, mas também a imagem que criou de defensor da classe trabalhadora dos EUA, vitimada pela perda de sua indústria para países como México e China.

O autor reforça a visão defendida por Byung-Chul Han de que o neoliberalismo é o maior responsável por essa crise no modelo democrático norte-americano, pois os trabalhadores se perceberam empobrecendo enquanto sua carga horária se eleva e para conseguir manter seu padrão de vida tendem a procurar refúgio em discursos autoritários. Ele indica que a reforma tributária apresentada por Trump em 2017, apesar de não ter sido aprovada, aumentaria a carga tributária sobre os mais pobres, no entanto, tal cenário não modificou sua popularidade sobre a classe trabalhadora devido tal prática ser replicada por diversos governos ao redor do mundo.

Nesse sentido, tal prática passou a provocar nas classes trabalhadoras um sentimento de abandono perante a globalização financeira na qual o atual sistema capitalista se encontra, sendo um fenômeno combatido via discurso pelo trumpismo. A corrida eleitoral de 2024, marca o retorno de Trump a Casa Branca, no entanto, diferentemente do primeiro mandato, passou a se apresentar como um líder mais vingativo e autocrata, passando a buscar dominar o país e confrontar seus desafetos por meio das mídias sociais como forma de modular a cultura popular a seu favor.

2.2. A cultura como fonte de poder político e econômico no Brasil

O Brasil foi concebido como uma colônia de exploração e os setores produtivos oriundos da metrópole dependiam da colônia, pois servia como fornecedora de recursos para a metrópole como matéria-prima e mercado consumidor e conseqüentemente, fonte de sua acumulação de capital. Celso Furtado, em sua obra “Formação Econômica do Brasil”, destaca que essa dinâmica provocou distinções bastante definidas na formação das duas sociedades, pois o povoamento na Nova Inglaterra⁷ contribuiu para que houvesse um

⁷ Colônia de povoamento inglês no continente americano, povoado pelos puritanos protestantes fugidos da Inglaterra.

distanciamento de sua metrópole, onde a receita gerada pelas vendas de algodão produzidas ao sul da Nova Inglaterra para a indústria têxtil inglesa era reinvestida na infraestrutura do país e em suas políticas de industrialização, impulsionadas por sua elite nortista. O autor destaca que o povoamento da América Ibérica, no entanto, não conseguia diferenciar qual atividade produtiva da colônia era destinada à exportação para sua metrópole, em função do exclusivo metropolitano e qual era destinado ao mercado interno, onde a utilização dos lucros impulsionados por essa dinâmica não eram revertidos a uma superação desse modelo, mas para reforçar essa relação de dependência.

Para compreender como esse processo de uma economia voltada para fora produziu impactos profundos no Brasil, a malha de transportes brasileira é atualmente muito dependente de caminhões, sendo uma estrutura imprópria para um país com dimensões continentais, no entanto, esse modelo é resultado do mimetismo dos padrões de consumo oriundos do centro do capitalismo que durante a República Velha⁸, o setor automobilístico dos EUA por meio da propaganda convenceu as elites do período que o carro era símbolo de progresso, ao qual mesmo com engenheiros alertando da necessidade de ampliar a malha ferroviária do país, os alertas foram ignorados tornando a atual estrutura um dos motivos que dificultam o desenvolvimento brasileiro (Pires, 2023).

Essa situação demonstra as diferentes faces do poder, no caso mencionado, o poder se valeu da propaganda conseguindo convencer o destinatário da campanha que está tudo bem renunciar a uma estrutura crucial para seu desenvolvimento em prol de seus interesses. Han (2019), explica que quem possui poder consegue fazer seu subordinado reproduzir o que é de seu interesse, ou seja, o subordinado renuncia às suas próprias particularidades e necessidades em benefício de quem está exercendo poder sobre ele.

O período varguista⁹, é marcado por uma ampla tentativa de Getúlio Vargas de modernizar o país e criar uma identidade nacional capaz de concretizar seus projetos para o Brasil da época. Para compreender o período varguista é necessário retornar a conjuntura do período, pois no início do século XX os cientistas sociais do Brasil compreendiam existir no país uma heterogeneidade cultural em comparação com outras nações modelos do período, o que era visto por eles como uma das razões para o atraso de nossa civilização que precisava alcançar os ideais presentes na sociedade europeia para que a sociedade

⁸ A República Velha (1889–1930) foi o período em que oligarquias agrárias, sobretudo de São Paulo e Minas Gerais, dominaram a política nacional por meio da política “café com leite”, marcada pelo coronelismo e pelo voto de cabresto.

⁹ O Período Varguista compreende o governo de Getúlio Vargas, que durou de 1930 a 1945, marcado pela centralização do poder, pela industrialização, pela substituição de importações, pela consolidação da legislação trabalhista e pelo regime autoritário do Estado Novo.

brasileira se tornasse civilizada. Guerino (2016), deixa explícito essa visão ao ressaltar que

Os pesquisadores somente concebiam uma identidade cultural se fossem como a maneira Ocidental, pessoas brancas, educadas, entre outras características. Por ser um país heterogêneo, o Brasil apresenta a mistura de contribuição de brancos, índios e negros na constituição da nacionalidade (Guerino, 2016, p. 24).

O autor resalta que essa visão foi drasticamente modificada após a Semana de Arte Moderna de 1922¹⁰, quando essa heterogeneidade da cultura nacional foi destacada como a força de nosso povo, dessa forma, Mário de Andrade e Oswald de Andrade passaram a propagar que a cultura brasileira seria resultado da fusão de diversas culturas distintas. Desse modo, o país realizava uma antropofagia cultural do que seria mais importante das culturas que influenciaram nossa sociedade, o que nos torna únicos e originais.

Tal situação demonstra que o Brasil ansiava por uma construção de identidade nacional capaz de conduzir o país ao desenvolvimento, no entanto, para criar essa identidade era necessário haver um reconhecimento de como ocorreu o processo de formação da estrutura de nosso Estado. Vitoreli (2024) coloca sob perspectiva que o Brasil é um caso raro de país onde a economia é quem forma a estrutura social e não o contrário, pois segundo o autor, normalmente as mudanças sociais geram novas estruturas e modelos econômicos, que ao contrário do Brasil, essa estrutura econômica foi montado pela metrópole dentro de sua colônia.

Essa situação estruturou tanto a sociedade quanto a política brasileira e por esse modelo ser estruturado de fora para dentro da colônia para que a mesma atendesse suas necessidades, o país passava a não trabalhar em prol dos seus interesses nacionais, mas em prol de sua metrópole, gerando conflitos e desafios na construção de uma identidade nacional forte e disposta a lutar pelo desenvolvimento autônomo do Brasil. Desse modo, Vargas surge em um período em que o país buscava criar uma identidade, mas que até aquele momento não conseguia definir de forma conceitual uma ideia de Brasil para todos os cidadãos, levando Vargas se dedicar a construção de uma identidade brasileira, mas inicialmente, ele buscou centralizar a política nacional, criar uma nova estrutura econômica e social, inserir o país no âmbito internacional e desenvolver um processo de industrialização no país (Guerino, 2016).

A crise na bolsa de valores em 1929¹¹, provocou uma crise econômica que

¹⁰ A Semana de Arte Moderna de 1922, representou o marco inaugural do Modernismo no Brasil ao propor uma ruptura com o status quo do período, defendendo sua renovação estética com uma temática voltada para a identidade nacional.

¹¹ Colapso econômico mundial iniciado pela quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, causado por superprodução e especulação, levando a uma depressão global que redefiniu o papel do Estado na economia.

demonstrou ao Brasil a necessidade de modificar o modelo político vigente daquele período para superar a crise, pois, o modelo agroexportador apresentou sinais de desgaste, provocando a Revolução de 1930¹² que alçou Getúlio Vargas ao poder que detinha propostas para solucionar essas necessidades do país. Esse período coincidiu com a ascensão da Alemanha nazista e a construção da política de boa vizinhança pelos EUA que disputavam zonas de influência em todo o globo, levando a diplomacia brasileira a se tornar mais pragmática com o objetivo de barganhar insumos para desenvolver sua indústria nacional e elevar seu excedente na exportação de seus produtos primários (Guerino, 2016).

Essa reformulação da estrutura estatal realizada por Getúlio tornou o Brasil o que Guerino (2016) chama de complexo, abrindo espaço para ascensão de grupos radicais como partidos nazistas atuantes em solo nacional que representou a maior associação fora da Alemanha durante o Terceiro Reich, além da ascensão do movimento Ação Integralista Brasileiro (AIB)¹³ dotado de ideais fascistas (Dietrich, 2007). Tal situação levantou algumas tensões no tecido social do país no período, o que preocupava Getúlio Vargas, pois como não existia reeleição na época e com a corrida eleitoral para presidente se aproximando, ele tinha receio dos liberais alcançarem ao poder, pois segundo ele não eram capazes de sanar os problemas do país e alcançar o desenvolvimento.

O Presidente Vargas enxergava a solução para os problemas nacionais em um Estado forte e centralizador, o que o levou em 10 de novembro de 1937 a instaurar um regime autoritário por meio de um golpe que instaurou o Estado Novo¹⁴, pelo qual buscava fortalecer a economia e a identidade nacional. De acordo com Galdioli (2008) para conseguir legitimar esse regime, Getúlio Vargas desenvolveu um programa de propaganda política que simplificava seus ideais para as camadas da sociedade mais incultas por meio da emoção e do discurso da melhoria social e unificação por meio das artes, comemorações cívicas e esportes.

Assim, em dezembro de 1939 foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), extremamente influenciado pelo modelo de propaganda da Alemanha nazista que controlava tantos os meios de comunicação quanto à difusão cultural no país de forma que a propaganda do Estado Novo conseguisse ser propagada por todo território. Segundo Galdioli (2008), durante a Segunda Guerra Mundial, os EUA disputavam com a Alemanha

¹² Golpe militar que encerrou hegemonia das oligarquias cafeeiras e à República Velha, alçando Getúlio Vargas ao poder.

¹³ Movimento político de extrema-direita fundado por Plínio Salgado em 1932, inspirado pelo fascismo italiano.

¹⁴ Fase ditatorial do governo de Getúlio Vargas, marcado pela centralização de seu poder político e econômico no país.

o domínio hegemônico sobre territórios, levando os EUA perceber que o cinema era uma enorme fonte de propaganda por conseguir alcançar todas as camadas sociais, ao qual durante sua política de boa vizinhança passou a investir em sua participação na América Latina por meio de figuras como Carmen Miranda e animações dos Estúdios Disney com o personagem “Zé Carioca”.

Percebendo a posição do Brasil diante desse cenário, Getúlio adotou uma política pragmática, que só assumiu uma posição favorável aos EUA no conflito após a Alemanha atacar navios brasileiros (Guerino, 2016). Neste período, o Estado Novo passou a investir fortemente na divulgação da música popular brasileira, desse modo, o samba-canção passou a ganhar grande visibilidade devido à figura de Carmen Miranda no cenário internacional (Guerino, 2016).

Como esse período buscava criar uma identidade nacional, a canção “Aquarela do Brasil” se tornou um símbolo da cultura brasileira e um dos maiores sambas-canção já lançados. Nesse sentido, a máquina de propaganda do período varguista atrelado a política de boa vizinhança dos EUA que buscava estreitar laços com a América Latina, impulsionava a imagem do Estado brasileiro no exterior via indústria cultural (Guerino, 2016).

É importante ressaltar que Vargas buscava não somente criar uma identidade nacional, mas também diferenciar o Brasil de outros países latino-americanos, Guerino (2016) ressalta que tal motivação levou o governo varguista tornar a figura de Carmen Miranda um símbolo nacional, tornando o samba discriminado na sociedade brasileira pela origem negra se tornar uma marca de nossa cultura devido o processo de embranquecimento do ritmo alçado pela figura da Carmen Miranda. Sousa (2024) comenta em sua obra “O pobre de direita” que

A partir de 1930, [...], a revolução cultural varguista implica reconhecimento da cultura negra como um pilar cultural fundamental, [...], e se constitui, a partir disso, na primeira afirmação positiva do povo mestiço e negro na nossa história. Foi essa afirmação positiva que ajudou a interditar o racismo explícito que vigorava antes de 1930 (Sousa, 2024, p. 80).

O autor exemplifica o que foi abordado no início deste tópico, que para o Brasil conseguir criar uma identidade nacional capaz de unir a nação ou pelo menos conseguir aceitar a identidade gerada era necessário reconhecer o processo de formação da estrutura do Estado nacional e principalmente os grupos que o influenciaram. Getúlio Vargas foi o único líder brasileiro até aquele momento a implementar essa visão ao exaltar a cultura

popular dos grupos marginalizados de nossa sociedade como fundamentais para nossa existência como nação.

A figura de Carmen Miranda representou um símbolo importante para a formação dessa identidade, pois foi a partir dela que se criou o significado do que seria o brasileiro, que, apesar de ser uma identidade adulterada e recheada de estereótipos e isso era explícito em seu comportamento, também era munida de um vestuário elegante e extravagante, atrelado ao linguajar e malemolência ligados a população periférica brasileira (Guerino, 2016). Diferente dos EUA, o Brasil não detinha uma estrutura capaz de impulsionar a indústria cinematográfica, sendo o rádio o mecanismo de melhor difusão ideológica do Estado Novo.

Duarte (2010), explica que a indústria cinematográfica brasileira possuía várias dificuldades para se estruturar como Hollywood, pois apresentavam grandes dificuldades para exibir suas produções devido às redes de cinema do país serem monopolizadas pelas produtoras norte-americanas. Esse mecanismo ilustra as relações entre centro e periferia no qual o primeiro devido deter progresso tecnológico consegue avançar na frente da periferia, influenciando o padrão de consumo dessa sociedade que se torna altamente dependente culturalmente dos países centrais replicando seus hábitos e ideologias devido à difusão da ideologia dominante via cultural.

Isso impactou até mesmo o processo de substituição de importações apoiado pelo governo varguista em uma tentativa de desenvolver a indústria nacional, pois:

A assimetria da evolução das economias centrais e periféricas faz com que as primeiras, que controlam o progresso tecnológico, acabem por impor padrões de consumo para as segundas, que se tornam, assim, dependentes. O dualismo se define, portanto, de início, no plano cultural [...] transferindo-se para o dos processos produtivos (Bolaño, 2015, p. 88-89).

Um exemplo dessa relação é o fato da imprensa brasileira se aliar completamente a ideologia norte-americana, que usava de seus meios de comunicação para exaltar toda cultura americana desde suas produções culturais quanto seu modo de ser, além de propagar a ideia que persiste até os dias atuais na sociedade brasileira, na qual apenas os formatos hollywoodianos são aceitos como qualidade técnica, o que facilitou a difusão do “american way of life” no país (Junior e Gonçalves, 2015). Os autores citados anteriormente, discorrem que a consequência dessas práticas foi a criação de uma sociedade que mimetiza os ideais de consumo e estilo de vida oriundo dos EUA.

O futebol foi outro recurso utilizado pelo período varguista como meio de

construção de identidade nacional. Inicialmente, era voltado para a elite econômica do país e passou a ter interferência do Estado em uma tentativa de absorver o amor e paixão pelo esporte conforme os interesses do governo varguista.

Isso porque, o futebol oferece aos seus apreciadores um espaço capaz de gerar criações de identidades, regulamentando valores culturais que vão desde a rebeldia, questionamentos ao *status quo* da sociedade vigente, celebração de sua identidade ou criação de distinções entre os grupos, servindo como meio de inclusão social (Power; Widdop e Parnell, 2020) e Vargas, compreendia esse impacto do futebol o impulsionando de forma sutil. No entanto, seu investimento em torná-lo um símbolo nacional se intensificou após observar na Copa do Mundo de 1938, a população brasileira torcer e apoiar de forma muito afetuosa a seleção brasileira (Pedroso, 2023).

O gênero da Bossa Nova emergiu durante o governo de Juscelino Kubitschek, quando seu projeto de governo consistia em modernizar o Brasil e criar uma imagem do país no imaginário internacional (Timmermans, 2021). Kubitschek desejava alcançar durante sua gestão um maior desenvolvimento industrial e expansão da economia brasileira no polo internacional, dessa forma, criou o Plano de Metas que tinha como objetivo não somente modernizar, mas também desenvolver a infraestrutura e economia brasileira (Timmermans, 2021).

Para Timmermans (2021) esse plano promoveu uma abertura da economia brasileira para o capital internacional, no entanto, esse modelo econômico de financiamento externo promovido por Juscelino provocou um aumento no Produto Interno Bruto inicialmente, porém posteriormente, elevou o valor da nossa dívida externa, provocando problemas inflacionários. A construção de Brasília marcou o governo de Juscelino como um presidente modernizador que integrou a capital brasileira às regiões centrais do país, mas que em função do capital necessário para a execução desse planejamento agravou nosso problema de endividamento externo e inflacionário (Timmermans, 2021).

Essa conjuntura provocou impactos em toda a arte e cultura produzida no período, pois os artistas e pensadores buscavam criar um imaginário brasileiro moderno ao mesmo tempo em que alguns se lamentavam em suas obras pela mudança da sede do poder político brasileiro. Timmermans (2021), explica que esse fenômeno impulsionou a criação da Bossa Nova, pois sua visão modernista demonstrava que era necessário haver estilos artísticos que incorporassem essa concepção.

É neste contexto que nasce esse movimento artístico que diferente do samba não

manifestava críticas às questões sociais do Estado nacional, pois exprimia as visões oriundas da classe média brasileira de uma sofisticação não aristocrática. Seu ritmo sonoro trazia um rompimento com as tradições musicais do período ao mesmo tempo que incorporava influências de fora como o jazz mesclado com o samba brasileiro estruturado em uma nova roupagem como a criação de “harmonias mais relaxadas que se assemelhavam ao jazz americano” (Timmermans, 2021).

A popularização desse ritmo se deu na década de 1960, representando o Brasil como uma nação pacífica e altruísta, levando a cidade do Rio de Janeiro se tornar símbolo desse movimento artístico. O autor continua argumentando que esse destaque ao Rio de Janeiro pode ser explicado como uma reação da cidade frente a perda do seu status como capital do país, demonstrado de forma recorrente a melancolia expressa nas canções da Bossa Nova frente a essa modernização que lhe retirou o prestígio de capital nacional promovida pelo governo JK, exprimindo um ufanismo a cidade carioca em muitas de suas canções.

A canção “Samba do avião” de Tom Jobim, expressa esse ufanismo recorrente nas canções da Bossa Nova que eleva a antiga capital do país em uma tentativa de expressar que o Rio, mesmo não concentrando mais o centro administrativo do Brasil como antes, ainda era o cartão postal da criação artística e cultural do país, se posicionando como um estilo artístico importante na música internacional. Ainda segundo Timmermans (2021) a canção “Garota de Ipanema” de Tom Jobim se tornou um símbolo musical sofisticado em todo o mundo, projetando o Rio de Janeiro como principal cartão postal do Brasil.

Após o governo de Kubitschek, Jânio Quadros venceu as eleições presidenciais e João Goulart as eleições para vice-presidente, no entanto, as posições políticas de Jânio provocaram apreensão em diversas alas da sociedade e política brasileira, além de aborrecer Washington devido às suas posições adotadas na política externa. Segundo Gesteira (2014), uma das ações adotadas por Jânio, interpretada como um insulto pelos setores conservadores das forças armadas brasileiras foi quando Jânio Quadros condecorou com a Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul o líder da Revolução Cubana, Ernesto Che Guevara, o que lhe rendeu acusações de simpatia ao regime e a ideologia soviética.

Tal ação gerou uma enorme instabilidade política no Brasil, levando Jânio a renunciar a presidência que seria assumida por João Goulart que sofreu enormes pressões para não assumir o cargo devido às acusações de ter relações com partidos que apoiavam a ideologia soviética. Assim, em 01 de abril de 1964 foi instaurada a ditadura militar no

Brasil que inicialmente se dizia ser uma intervenção breve com objetivo de resguardar nossa segurança nacional e nosso prestígio internacional, no entanto, esse regime perdurou por mais de vinte anos e neste período a cultura brasileira passou a resistir ao regime com a criação de movimentos artísticos importantes para nossa história.

Nesse período, os festivais deram voz a diversos artistas e movimentos culturais, impactando aquele contexto histórico por meio da ousadia dos artistas, suas músicas de protesto e da arte psicodélica, o que traria um dos maiores movimentos culturais de nossa história. Após o golpe militar de 1964, Celso Furtado se exilou e durante esse período passou a analisar suas convicções pré-estabelecidas sobre o desenvolvimento econômico brasileiro.

Assim, sua conclusão passou a se basear no campo da cultura, ao qual, ele passa a discutir que períodos históricos extremos forçam as sociedades a confrontarem seus paradigmas e promover uma reflexão de sua origem, o que os leva a criar uma identidade nacional capaz de superar o momento de crise:

Percebe-se aqui o projeto de Furtado: encontrar através da análise histórico-cultural uma forma de transferir a criatividade artística para o campo da política, tornando-a criativa e capaz de propor caminhos de superação da crise brasileira (Pires, 2023, p. 8).

Nesse sentido, durante a ditadura os artistas Gilberto Gil e Caetano Veloso representavam uma das maiores forças do campo cultural de expressão artística do país, pois definiram a juventude de sua época por meio de movimentos artísticos popularizados por eles como o Tropicalismo¹⁵, inventando, segundo Azevedo (2016), “uma juventude com gestualidade, imagem e vocabulário rítmico com marcas brasileiras”. O autor destaca que a cidade de Salvador foi vanguarda nos movimentos artísticos do período, muito em função do estímulo cultural da Universidade Federal da Bahia que provocou uma mudança cultural da cidade, contribuindo na criação da estética musical e artística do movimento Tropicália e do Cinema Novo.

É importante ressaltar que Gil e Caetano dois dos maiores símbolos do movimento tropicalista foram alunos da universidade. Os artistas criaram uma nova forma de ser jovem na sociedade brasileira, principalmente entre a classe média do país, transitando entre a cultura internacional da época e a cultura nacional que eram explicitadas em suas obras e encartes musicais.

¹⁵ Movimento cultural brasileiro inaugurado no final da década de 1960, inspirado nas obras de Oswald de Andrade divulgadas durante a Semana da Arte Moderna de 1922. O movimento, promoveu uma ruptura estética ao fundir elementos da cultura popular e tradicional com inovações da cultura de massa e do rock psicodélico como meio de enfrentamento à repressão instaurada no período.

Caetano Veloso traduz em sua música “Panis Et Circenses” do álbum considerado um marco do movimento estético tropicalista “Tropicália ou Panis Et Circenses”, lançado no final da década de 1960, reunia *Gal Costa, Gilberto Gil, Nara Leão, Os Mutantes e Tom Zé*, o desejo de se afastar do tradicionalismo e questões sociais em torno de uma mesa de jantar para manter as aparências dentro daquela sociedade. A canção interpretada por Rita Lee é um marco no movimento tropicalista e na sonoridade da banda “Os mutantes” no qual fazia parte.

Gilberto Gil trazia em suas obras uma manifestação de suas origens miscigenadas e o contexto social que sua juventude estava exposta no período. Durante a construção do movimento Tropicália, o artista trouxe a canção “Domingo no Parque” que se tornou um símbolo do movimento ao qual misturava elementos sonoros da cultura popular com o erudito sob uma perspectiva letrista de dois jovens apaixonados pela mesma mulher.

Azevedo (2016) sintetiza que a antropofagia é algo comum em muitas sociedades, no entanto, a sociedade brasileira foi a que melhor incorporou esse canibalismo cultural e o Tropicalismo é um exemplo dessa particularidade cultural da sociedade brasileira, pois o gênero revolucionou o cenário cultural do Brasil no período, tendo como influência a Semana de Arte Moderna de 1922 que marcou um processo de ruptura com as visões tradicionais daquela época, trazendo ao Tropicalismo o exagero e a pluralidade cultural que já se manifestava em 1922. A banda “Os Mutantes” apresentou uma força não somente ao movimento tropicalista, mas também para história da música, pois o trio composto por Sérgio Dias na guitarra e voz, Arnaldo Baptista no baixo e teclado e a Rita Lee nos vocais da banda influenciaram o cenário musical no Brasil e no mundo.

Por fazer parte da periferia do capitalismo, o Brasil tinha grandes dificuldades de ter acesso às tecnologias utilizadas por grandes estúdios de música para implementar em suas gravações. Movido por essa situação, Cláudio César Dias Baptista, irmão de dois integrantes da banda, passou a construir guitarras e instrumentos que viriam a auxiliar a banda dos irmãos posteriormente (Paiva, 2016).

O primeiro álbum da banda, intitulado “Os Mutantes”, foi considerado na época de seu lançamento a obra mais impactante da música brasileira, ao qual a tecnologia proveniente dos instrumentos produzidos por Cláudio conseguiu trazer para a banda uma construção rítmica única o que auxiliaria o mercado fonográfico conseguir superar o atraso tecnológico de suas produções. Em termos de mercado, a banda não era uma grande vendedora de discos como outros artistas e bandas da época, no entanto, era vista como uma banda transgressora e inovadora, inspirando artistas e movimentos culturais do mundo

inteiro.

O movimento tropicalista influenciou a música brasileira posterior a ela, mas chegou ao fim após o Ato Institucional nº 5 de 1968 que intensificou a repressão militar, levando os artistas símbolos do movimento a se exilar em outros países, o que enfraqueceu o cenário tropicalista (Madeira, 2023). Durante o período de ascensão do Tropicalismo, emergiu também no cenário musical brasileiro a Jovem Guarda que tinha clara inspiração no rock que estava em ascensão no mundo jovem daquele período, sendo um dos braços oriundos da contracultura que emergia na época.

É importante compreender que até aquele momento não existia de forma consolidada o conceito de adolescência como conhecemos hoje ou uma indústria voltada para ela, mas durante os anos 1960 devido à contracultura que nasce da juventude oriunda dos países industrializados a figura do jovem passa a ganhar maior protagonismo nos meios culturais e nas movimentações sociais (Zan, 2013). Zan (2013), ressalta que o fenômeno do surgimento do jovem como adolescente está amplamente relacionada com o perfil de consumo da sociedade norte-americana na metade do século XX, que devido à acumulação de capital do país gerado pelo sistema capitalista implementado pelos EUA, aliado a novos modelos organizacionais das fábricas sugeridas por Henry Ford¹⁶, provocou uma mudança no sistema de produção do capitalismo e as mudanças na carga horária de trabalho e elevados salários levou a sociedade americana conseguir criar novos hábitos de consumo.

Neste período, o modelo de produção proposta Frederick Winslow Taylor¹⁷ ampliou a produtividade dos trabalhadores norte-americanos e seguindo a teoria econômica desenvolvida por John Maynard Keynes¹⁸ de que a demanda impulsiona a produção, levou um aumento do produto dos EUA lhe permitindo acumulação de capital e inserção de uma notável classe consumidora que alimentava esse sistema. Diante desse cenário que o rock surge no Brasil, que diferentemente da sociedade americana possuía 60% de sua população

¹⁶ Empresário ligado à área industrial americana, fundador do sistema de produção em massa baseado na linha de montagem presente em uma fábrica em escala industrial, mais conhecido como fordismo.

¹⁷ Criador do sistema conhecido como taylorismo ao qual introduziu o conceito de padronização do processo produtivo dentro da área industrial, ao qual buscava maximizar a produtividade das indústrias por meio de uma estruturada divisão do trabalho por parte dos trabalhadores presentes na linha de produção.

¹⁸ Economista britânico, fundador da teoria econômica keynesiana que defende que o livre mercado não garante sempre o pleno emprego, ao qual em períodos de crise ou recessão, o Estado deve intervir ativamente na economia por meio de gastos públicos e investimentos para estimular a demanda agregada e garantir a estabilidade social. Tal concepção influenciou as políticas econômicas adotadas pelos países oriundos do centro do capitalismo no período do pós-guerra.

vivendo na zona rural com uma indústria bastante tímida no cenário econômico o que provocava uma falta no mercado consumidor e o surgimento de uma cultura de massa como apresentado nos países desenvolvidos.

Zan (2013), expõe que apesar desse cenário, o ritmo ao chegar no Brasil conseguiu ter um espaço fértil para sua proliferação na sociedade brasileira, onde ainda na década de 1950 a indústria de mídia brasileira Continental, vendo essa ascensão do rock passou a trazer canções do gênero ao mercado brasileiro sob interpretação de Nora Ney que era uma cantora proveniente do samba-canção. Em 1959 foi lançada uma versão nacional da música “Stupid Cupid” interpretada originalmente por Neil Sedaka¹⁹.

A versão nacional passaria a ter como intérprete Celly Campello²⁰ se tornando um sucesso nas paradas musicais da época e a consolidando como a maior representante do gênero durante aquele período. Suas músicas tinham uma representação ingênua e românticas detendo um humor voltado à juventude que deveria ser prudente e comportada contrastando o que viria posteriormente no gênero que representaria uma juventude rebelde e contestadora.

Nesse período, Roberto Carlos Braga adentra no mercado fonográfico, no entanto, não desponta inicialmente, conseguindo maior reconhecimento apenas na década de 1960 com a versão nacional feita pelo Erasmo Carlos da canção internacional “Splish Splash” de Bobby Darin. A partir daquele ponto, Roberto Carlos passa a se tornar o maior artista do gênero e líder de audiência de programas musicais que eram exibidos na TV durante os anos 1960 (Zan, 2013).

Em 1965, a TV Record criou o programa de TV intitulado como “Jovem Guarda”, que era voltado completamente para o público jovem durante as tardes de domingo, comandado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, ficando no ar até 1968, apresentando altos índices de audiência durante todo o período de exibição e levando os apresentadores se tornarem símbolos da juventude e o seu gênero musical ser intitulado como Jovem Guarda (Zan, 2013). Roberto Carlos era símbolo não somente do gênero Jovem Guarda, mas também uma máquina de propaganda da ditadura militar, o que contribuiu para a consolidação de sua imagem no país.

A Revista Época, pertencente a Editora Globo, lançou uma matéria em abril de 2014, na qual aponta a relação entre Roberto Carlos e os militares durante o período da

¹⁹ Cantor americano responsável por contribuir para a padronização melódica da indústria fonográfica dos EUA entre as décadas de 1950 e 1960.

²⁰ Pioneira do rock brasileiro e a primeira grande ídolo juvenil da música nacional.

ditadura na qual apresenta que o artista foi condecorado pelos militares durante os anos de chumbo, ocupou cargos de conselheiro do governo em algumas ocasiões e devido a sua proximidade com o regime, conseguiu não ser atingido tão fortemente pela censura. A Jovem Guarda chegou ao fim em 1968, juntamente com o fim do programa exibido na TV Record, no entanto, para compreender esse fenômeno do movimento por meio da mídia é importante compreender como se formou a indústria televisiva no Brasil.

A primeira rede televisiva do Brasil surgiu em 1950 com a TV Tupi, durante o período varguista em um cenário no qual o país era altamente agrícola e a maioria da população se encontrava presente na zona rural (Fernandes, 2014). O autor citado na sentença anterior, direciona esse fator ao fato de nesse primeiro momento, a televisão ser propagada apenas nas classes mais altas para as quais a programação era voltada a programas de cunho cultural, porém tal situação passa a ser modificada durante a década de 1960, quando a popularização dos televisores dentro da sociedade brasileira é ampliada para a classe média, fazendo com que as redes televisivas abandone os programas de cunho cultural.

Diante desse cenário, o regime incorporou legislações para facilitar a produção de um desenvolvimento técnico capaz de consolidar um sistema de telecomunicações nacional, pois os militares enxergavam esse sistema como uma forma de integração do regime em um polo nacional por meio de sua divulgação ideológica. É durante esse processo que o comunicador Roberto Marinho consegue inaugurar a rede de televisão TV Globo que antes da ascensão dos militares ao poder

[...] Em 1962, [...] estabelece acordo ilegal com a empresa norte-americana Time Life, onde esta investiu na nova emissora brasileira capital estimado em 1,5 milhão além de treinamento especializado, o que possibilitou a compra de equipamentos, acesso a tecnologias e know-how. Este acordo ilegal permitiu que a Rede Globo se desenvolvesse e se diferenciase das outras emissoras, e mesmo após as investigações quando ficou determinada a quebra do acordo e o pagamento da dívida com a Time-Life, a empresa já havia se beneficiado dos recursos e do treinamento, sendo impossível reverter a situação de favorecida (Fernandes, 2014, p. 4-5).

Roberto Marinho foi um grande colaborador da ditadura militar, pois para conseguir ter hegemonia no mercado nacional precisavam ter o Estado do seu lado contribuindo para sua estruturação, dessa forma, a TV Globo por meio de sua programação disseminava por todo território nacional propagandas positivas do regime e em troca o governo permitia que a emissora utilizasse a infraestrutura criada por eles como a Rede Nacional de Telecomunicações o que possibilitava os militares propagar seu ideal de

unidade nacional (Fernandes, 2014). É nesse contexto que o maior jornal de notícias do país até os dias atuais é criado em 1969, o Jornal Nacional passaria a ser um modelo que se articularia com o regime e seus interesses ao mesmo tempo em que defenderia os interesses da elite política e econômica do país.

Essa relação perdura até os dias atuais, no entanto, durante a ditadura foi criado um novo tipo de coronelismo no país, ao qual as empresas de telecomunicações realizam acordos com os detentores do poder público que ao se alinhar ideologicamente a quem se encontra no comando do país consegue ampliar o quadro de concessões realizado pelo governo, o que amplia seu poder político (Fernandes, 2014). Nesse sentido, a consolidação dessas empresas televisivas, em especial a Rede Globo, que a ideologia das elites americanas e européias passa a ser propagadas no país, pois a ascensão da televisão permitiu que essas elites conseguissem expandir suas doutrinas aos países periféricos (Cruz, 2023).

A promulgação do Ato Institucional nº 5 levou a música popular a se modificar e passar a adotar músicas de protesto, levando jovens universitários a impulsionar essas manifestações da Música Popular Brasileira (MPB), usando as canções de artistas como Elis Regina para demonstrar seu descontentamento com a ditadura. Cruz (2023) explica que o MPB é o movimento cultural com maior adesão das camadas populares do país, sendo um dos maiores contribuintes para a criação da identidade nacional.

Sua consolidação se dá na década de 1970, que aliada com a indústria cultural brasileira conseguiu se fazer presente no dia a dia da população dos grandes centros urbanos que devido a indústria de massas, os grandes conglomerados de mídia do país passaram a incorporar em sua grade opiniões desfavoráveis ao regime, mas para atender a demanda que se construía por produções mais críticas. Cruz (2023) enfatiza que essa atitude partiu da necessidade dessas mídias se aproximarem do povo e essa facilidade de adesão em torno da MPB por núcleos até então indiferentes a movimentos similares preocupava os militares e em função disso os artistas da música popular eram os maiores alvos de repressão e censura dos militares.

Com isso, a banda Secos e Molhados surgido em 1971 com fortes inspirações no movimento tropicalista consolidou por meio de suas músicas e expressões culturais uma vertente importante da música de protesto que emergia na sociedade da época. A banda era formada por Ney Matogrosso, Gerson Conrad e o português João Ricardo, apresentando características transgressoras em sua estética que contava com as caras pintadas e peito nu o que fazia a sociedade conservadora achar esquisito devido o período de repressão ao qual

viviam.

Essa situação apesar de receber críticas da ala mais conservadora da sociedade brasileira foi um sucesso nacional, representando toda expressão artística e sexual extremamente reprimida pelo regime, conseguindo superar a liderança de venda de discos de Roberto Carlos (Cruz, 2023). É notória uma divergência entre os conservadores da sociedade brasileira, pois ao mesmo tempo em que abominavam a figura de Secos e Molhados, eram grandes consumidores das pornochanchadas²¹ que durante a década de 1970, levou milhões de telespectadores aos cinemas brasileiros (Almeida, 2021).

A censura só operava nessas obras para alguns contextos sexuais que exploravam o erótico com a vida cotidiana da população urbana da época. É importante ressaltar que o Cinema Novo fundado por Glauber Rocha e o Cinema Marginal que surgiu como oposição ao Cinema Novo exerceram grande influência tanto nas pornochanchadas quanto nos filmes de reflexão social que emergiram nesse período.

Almeida (2021) encara esses quatro movimentos cinematográficos como a definição do que representa o Cinema Brasileiro Moderno. Nesse período, a pornochanchada se torna a escolha do público brasileiro o que leva as grandes produtoras do gênero a terem uma produção mais constante dessas obras impactando seu modelo de produção.

Apesar do sucesso do gênero no mercado brasileiro, havia críticas moralistas endereçadas ao movimento artístico ao ponto de representantes do Estado brasileiro o relacionar a conteúdos pornográficos que manchavam a imagem do Brasil no exterior, no entanto, tal reação tinha um caráter hipócrita, pois ao mesmo tempo em que proferiam ataques a essas produções, preferiam a predominância desse estilo a outras produções com maior caráter político e contestador social (Almeida, 2021). O movimento das pornochanchadas construiu um ideário feminino submisso e sexualizado, provocando uma alta objetificação da figura da mulher brasileira que viria a apoiar a visão estratégica da Embratur²² para promoção do turismo estrangeiro em solo nacional.

Segundo Moreira e Rozendo (2024), a partir do período da ditadura, o Brasil passa a promover campanhas publicitárias voltadas para o turismo retratando o país como um lugar de festas, praias e mulheres sedutoras, criando uma nova imagem do país no âmbito

²¹ Gênero de comédia erótica que dominou o cinema do país na década de 1970, ao qual refletia os costumes urbanos e as contradições morais do Brasil sob o regime militar, focando-se no apelo sexual humorístico.

²² É um instituto responsável pelo fomento do turismo no Brasil, fundado na década de 1960, atuou durante o período da ditadura militar na promoção do turismo sexual do Brasil no exterior.

internacional. Os autores explicam que antes da ditadura militar, a promoção do Brasil na esfera internacional era completamente diferente, pois na década de 1920, o país era vendido como um lugar glamouroso, tornando o Rio de Janeiro que era capital da época um destino do turismo internacional devido a sua associação com o luxo promovido pelas peças publicitárias do período.

No período varguista essa imagem é remodelada, passando a retratar o Brasil como “menos luxuoso e mais exuberante” (Moreira e Rozendo, 2024), dessa forma, sua imagem é atrelada às maravilhosas praias e natureza exuberante do país, no qual reinava a boa música com um povo alegre e completamente apaixonado pelo futebol e carnaval, levando um aumento na procura do país como destino turístico. Para Moreira e Rozendo (2024) a mudança dessa linha de promoção turística na ditadura militar provocou uma imagem tenebrosa do país e das mulheres brasileiras no polo internacional que reverbera até os dias atuais, além de, promover o turismo sexual, que atinge mulheres de baixa renda e muitas vezes menores de idade.

A imagem do “país do futebol” também era estimulada na ditadura militar, pois demonstrava um símbolo nacional, principalmente após a primeira vitória na Copa do Mundo de 1958. É importante salientar que a Copa do Mundo para países como o Brasil e a Argentina, principalmente neste período, representa um sinônimo de orgulho a suas raízes e identidade, além de diminuir as tensões políticas e sociais vigentes. Em função disso, os governos tendem a usar seus jogadores como garotos propaganda do país, representando o que deveria ser um “bom cidadão” (Magalhães, 2012).

Durante a ditadura, foram realizados cinco copas do mundo, a mais impactante ao regime foi à realizada em 1970, pois melhorou a imagem do governo na esfera pública, tirou o descrédito que a população brasileira nutria pela seleção em função da última derrota e consagrou a figura do Pelé como um símbolo não somente do futebol brasileiro como de toda a nação (Magalhães, 2012). Esse período é marcado pelo governo Médici²³ e o início do período conhecido como “Milagre Econômico”²⁴, no entanto, era um período marcado pela maior fase de repressão da ditadura em função do AI-5 proclamado no final dos anos 1960, o que tornava a seleção um meio de desviar as atenções para as violações de direitos humanos realizadas no período.

²³ Terceiro presidente da ditadura militar brasileira, marcado por ser o período mais autoritário e repressor do governo militar, conhecido na história como “anos de chumbo”.

²⁴ Período de acelerado crescimento do PIB nacional e forte expansão industrial, impulsionado por investimentos estatais, crédito subsidiado, incentivos fiscais e amplo endividamento externo.

Em meados da década de 1970, a ditadura militar começou a demonstrar sinais de enfraquecimento de seu regime muito influenciado pela questão econômica que passava a se desenhar no período, isto porque o país que antes vivia o período conhecido como “Milagre Econômico” encarava nesta década um descontrole inflacionário e elevação da dívida externa do país muito em função a problemas de ordem externa, como a crise do petróleo de 1973²⁵ (Franzoi, 2014). Tal situação promoveu uma descredibilização dos militares perante a sociedade que passou a sentir os efeitos dessa crise.

Nesse sentido, o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) que era o único partido de oposição aos militares, conhecido como Arena (Aliança Renovadora Nacional), passou a intensificar uma campanha de abertura política no país. Tal atitude provocou enorme aceitação na sociedade civil, os levando a conseguir vencer as eleições de 1974 (Franzoi, 2014).

Esse cenário demonstrou que a sociedade brasileira durante o período se encontrava descontente com o regime e apesar das tentativas de impedir que a abertura democrática estabelecida pelo bipartidarismo militar saísse de controle, como ocorrido em 1974, esse movimento representou um ponto de virada que culminaria na década seguinte no fim da ditadura militar e no início da redemocratização do país. Em 1979, o general João Baptista Figueiredo é eleito o 30º presidente do Brasil, sendo o último presidenciável da ditadura militar eleito no país ao qual uma de suas primeiras medidas foi a abertura política do país, levando o surgimento das Diretas Já²⁶ que buscava o direito da sociedade civil a eleger seu próprio representante, impulsionado pela Emenda Dante de Oliveira²⁷.

2.3. A cultura brasileira pós-ditadura

A abertura política promovida por Figueiredo no final da década de 1970 levou o MDB se tornar PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o Arena se tornar PDS

²⁵ Na década de 1970, eclodiu um conflito entre os países Egito e Síria contra Israel, levando diversos países ocidentais, em especial os EUA, a apoiarem Israel no conflito. Como represália, os países árabes que fazem parte da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) reduziram a oferta de petróleo provocando uma elevação de seu preço no mercado internacional, provocando uma crise financeira já que o petróleo por ser inelástico não tinha um substituto capaz de suprimir sua demanda no mercado internacional.

²⁶ Movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil, após décadas de ditadura militar, sendo decisivo para acelerar o processo de redemocratização por conseguir demonstrar o esgotamento do regime e a mobilização da sociedade civil pela retomada do Estado de Direito.

²⁷ Proposta constitucional de 1983, que previa o restabelecimento das eleições diretas para o cargo de Presidente da República, gerando intensos movimentos sociais como as “Diretas Já” para o estabelecimento da proposta do deputado Dante de Oliveira. No entanto, a emenda foi rejeitada pela Câmara dos Deputados em 25 de abril de 1984.

(Partido Social Democrático), dessa forma, a eleição para presidente do Brasil durante a transição da ditadura para o processo de redemocratização foi realizado pelo congresso eleito durante o regime militar, sendo os candidatos indicados Paulo Maluf, representando o PSD e Tancredo Neves, representando o PSDB (Franzoi e Morais, 2014). Em 15 de janeiro de 1985, Tancredo Neves é eleito presidente do Brasil, levando ao fim os 21 anos de ditadura militar no país, no entanto, ele não chegou a tomar posse, devido ao seu falecimento em abril do mesmo ano, levando seu vice José Sarney tomar posse em 15 de março de 1985 (Franzoi e Morais, 2014).

Durante sua gestão, Sarney convidou Celso Furtado para ocupar o cargo de Ministro da Cultura, onde ocupou durante os três primeiros anos de sua gestão (Sousa, Theis e Barbosa, 2020). Furtado durante o tempo de exílio passou por uma profunda autocrítica em suas teses de desenvolvimento o levando a concluir que o padrão de consumo dos países pertencentes ao centro do capitalismo não condizia com um processo de industrialização condizente com os interesses nacionais, mas com os interesses das elites que buscavam reproduzir os mesmos padrões de consumo dos países ricos.

Para o economista:

[...] Através da cultura, ou seja, através de estudos e políticas culturais que pudessem identificar e dar vazão aos mais legítimos anseios do povo brasileiro, seria viável encontrar um novo caminho para o desenvolvimento nacional, daí o papel central da cultura nessa luta. [...] A cultura [...] poderia se apropriar da técnica [...] para criar um desenvolvimento econômico autêntico num país periférico como o Brasil; uma vez que para desenvolver as forças produtivas em um país periférico e subdesenvolvido se faz necessária a importação das técnicas mais avançadas dos países industrializados, mas importá-las significaria também importar a cultura dos países detentores de tais técnicas, pois elas não são neutras, contém em si mesmas a cultura do lugar em que são desenvolvidas (Pires, 2023, p. 1-2).

Essa análise demonstra o contraste profundo entre as primeiras teses do pesquisador que defendia a industrialização como fonte de superação de nosso subdesenvolvimento apoiado em uma estrutura semelhante ao praticado nos países desenvolvidos. Durante o exílio, ele passa a refletir que a reprodução desse modelo é inviável em termos ambientais, pois, se todos os países tivessem os mesmos padrões de consumo dos países centrais, os recursos naturais se findariam brevemente.

Dessa forma, o desenvolvimento econômico deveria ser pautado em suprir as demandas essenciais de uma sociedade, mas respeitando os limites fornecidos pelo meio ambiente. De acordo com Pires (2023), Celso Furtado passa a enxergar na cultura um exemplo de desenvolver a economia do país de forma mais sustentável e obedecendo a realidade local.

Ele então explica que durante processos de crises, sejam elas econômicas, políticas ou sociais, força um aumento de autoanálise da sociedade que busca compreender suas próprias contradições históricas. Essa observação permite uma explosão criativa nas artes com capacidade de provocar maior engajamento político da sociedade de forma a conseguir criar caminhos alternativos capazes de superar o processo de crise.

No tópico anterior foi demonstrado que os movimentos artísticos impulsionados pela contestação da ditadura provocaram uma massa de jovens, principalmente, engajados a elaborar soluções para alcançar a queda do regime vigente, ao qual apesar de árduo e longo todo o processo foi crucial para a formação da identidade política e nacional do país. Celso Furtado (1974) compreendia que os países oriundos da periferia do capitalismo deveriam deter uma política cultural consolidada que respeitasse suas próprias particularidades, pois é a base crucial para o desenvolvimento de uma nação.

Esse desenvolvimento apoiado no polo cultural deve englobar todos os povos distintos presentes naquele território (Pinheiro e Souza, 2016). Nesse momento, Celso Furtado compreendeu que para combater o mimetismo²⁸ provocado dentro das economias periféricas, a cultura deveria ser estimulada e compreendida como uma política de Estado.

Assim, a criação de um ministério voltado exclusivamente para articular projetos e políticas culturais representava um marco nesse processo de redemocratização. A constituinte de 1988 estabelece no seu art. 215 que “o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e difusão das manifestações culturais” (CF, 1988).

Ferron e Arruda (2019) destacam que apesar dessa dimensão ter sido alcançada e estabelecida dentro da constituinte de 1988 muitos sociólogos, economistas e artistas tinham divergências quanto à criação desse ministério. Tal situação era pautada no trauma gerado pela ditadura que havia se encerrado muito recentemente até aquele momento, pois a ideia do Estado controlando as políticas culturais acendeu um alerta para a possibilidade da utilização desse ministério como mecanismo ideológico do governo com ataques e perseguições a artistas críticos ao regime vigente.

Durante sua gestão, o presidente Sarney criou a Lei Sarney que configurou a primeira lei em nível federal de apoio à cultura, que concedia “benefícios fiscais na área do Imposto de Renda a toda operação de caráter cultural ou artístico” (Belem e Donadone, 2013), que posteriormente viria a se transformar na Lei Rouanet. No entanto, esses avanços no polo cultural, apesar de apresentarem inúmeras falhas, foram interrompidos

²⁸ Propensão de reproduzir de forma inconsciente o comportamento ou hábito de outro alguém.

durante a gestão Collor.

A gestão Sarney impactou todo o tecido social, econômico e cultural do país, que se reflete até a contemporaneidade seus efeitos sobre a sociedade brasileira. O Presidente Sarney concluiu sua gestão com quatro planos econômicos²⁹ mal-sucedidos, levando o país a uma hiperinflação e a um aumento da concentração de renda.

Segundo Andozia (2019) durante o mandato do presidente Sarney, os 10% da população mais rica do país ampliou sua receita para 53,2% e o restante da população viu sua renda reduzir. Tal período pode ser comparado ao ocorrido na Alemanha durante a República de Weimar³⁰ de 1921 a 1923, ao qual tal relação entre os dois períodos é dada pelas distorções profundas causadas pelo problema inflacionário ocorrido em ambos os países em seus respectivos contextos.

É nesse cenário que Fernando Collor é eleito presidente do Brasil em 1989, sendo o primeiro presidente eleito por voto direto no país após os 21 anos de ditadura militar. Durante sua campanha, Collor usou da semiótica para construir uma imagem de salvador da pátria, de homem poderoso, o caçador de marajás, usando a mídia e seus contatos nas esferas jornalísticas para impulsionar sua campanha perante toda a nação.

Han (2019) destaca que o poder é manifestado de diferentes formas e em diferentes esferas da sociedade, onde o mais bem sucedido normalmente é aquele capaz de capturar as emoções dos outros e manipulá-las a seu favor de forma que os demais a sua volta se sintam intimidados a tal ponto que não apresentem resistência a suas vontades. Neste quesito, Fernando Collor de Mello conseguiu por meio de sua propaganda política criar em torno de si mesmo a figura de um herói no imaginário brasileiro com capacidade de solucionar os problemas enfrentados pela população naquele momento.

Um dia após sua posse, o governo anunciou o Plano Collor, que consistiu em um bloqueio financeiro da poupança e conta corrente da sociedade brasileira. Dessa forma, o Plano retirou de circulação cerca de 75% do dinheiro disponível na economia brasileira, reduzindo a quantidade de dinheiro disponível na economia de 35% para 9% do PIB. A medida drástica adotada pelo governo, mesmo com as tentativas de explicar o funcionamento desse projeto econômico não tranquilizou a sociedade civil que diante desse cenário se deparou com uma onda intensa de desinformações e desespero (Andozia,

²⁹ Plano Cruzado (1986), Plano Cruzado 2 (1986), Plano Bresser (1987) e Plano Verão (1989).

³⁰ Regime democrático estabelecido na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial, marcado por uma profunda instabilidade política e crises econômicas, responsáveis por criar um terreno fértil para a ascensão do Partido Nazista ao poder.

2019).

Para Andozia (2019) Collor pregava que a sociedade civil deveria aceitar sacrificar seus interesses privados em prol do bem comum que era o combate inflacionário. Esse comportamento passava ser replicado em diversas esferas sociais, pois apesar do receio da reação popular perante a qualquer questionamento ao Plano Collor, havia uma expectativa real por parte da sociedade civil de que o sacrifício imposto naquele primeiro momento se transformasse em uma melhoria futura, o que explicava o motivo de sua reprovação não ser demasiadamente elevada após o lançamento do Plano Collor.

Assim, o presidente Collor conseguiu distorcer toda a lógica capitalista quando confiscou o capital de giro das empresas, pois o poder dessas empresas era dado por meio do lucro e da produção conferida à economia. No entanto, a partir daquele momento esse poder era transferido para a possibilidade que esse Plano desempenhasse uma paralisação de sua produção o que ameaçava a estabilidade econômica do país caso suas operações fossem comprometidas os conferindo maior poder de barganha no governo.

Durante o governo Collor de Mello houve a redução de ministérios com a desculpa de economizar dinheiro público que não se converteu na prática, mas destruiu setores importantes da economia, cultura e seguridade social, onde a indústria cinematográfica do país que conseguiu ganhar algum protagonismo em décadas anteriores, se viu completamente desmantelada. Tal fato prejudicou o mercado cultural brasileiro por um longo período, ao qual, a Embrafilme fundada durante a ditadura foi dissolvida durante a gestão Collor, gerando a maior crise do setor cinematográfico brasileiro em toda sua história.

Rêgo (2011) afirmou que o cinema brasileiro teve grandes dificuldades de financiar suas produções sem o apoio estatal, agravadas pelo fato de que o setor privado não costumava assumir esses financiamentos por serem de alto risco, por não ser garantido haver retorno viável ao que foi investido inicialmente. Assim, a produção nacional entrou em completo colapso, deixando o espaço na indústria cultural do país ser invadido pelas obras estrangeiras que já tinham ampla participação no mercado, mas a partir dali se tornaram monopólio definitivo no circuito nacional cinematográfico.

Assim, a gestão de Fernando Collor marcou um processo de introdução da ideologia neoliberal na economia brasileira. Nesse período, foi adotada a abertura da economia e privatizações das estatais brasileiras, além do fechamento de órgão governamental em prol de redução de gastos da máquina pública.

A ideologia neoliberal que começou ser introduzida no governo Collor e viria a se

intensificar no governo de Fernando Henrique Cardoso, começou a ser implementada na Inglaterra durante o governo de Margaret Thatcher e nos EUA durante o governo Reagan nas últimas décadas do século XX. Na Europa, essas medidas apesar de conseguir em alguns países combater a taxa inflacionária e elevar a taxa de lucro, em contrapartida, não provocou um crescimento dessas economias, além de aumentar os níveis de desigualdade social presente em suas sociedades (Borba, 2002).

Esse processo pode ser compreendido pelas teses de Celso Furtado sobre a importância da cultura dentro de uma economia, pois ele acreditava que os países periféricos quando guiados por interesses das economias centrais são submetidos a um novo tipo de imperialismo (Pires, 2023). Isso porque, quem controla o modelo econômico imposto a esses países levaria para eles também sua cultura e filosofia (Pires, 2023), isto é, quando as sociedades periféricas importam as técnicas oriundas das economias centrais eles importam também sua cultura, os levando a um domínio cultural das economias centrais nas decisões políticas, econômicas, industriais e etc (Caetano, 2017).

2.4. Impacto cultural, político e econômico do plano real na indústria cultural

Durante os primeiros doze meses no poder de Itamar Franco, a taxa inflacionária do país alcançou uma taxa anual de 2559%⁶³ (Borba, 2002). É importante frisar que durante seu mandato, seis pessoas³¹ ocuparam o cargo de Ministro da Fazenda.

A gestão de Fernando Henrique Cardoso (FHC) no ministério foi responsável tanto pela formulação quanto pela implementação do Plano Real (Borba, 2002). Na composição do corpo econômico responsável pela implantação do Plano Real, FHC buscou trazer à equipe pessoas com um alinhamento semelhante às filosofias políticas e econômicas do PSDB que se tornaria posteriormente seu partido de filiação política, assim, foram convocados os economistas Edmar Bacha como chefe da assessoria econômica do governo, Winston Fritsch como secretário econômico e Gustavo Franco como secretário adjunto da pasta, mas também contou com outros economistas como André Lara Resende, Armínio Fraga, Pedro Malan e Pêrsio Arida (Borba, 2002).

O Plano Real consistia na implementação de três fases, inicialmente o governo realizaria um ajuste fiscal buscando equilibrar o orçamento, a fase seguinte consistia em

³¹ Gustavo Krause (out. 1992 - dez. 1992); Paulo Roberto Haddad (dez. 1992 - mar. 1993); Eliseu Resende (mar. 1993 - mai. 1993); Fernando Henrique Cardoso (mai. 1993 - mar. 1994); Rubens Ricuperro (mar. 1994 - set. 1994) e Ciro Gomes (set. 1994 - jan. 1995).

uma desindexação³² da economia, ao qual se introduziu a URV (Unidade Real de Valor) e por fim transformaria o URV na moeda do país que seria convertida a um valor pareado ao valor do dólar no período (Goulart, 2017). Em julho de 1994, é lançado o Plano Real, quatro meses após a implementação do URV que se convertia a nova moeda, desse modo, R\$ 1 se equivalia a US\$ 1.

Isso gerou uma dolarização da economia brasileira sem necessariamente precisar converter a moeda do país em dólar, além de tornar o câmbio do país flutuante³³, conseguindo controlar a inflação na economia brasileira, elevando tanto o poder de compra quanto o consumo da população. No entanto, o governo, levando em consideração a lição aprendida com a crise mexicana nos anos 1990, percebeu que países emergentes como o Brasil não poderiam manter seu crescimento com base “em um ambiente de total abertura comercial, com uma política de sobrevalorização da moeda nacional em relação ao dólar” (Goulart, 2017).

Isso porque os preços dos produtos importados tendiam a reduzir ao passo que o valor dos produtos exportados se elevava o que impactava negativamente a balança comercial brasileira devido à sobrevalorização da moeda ao mesmo tempo em que também oferecia risco de a economia nacional se tornar um campo especulativo no mercado de capitais que em longo prazo provocaria uma fuga massiva de capital externo. Em função disso, o governo promoveu uma desvalorização da taxa de câmbio em 6% para baratear o valor das exportações e encarecer o valor das importações contribuindo para o equilíbrio de nossa balança comercial, além de elevar a taxa de juros da economia visando atrair capital estrangeiro e aumentar suas reservas internacionais, o que conferia maior estabilidade ao plano econômico (Goulart, 2017).

Na obra de Franco (2022) intitulada “Cartas para um jovem economista”, suas cartas, marcadas pelo realismo e um humor fino, enfatizam que o Brasil sempre teve o costume de importar doutrinas de fora seja no campo da política, economia, jurídica e afins, ao qual adentravam inicialmente nas faculdades de direito do país e essas doutrinas acabavam na maioria das vezes não sendo adaptadas a realidade vivida na sociedade brasileira. Segundo Franco (2022), tal situação acabava por criar uma idealização de nossa realidade “tanto do lado papalista quanto, sobretudo, no campo mentalista”.

³² Redução ou remoção de reajustes de preços baseado no índice inflacionário, quando indexado os preços são reajustados com base no índice inflacionário o que causa maior variação de preços.

³³ Valor da moeda é decidido pela variação da relação oferta e demanda do mercado, o que autoriza o mercado a determinar seu valor monetário e que os agentes econômicos realizam de forma mais fácil ajustes. No entanto, provoca maior volatilidade no valor monetário da moeda, pois fica refém das oscilações dos mercados

Observa-se que tais fatos vão ao encontro das teses furtadianas que criticavam essa imposição cultural pelo domínio de diversos campos adentrados em nossa sociedade e como tal situação quando não compreendida pode distorcer os reais interesses nacionais. Posteriormente, Gustavo Franco (2022) ressalta que o maior motivo do Plano Real ter sido bem-sucedido em relação aos demais planos econômicos que tivemos ao longo dos anos foi que, diferentemente dos planos anteriores, o governo buscou não impor medidas bruscas de congelamento de preços, por exemplo, para forçar a moeda a ter êxito dentro da economia brasileira.

Isso porque, a equipe econômica e o governo responsável pelo Plano constituíram medidas que unissem a nação em prol do êxito de sua política, mas não de forma impositiva seguindo os escritos econômicos existentes, mas adaptando a realidade local as diferentes teses econômicas existentes, além dos aprendizados históricos de economias que viviam caos inflacionários como presente no Brasil na época o que permitiu que a transição da URV para o Real conseguisse obter sucesso.

Em janeiro de 1995, Fernando Henrique Cardoso toma posse como presidente da república, sucedendo Itamar Franco ao qual em sua nova gestão a cultura passa ter maior protagonismo em relação às gestões passadas. A Lei Rouanet que inicialmente partiu de uma adaptação da Lei Sarney passou por uma série de transformações para que conseguisse ampliar o acesso a seu financiamento a diversos projetos culturais no país.

Apesar da importância da lei, diversos setores políticos e artísticos criticavam-na, pois ela concedia o dinheiro público ao setor privado já que a lei admitia que empresa privada se valesse de isenções fiscais caso patrocinasse projetos culturais, gerando uma renúncia fiscal que a sociedade como um todo iria cobrir. A crítica gerada se pautava em, sabendo dessa questão fiscal, ao analisar os recursos via Lei Rouanet, notou-se ser concentrada em grandes centros urbanos como São Paulo, o que promovia uma segregação quanto a disponibilização de recursos para financiamento cultural nas demais regiões do país (Silva, 2020).

Belem (2013) enfatiza que o Estado estaria financiando a cultura não de forma direta, mas indiretamente, pois o dinheiro usado para financiar esses projetos é o valor que deveria ser pago de imposto ao governo que abriu mão de receber esses valores e quem arca com esses valores renunciados é toda sociedade civil seja por meio de redução de investimentos públicos em algumas áreas ou aumento da carga tributária para cobrir essa renúncia. O cerne da crítica se respalda no fato de apesar se compreender esse impacto na questão tributária nacional, o Estado não conseguia determinar os projetos que devem

receber o financiamento, mas as entidades privadas que escolheram realizar patrocínio cultural via Lei Rouanet.

Em função disso, a crítica argumenta que boa parte dos projetos culturais patrocinados pela iniciativa privada são em grande parte os de maior visibilidade e apelo comercial, o que lhe traria de volta uma porcentagem dos lucros pelo projeto patrocinado, se tornando um financiamento que atendesse aos interesses privados e não públicos. Desse modo, torna os artistas ou projetos culturais menores, além de regiões mais desiguais serem pouco promovidas por essas entidades o que não viabiliza um desenvolvimento cultural do país.

Para Silva (2020) esse tipo de financiamento é semelhante às políticas culturais adotadas pelo governo Thatcher e Reagan, pois, o financiamento cultural promovido em seus países durante suas gestões privilegiaram o que era considerado alta cultura ao mesmo tempo em que reduziram o financiamento as demais culturas populares de seus estados, o que dava margem para que esses produtores culturais conseguissem financiamento via entidades privadas que receberiam isenções fiscais para desenvolver esse tipo de prática. No entanto, o resultado dessa prática é que as entidades privadas passaram a privilegiar o financiamento em obras artísticas que “criam uma identidade voltada para a lógica consumista” Silva (2020).

Assim, essas entidades se valem da indústria cultural para criar mecanismos de controle social que permitam a difusão de sua ideologia que consegue chegar em países fora do capitalismo central e serão incorporados por sua cultura sem que os mesmos consigam notar essa situação. Isso abre espaço para a ideologia neoliberal que ao se introjetar consegue converter a cultura local ao mesmo pensamento mercadológico adotado pelos países centrais.

Desse modo, além do impacto deixado na indústria cultural, a gestão de Fernando Henrique Cardoso foi importante também para a estabilização inflacionária do país dando continuidade às políticas de Itamar Franco no que tange ao Plano Real. De acordo com Franzoi (2014), tal situação levou o Brasil a conseguir consolidar uma democracia recém estabelecida e os avanços que o Plano Real provocou no contexto social brasileiro representaram um avanço na tentativa de construir um país mais justo e democrático.

Diante desse cenário, emerge na presidência uma figura política de origem nordestina e com raízes sindicais o que era algo inédito na política brasileira que até aquele momento não costumava presenciar líderes políticos emergir em um cargo tão alto da política tendo origens populares. Luiz Inácio Lula da Silva venceu a corrida eleitoral de

2002 e sua vitória representava um sentimento de pertencimento e esperança das camadas mais pobres da sociedade brasileira que lhe enxergavam como um símbolo de justiça social, com olhares para aquela camada popular da nação que nunca se sentia realmente vista.

2.5. A indústria cultural nos dois primeiros mandatos do governo Lula

Visentini (2012) explica que a euforia da eleição de Lula em 2002 era resultado de que pela primeira vez em 500 anos de existência da nação brasileira um membro oriundo da classe trabalhadora conseguia chegar a chefia do poder executivo do país, contando com o apoio das bases oriundas dos movimentos sindicais, alguns segmentos da classe média e forças armadas, além de algumas classes empresariais e políticos de vertente mais nacionalista. Durante sua gestão, Lula conseguiu se revelar como um líder de Estado extremamente competente com uma redução extraordinária nos índices de pobreza na sociedade brasileira, além de alcançar uma visibilidade em nível global.

De acordo Visentini (2012):

O governo Lula devolveu ao Itamaraty a posição estratégica que anteriormente ocupava na formulação e execução da política exterior do Brasil. Além disso, foi promovido amplo redimensionamento do Itamaraty: adoção de políticas afirmativas sem quotas, ampliação do número de diplomatas, abertura de numerosas embaixadas na África e na Ásia e maior abertura da diplomacia à sociedade civil e à academia. Finalmente, o projeto interno do governo Lula também tem um significativo impacto internacional na medida em que suas propostas sociais vão ao encontro da agenda que busca corrigir as distorções criadas pela globalização centrada apenas em comércio e investimentos livres. A campanha de combate à fome representa o elemento simbólico que sinaliza a construção de um modelo socioeconômico alternativo, respondendo à crise da globalização neoliberal (Visentini, 2012, p. 24-25).

Essa postura do governo brasileiro trouxe ao Brasil não somente uma melhora nos índices sociais e econômicos, mas também ajudou a construir maior autoestima a população que se via diminuída diante das demais nações. Visentini (2012) explica que os dois governos anteriores ao período lulista costumavam expressar uma visão negativa do país mesmo que indiretamente, pois o enxergava como uma nação atrasada diante das maiores economias globais.

Com a nova gestão, o Brasil conseguia perceber sua capacidade de expoente nas decisões políticas e na participação econômica a nível global e essa situação é expressa nas teses de Axel Honneth e Margalit (2001) quanto à teoria do reconhecimento, na qual os autores classificam que a invisibilidade social causa sentimentos de exclusão diante

daquele que costuma ser alvo da persistência dessa prática. No entanto, para sanar essa problemática é preciso retirar a “ausência de expressões” para se dirigir a classe invisibilizada, ou seja, a invisibilidade provém de uma falta de reconhecimento dos demais quanto a sua existência naquele espaço e trazendo para o contexto analisado, quando Lula consegue tocar o coração dos mais excluídos e os eleva à categoria de gente dentro daquela sociedade que antes o desprezava ajuda a construir uma autoestima dessa população que se via diminuída perante outros povos (Honneth e Margalit, 2001).

Para Han (2019), a construção de poder só é efetiva quando é unificada, ao qual, para um Estado nacional a construção de um sentimento mais nacionalista consegue reverberar com maior facilidade o exercício de poder daquele povo ou líder. No caso do Lula, a unificação de um sentimento de orgulho nacional pela população por se ver representada por um líder oriundo das mesmas origens ou pelo prestígio dado ao próprio povo tanto no plano interno quanto no externo beneficiou o poder do chefe de Estado em conduzir suas políticas e no poder do país em deter maior peso de barganha em uma série de negociações internacionais (Visentini, 2012).

No que tange às políticas culturais, na gestão Lula foram colocadas como um polo importante para o desenvolvimento do país levando a um maior fortalecimento das instituições voltadas à promoção cultural do país. O governo contou com dois ministros conduzindo o Ministério da Cultura, ao qual em seu primeiro mandato o ministério foi conduzido por Gilberto Gil e em seu segundo mandato o ministério passou a ser conduzido por Juca Ferreira (Soares, 2022).

Segundo Félix (2016), diferentemente das gestões anteriores o governo Lula deu claras demonstrações da intensa participação do Estado na promoção do desenvolvimento do país e isso foi bastante observado no polo cultural, pois durante sua primeira gestão o Ministério da Cultura ministrado por Gilberto Gil instituiu diversos planos como o Plano Nacional do Livro e Leitura que buscava garantir e democratizar maior acesso à leitura, o Plano Nacional dos Museus e o Sistema Brasileiro de Museus que buscava preservar e valorizar o patrimônio cultural brasileiro. No entanto, o Sistema Nacional de Cultura (SNC) e o Plano Nacional de Cultura (PNC) configuraram o maior projeto voltado para a área, representando um passo importante para o desenvolvimento cultural do país.

Soares (2022), alega que o SNC só foi implementado durante a gestão Dilma, mas foi se desenhando durante a gestão Lula e o PNC foi sancionado no final de sua gestão em 2010, antes da posse da então presidente eleita Dilma Rousseff (Soares, 2022). No geral, a gestão Lula no início do século XXI marcou um ponto de virada na política nacional com o

qual se buscou maior ordenamento interno com programas e projetos voltados ao combate às desigualdades sociais e regionais do país, apoio a sua diversidade cultural e maior protagonismo na geopolítica mundial.

Finzetto (2017) explica que durante seus dois primeiros mandatos, Lula criou e consolidou o Programa de Difusão Cultural que tinha como objetivo planejar diferentes formas de promoção cultural do Brasil no exterior, com maior atenção ao combate a visão turística criada durante a ditadura de turismo sexual ao qual o autor explica que a Divisão de Operações de Difusão Cultural do Ministério das Relações Exteriores do país buscava promover o Brasil culturalmente no exterior exportando suas artes cênicas, a capoeira, literatura, música, gastronomia, etc.

No final de seu mandato, Lula apresentou como sua sucessora Dilma Rousseff, marcando a corrida eleitoral de 2010 que iria eleger a primeira mulher a ocupar o cargo da Presidência da República no país ao qual foi eleita com mais de 50 milhões de votos (Lima, 2012). No que tange às políticas culturais do governo, sua gestão ampliou o diálogo entre o ministério com a sociedade civil, ampliou o conceito de cultura e a participação do tecido social brasileiro em sua aplicação e formulação (Rubim, 2015).

Nesse contexto, as culturas populares do Brasil passaram a ganhar maior protagonismo em suas políticas voltadas ao desenvolvimento cultural do país, levando o governo criar estratégias juntamente com a Secretaria de Identidade e Diversidade Cultural para responder às demandas culturais de diferentes culturas populares. Dessa forma, a gestão da presidente Dilma Rousseff buscava ampliar a cooperação dessas políticas com a sociedade civil, dando maior enfoque a comunidades e culturas locais do país como a cultura quilombola, ribeirinha, indígena, etc (Rubim, 2015).

O autor explicita que a criação do Plano Nacional de Cultura (PNC) aprovado no último ano da gestão do governo Lula por meio da Emenda Constitucional nº 48/2005 representou um avanço para as políticas voltadas a questões culturais e deu força para a criação do Sistema Nacional de Cultura (SNC) durante o governo Dilma como continuação das políticas anteriores voltadas para a área. O SNC buscava maior alinhamento entre os estados, municípios e toda sociedade civil em prol de consolidar um sistema nacional de políticas públicas voltadas à cultura, ou seja, os diferentes níveis governamentais iriam passar a trabalhar de forma integrada em prol de consolidar as políticas públicas voltadas à área em caráter de longo prazo.

Rubim (2015) explica que essas práticas foram importantes, pois apesar de haver a dificuldade de alinhamento entre o PNC e o SNC, as políticas realizadas nesse período

fortaleceram o Ministério da Cultura que viu seu orçamento aumentar de 0,14% para 1%, além de conseguir ampliar o diálogo com os agentes políticos e sociais. Segundo o autor, um dos motivos para esse não completo alinhamento era devido ao fato que os processos de elaboração do PNC e SNC eram elaborados em áreas institucionais distintas dentro do Ministério da Cultura, o que comprometeu sua melhor articulação.

Para ele, apesar dos avanços que essas políticas representam para o campo cultural brasileiro haviam desafios evidentes em manter sua continuidade muito em função da dificuldade em descentralizar os “recursos humanos, materiais e financeiros” (Rubim, 2015) entre os agentes regionais, além da escassez de pessoas qualificadas no desenvolvimento de políticas públicas. No entanto, tais políticas introduzidas no governo Lula e continuadas no governo Dilma representaram um avanço que apesar de ter dificuldades de articulação e problemas estruturais mostraram ser necessário a elaboração de novos projetos e planos políticos para superação desses empecilhos.

Cerqueira (2018) enfatiza que durante os governos petistas o Ministério da Cultura reuniu esforços para a construção de bases sólidas no planejamento, elaboração e implementação das instituições voltadas à cultura em políticas públicas desenhadas por elas, visando uma maior democratização cultural como forma de inclusão social e desenvolvimento econômico. Durante o mandato de Dilma Rousseff:

Os editais e ações da Secretaria de Identidade e Diversidade foram voltados para um público tradicionalmente pouco atendido pelas políticas públicas e praticados em bases particulares, ou melhor, peculiares, em especial no que diz respeito ao conceito de diversidade. Os editais se afastam de uma visão de mercado e promovem o diverso centrado no universo das culturas populares. O país “descobriu” os seus ciganos, os artistas portadores de deficiências, lançou novos olhares sobre os povos indígenas, assim como sobre as mais variadas manifestações populares (Rubim, 2015, p. 35-36).

No entanto, em sua gestão houve uma perda simbólica desta área em relação a gestão anterior devido às insatisfações geradas entre os formuladores culturais, artistas e afins com os ministros nomeados a pasta do Ministério da Cultura, gerando embates e discordâncias (Rubim, 2015). É importante salientar que durante o mandato de Rousseff, ocorreram grandes financiamentos em culturas esportivas.

Neste período, o Brasil foi escolhido para sediar dois grandes eventos esportivos: a Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada em 2016. Tais eventos levaram o país realizar altos investimentos em infraestrutura, segurança e afins, gerando impactos nas cidades que sediaram o evento.

Esse cenário atrelado com a insatisfação que passou a emergir contra o governo

Dilma e as eleições presidenciais que viriam a ocorrer nesta época provocaram o fenômeno “#nãovaitercopa”, porém esse movimento seria resultado das “Jornadas de Junho” ocorridas em 2013, um ano antes da realização da Copa. Para compreender como surgiu tal conjuntura é preciso compreender que no início do mês de junho daquele ano o governo elevou as tarifas de transporte público, provocando uma enorme insatisfação por parte da sociedade civil, em especial grupos estudantis naquele primeiro momento.

Romão (2014), evidencia que as primeiras manifestações contra essa situação ocorreram dia 6 de junho, levando esse movimento das ruas a se ampliarem nos dias seguintes, porém os protestos realizados no dia 17 daquele mês foram os mais importantes, pois conseguiram reunir 70 mil pessoas no oeste paulista, apresentando mobilizações em outras capitais nacionais e na capital do país. Nesse sentido, os manifestantes oriundos da capital federal conseguiram ocupar a marquise do Congresso Nacional.

O aumento das repressões desempenhado pela polícia durante essas manifestações levou o mesmo a ser apoiado pela opinião pública, levando seu objetivo a ter outros focos além do aumento da tarifa dos transportes públicos. Muitos sociólogos políticos como Jessé Souza (2019) e Vladimir Safatle (2015), explicam que esse fenômeno foi provocado inicialmente com o desgaste de imagem do Partido dos Trabalhadores (PT) provocado pelo Mensalão.

Nesse sentido, a mídia o transformou em um verdadeiro espetáculo midiático, levando a opinião pública passar a criar uma imagem negativa dos políticos pertencentes ao partido. No entanto, até aquele momento o desgaste não havia sido tão aprofundado como viria ocorrer nas décadas seguintes (Alonso, 2017).

A eleição de 2014 foi marcada por uma corrida eleitoral turbulenta entre a presidente Dilma Rousseff e seu maior adversário, Aécio Neves, ao mesmo tempo esse processo eleitoral passou a dar palco para discursos extremistas que tinham desaparecido do grande público no debate político. Dentre os candidatos à presidência naquele ano, Levy Fidelix durante o debate presidencial na TV aberta, atacou o público LGBTIA+.

Em seu discurso afirmou:

Dois iguais não fazem filhos. Me desculpe, mas o aparelho excretor não reproduz. Tem candidato que não assume isso com medo de perder voto. Prefiro não ter esses votos, mas ser um pai, avô que instrua seu neto. Não vou estimular a união homoafetiva (BBC Brasil, 2014 - retirado do debate presidencial pela TV Record).

E ainda acrescentou:

O Brasil tem 200 milhões de habitantes. Já pensou se a moda pega?

Daqui a pouco reduz para 100 milhões. Vai para a avenida Paulista e anda um pouquinho. É feito o negócio. Pessoas que têm esses problemas precisam ser atendidos por ajuda psicológica. E bem longe da gente, porque aqui não dá (BBC Brasil, 2014 - retirado do debate presidencial pela TV Record).

Observou-se que durante essa corrida eleitoral, o debate público passa a ter contato com visões extremistas que iriam se amplificar nos anos seguintes, no entanto, Dilma Rousseff apesar da disputa eleitoral conturbada consegue se reeleger naquele ano. O segundo mandato de Rousseff foi marcado por uma profunda crise econômica, isto porque, sua equipe econômica realizou uma série de ajustes fiscais que segundo Carleial (2015) atingiram o governo negativamente.

Esses ajustes passaram a provocar um impacto negativo na economia brasileira, o que impactou mais profundamente o mercado de trabalho, que entre agosto de 2014 e agosto de 2015 presenciou um aumento na taxa de desemprego do país que perdeu mais de 900 mil postos de trabalho (Carleial, 2015). Dessa forma, a ampliação da taxa de desemprego no país passa a dar maior espaço para o aumento da informalidade, impactando diretamente no rendimento desses trabalhadores que recuou, provocando um efeito cascata, pois esse impacto nos níveis de emprego e nos rendimentos dos trabalhadores ocasionou uma retração da demanda interna e na arrecadação do governo, além de impactar negativamente nos investimentos (Carleial, 2015).

Toda essa situação levou parte da população a desqualificar as conquistas alcançadas durante a gestão petista no avanço de diversos segmentos da sociedade brasileira, aliado com o ressentimento de algumas classes em função de presenciarem classes mais marginalizadas conseguirem acessar espaços ou atingir uma situação econômica que antes era impossível para eles (Carleial, 2015). Essa insatisfação popular passou a ser exposta nas ruas com manifestações invocando a retirada da então presidente do cargo o que era endossado pelos principais meios de comunicação de todo o país (Oliveira, 2016).

Mundim (2023) destaca que toda a imprensa do país teve uma importância crucial em sua queda, pois expressava uma intensa propaganda de desmoralização política não somente da figura da Presidente Dilma Rousseff, mas de todo seu partido político, pois sua perda de popularidade foi amplificada com os impactos que seus ajustes passaram a provocar na economia do país, em especial no mercado de trabalho. Para o autor, a perda da popularidade da presidente desempenhou um impacto para seu enfraquecimento no ambiente político já que líderes populares tendem a criar maior proteção a sua posição de poder devido a conseguirem despertar uma revolta popular contra quem ousar conspirar

negativamente para a sua manutenção de poder, ao qual figuras políticas com a popularidade baixa como Rousseff apresentava naquele momento, detém maior vulnerabilidade o que abre brechas para conspirações de aliados ou inimigos declarados.

Durante os três primeiros meses de 2015, a mídia intensificou a visão negativa da então presidente em seus meios de circulação que com o agravamento da crise econômica, essas notícias passavam a se intensificar nos principais veículos de comunicação do país que de forma indireta relacionavam a crise com os escândalos da Petrobrás. Mundim (2023), explica que apesar dos escândalos que eram expostos sobre a Petrobrás não ter uma ligação direta com a crise que se presenciava naquele momento a amplificação dessas notícias com a questão econômica do país criava uma ideia na sociedade civil de que eles estavam interligados, gerando maior insatisfação e revolta.

2.6. Fim da era Lula e Dilma: o golpe

Para Souza (2018), toda essa conjuntura desenhada durante a gestão Dilma está atrelada com as “Revoluções Coloridas” apoiadas em dezenas de países, sendo mais visível nos países árabes. Para o autor, o objetivo dessas revoluções era desestabilizar o governo que estava no poder por meio de financiamento externo em veículos de mídias locais que iriam realizar de forma ampla e constante denúncias contra o líder ou toda a sua liderança presente no poder com o objetivo de causar insatisfação da população que irá às ruas, impulsionada pela movimentação de ativistas políticos normalmente financiadas por esses agentes externos.

Dessa forma, os agentes externos, juntamente às elites políticas e econômicas locais conseguem derrubar o governo através de um golpe de Estado que não se assemelha com os golpes normalmente conhecidos, pois seria realizado de forma que se assemelhasse a um processo democrático, levando a sociedade civil a não conseguir compreender que está sofrendo um golpe de Estado e por isso, tende a não formar grupos de resistência de forma significativa (Souza, 2018). Esse tipo de revolução é o mais eficiente para a manutenção do poder por meio dos agentes externos, pois consegue exprimir um sentimento de liberdade para a população civil.

Han (2019) expressa que o melhor poder exercido é sobre aqueles que acreditam serem livres, pois leva aqueles que estão sendo subjugados a não apresentar uma real ameaça a quem está subjugando ou exercendo poder sobre eles. Souza (2018) destaca que durante a gestão de Luís Inácio Lula da Silva, foi instituído que a Petrobrás teria que deter no mínimo 30% de toda participação em qualquer operação que envolvesse a exploração

do pré-sal, além de deter poder de veto sobre as condições de exploração.

Durante a corrida eleitoral de 2010 que deu vitória a Dilma Rousseff que defendia essa política, tinha seu concorrente José Serra defendendo a total liberação para a exploração estrangeira ao pré-sal. Neste sentido, em 2013 o Brasil recebeu a visita do vice-presidente dos EUA que tinha o objetivo de solicitar uma maior participação dos americanos na exploração do pré-sal, que não foi bem recebida por Rousseff.

Após esse encontro passaram a eclodir no país intensas movimentações no tecido social que só desapareceram após a queda da então presidente (Corrêa; Luedemann, 2023). Em agosto de 2016, Dilma Rousseff é afastada oficialmente do cargo de presidente pelo Congresso Nacional que apresentou inúmeras cenas de misoginia e exaltação à ditadura, levando seu vice Michel Temer a assumir a presidência do país naquele momento.

Sua gestão foi marcada por um intenso desmantelamento em diversas áreas da economia, política e social. No polo cultural, o governo extinguiu o Ministério da Cultura, mas devido às intensas críticas acabou voltando atrás (Cerqueira, 2018).

Seu período foi marcado por enormes exonerações de servidores do ministério, além de enfraquecer toda sua estrutura que lhe dava respaldo para conspirar contra sua existência ou fortalecimento, sendo um exemplo disso a nomeação de João Batista de Andrade para ocupar o cargo de ministro da pasta, mas o mesmo veio se demitir tempos depois devido o corte de 43% de todo orçamento voltado a sua pasta, alegando que todos os gastos e desmontes realizados pelo governo em sua pasta causavam a inviabilidade de condução do ministério (Cerqueira, 2018). Barbalho (2018) enfoca que esse enfraquecimento e desmonte do governo Temer em diversos setores como o cultural provocou uma resposta por meio da sociedade civil.

Esse processo explicitado pelo autor diz respeito a movimentos configurados atualmente pelas redes sociais como “Fora Temer Core”, ou seja, um movimento cultural e estético emergido durante sua gestão em oposição a seu governo, criando boa parte dos estereótipos atribuídos a ala mais à esquerda do país, em especial de jovens universitários como explicitado por Furtado (2017).

A carnavalização também é uma característica comum aos memes escolhidos. Percebe-se o discurso não oficial profanando o discurso oficial, o tom irônico incitando ao humor e levando ao riso aqueles que compartilham da ideia de que o governo do presidente Temer, empossado após processo de impeachment, não é passível de aceitação. É através do riso, com seu profundo valor de concepção do mundo, que os memes buscam inverter a realidade, mostrando pontos de vista particulares que revelam pela ambivalência uma outra visão de mundo (Furtado, 2017, p. 8-9).

Um exemplo desse movimento, foi a intensa comercialização de produtos que detinham uma estética que conversava com o movimento, seja brincos, camisetas, bolsas, meias e acessórios. Uma reportagem da Revista Marie Claire divulgada em 2017 elencou que o movimento contrário ao Temer foi exposto via cultural, levando diversas marcas a criarem produtos estéticos voltados aos protestos direcionados a gestão Temer como as meias produzidas pela marca Meia Jaca que tinham o teor político exposto em suas estampas que iam desde “Fora Temer” até “Petralha e Coxinha”, levando o faturamento dessa marca se elevar exorbitantemente durante esse período (Gentil, 2018).

Este período foi marcado também pela criação do movimento “lacradora” nas redes sociais, o que acabou se estendendo para dentro do debate público, além da popularização de uma estética que se tornou uma marca registrada de uma parte da esquerda brasileira. O UOL (2022) destacou que essa estética transformou a política em um “acessório de luxo”, sendo guiado pela ideologia neoliberal, pois o mercado conseguiu sequestrar o engajamento político e tornar todo o movimento cultural criado nesse período em comércio, provocando uma despolitização de um movimento que se vendeu inicialmente como politizado.

A corrida eleitoral de 2018 configurou um ponto decisivo dos rumos da política brasileira, pois após essa corrida eleitoral o tecido social brasileiro que já se encontrava fragmentado passou a sofrer de uma intensa ruptura reverberando até a contemporaneidade. Para compreender esse processo, é necessário ter em mente que a conjuntura da época apresentava um país completamente descontente com a gestão de Michel Temer e com bastante aversão dos governos petistas devido aos escândalos que eram recorrentes nos telejornais e nas mídias sociais.

Junior e Silva (2023) elencam que a operação Lava Jato desempenhou um papel fundamental para a ascensão bolsonarista, pois os discursos da operação que eram propagados pela mídia iam em direção ao discurso moralista do então candidato. Para os autores, a Lava Jato transferiu as críticas ao petismo do campo político para o jurídico e como reação surgiram discursos como “bandido bom é bandido morto” e aqueles voltados a ataques ao campo político, penalizando todo cenário político como um campo errado que precisava ser combatido da forma mais desumana possível.

Souza (2021) destaca que a campanha antipetista voltada para destruir seu partido do campo político como ocorreu com o PSDB anos depois, levou uma reação contrária, pois a sociedade civil passou a demonizar todos os segmentos políticos e esse ódio se tornava a justificativa para sua situação social vivenciada naquele momento o que abriu

caminho para o extremismo bolsonarista devido a radicalização de seu discurso perante uma sociedade conduzida ao radicalismo. Diante desse cenário, a construção de uma imagem mitológica de Bolsonaro passou a ser cada vez mais estimulada no imaginário de parte considerável da população brasileira, no entanto, sua ascensão também se deve a figura de Olavo de Carvalho e o movimento neopentecostal.

Ambos os movimentos, em especial a figura de Olavo de Carvalho eram inspirados e coordenados pela filosofia de Steve Bannon provocando uma mudança profunda em nosso tecido social. Steve Bannon foi o articulador político de Trump durante sua campanha eleitoral, porém seu modelo de ascensão ao poder não estava voltado apenas ao cenário americano, pois sua filosofia buscava uma ascensão global de retomada da extrema direita internacional, em função disso, Bolsonaro se torna um modelo perfeito de implementação de sua ideologia dentro do maior país do continente latino-americano.

2.7. Bolsonaro e a ascensão da ideologia da extrema direita

Bastos e Freitas (2025) explicam essa situação elencando que as estratégias de comunicação adotadas por Bolsonaro replicaram aquelas adotadas por Trump durante a corrida eleitoral de 2016, quando essa relação próxima ao chefe da Casa Branca naquele momento buscava “promover a extrema-direita na agenda em escala global”. Os autores continuam sua linha de pensamento enfatizando que essa proximidade entre Bolsonaro e a figura de Trump, o levou a adotar uma postura semelhante ao presidente norte-americano com uma linguagem que conseguisse conversar com sua base eleitoral.

Esse modelo conseguiu encantar o próprio Bannon que via o seu uso das mídias sociais como algo fascinante por conseguir ampliar sua campanha e disseminar com maior força sua ideologia dentro do estrato social brasileiro. No entanto, as bases das estratégias de Bolsonaro estavam apoiadas na recomendação de Bannon para a ascensão desses líderes pela “new-right” de sempre se valer do absurdo e de afirmações falsas como meio de roubar para si o debate público (Bastos e Freitas, 2025).

É justamente aqui que entra a figura de Olavo de Carvalho que se valia da filosofia gramsciana para elucidar sua própria filosofia ao mesmo tempo que atacava os pensamentos de Antônio Gramsci (Alves e Borges, 2024). É importante ressaltar que Carvalho apesar de se autointitular filósofo e ministrar aulas de filosofia por meio das mídias sociais não detinha nenhuma formação na área, suas aulas e livros publicados eram voltados ao combate de uma suposta “guerra cultural” em curso no país e em especial nas universidades públicas (Alves e Borges, 2024).

A filosofia olavista se apoiava demasiadamente na construção de um ambiente paranoico e o próprio Olavo de Carvalho reconhecia a importância do uso da mídia para a propagação da desinformação ao qual a figura olavista discorria de ideias conspiratórias de forma que convencesse, que o receptor de suas informações validasse suas convicções. Desse modo, transformava informações verídicas em inverdades se valendo da negação de fatos históricos como forma de manipulação das mentes de quem conseguia ser atingido por seu ritual de radicalização (Alves e Borges, 2024).

É nessa esfera que nascem diversas mídias como a produtora “Brasil Paralelo” que usam de suas produções como propaganda dessa nova extrema direita, no entanto, diferentemente de outros conteúdos conspiratórios que são mais facilmente desmascarados, as obras produzidas por essa produtora são feitas de forma que os concedem certo grau de credibilidade. E essa credibilidade consegue ser alcançada seja por entrevistados que se portam de forma séria e com um ar mais intelectual apesar de suas formações não serem necessariamente compatíveis com os assuntos abordados ou pela qualidade técnica apresentada em suas produções (Holanda, 2024).

Martins (2024) enfatiza que entre 2020 e 2024, a produtora “Brasil Paralelo” investiu mais de 20 milhões em anúncios nas mídias digitais, liderando a lista dos maiores financiadores de propagandas da Meta³⁴, ficando a frente do Governo Federal que ocupou a segunda posição. Seu material se baseia na construção de narrativas via distorções de fatos históricos, atendendo a grupos políticos e econômicos interessados nesse revisionismo histórico.

Holanda (2024) indica essa narrativa criada por Olavo de Carvalho e impulsionada pela “Brasil Paralelo” como causadoras do anti-intelectualismo na sociedade brasileira, pois deixa implícito em suas narrativas que qualquer um pode elucidar assuntos acadêmicos sem necessariamente ser dotado de especialização na área, levando indivíduos irrelevantes, desconhecidos no ambiente acadêmico ou em qualquer outra área de atuação para elencar afirmações sobre variados temas. Han (2019) destaca que o poder não pode se impor via coercitiva, pois quanto mais silencioso esse poder conseguir ser expresso em determinada conjuntura maior é sua força.

O trabalho desempenhado por Olavo e a produtora “Brasil Paralelo” tinha como objetivo impulsionar o poder dos agentes dominantes sem que a sociedade civil conseguisse perceber essa imposição. A figura bolsonarista conseguiu se projetar com

³⁴ Multinacional estadunidense voltado ao ramo tecnológico, onde fornece serviços como Facebook, Instagram, Whatsapp, etc.

bastante força na difusão desse tipo de filosofia que era impulsionada via cultural por meio da propaganda, no entanto, antes dessa ascensão mais visível desse tipo de comunicação, Bolsonaro utilizava os canais de rádio e TV no período que ainda era um mero parlamentar de baixo clero, pelos quais propagava suas visões de forma que a mídia da época transfigurasse como algo humorístico (Aires; Macêdo; Santos, 2025).

O filme alemão lançado em 2015, sob o título de “Ele está de volta” aborda um drama voltado para comédia que apresenta a figura de Adolf Hitler voltando aos tempos atuais, onde ele estranha a Alemanha contemporânea e assim passa a conhecer a nova realidade na qual está inserido. Na obra, ele conhece Fabian, um repórter precarizado e malsucedido em uma banca de jornal do qual ele buscava saber em que ano estava já que a Alemanha se encontrava bastante diferente daquela que tinha em mente.

O personagem Fabian, nota que aquele homem estava vestido com vestes da Alemanha nazista, no entanto, acredita fielmente que aquele homem estava fazendo sátira da figura de Hitler e assim, passa a usar de seu “humor negro” para conseguir uma melhor ascensão em sua profissão e Hitler percebendo que poderia propagar sua visão novamente encarna alguém inocente e piadista que só realiza paródia de sua figura. Em pouco tempo, o tirano consegue espaço nas mídias sociais o que leva o mesmo ser chamado a programas de TV que inicialmente acharam um absurdo esse tipo de paródia pelos perigos que apresentavam, mas ao notar que isso lhe gerava engajamento e público passaram a dispor semanalmente de programas que o recebessem para propagar suas visões em forma de “humor”.

Ao final do filme, Fabian percebe que aquele homem se tratava do tirano que conduziu a Alemanha a Segunda Guerra Mundial e passa a se desesperar ao notar que sua ideologia estava voltando a se tornar celebrada na cultura popular devido aos memes, as sátiras transmitidas em horário nobre e as propagandas que estampava sua cara. Ao confrontá-lo o chamando de monstro, Hitler se dirige a ele dizendo que:

Sou? Então é melhor você culpar também aqueles que elegeram esse monstro. Eram todos monstros? Não, eram pessoas normais que escolheram eleger alguém diferente para o destino do seu país. O que vai fazer Sawatzki? Impedir as eleições? [...] Você nunca se perguntou por que as pessoas me seguem? É porque no fundo elas são iguais a mim. Você tem os mesmos valores (Ele está de volta, 2015).

Neste momento, Fabian percebe que contribuiu para dar voz a um homem extremamente perigoso, porém ao denunciar passa ser visto como louco perante a sociedade embriagada com os discursos nazistas. No último take do filme é exibido a

ascensão da extrema direita em toda Europa e sua propagação pela sociedade alemã que interpreta as ações e atitudes impulsionadas por Hitler como um humor “politicamente incorreto”.

Essa obra apresenta um paralelo muito semelhante com a ascensão de Bolsonaro no espaço público brasileiro que iniciou em programas de entretenimento exibidos na TV aberta como “Superpop” apresentado por Luciana Gimenez na RedeTV e “Pânico na Band” exibido na emissora Band. A sua figura que até aquele momento era de um mero parlamentar passou a ser visto após suas aparições nesses meios midiáticos como alguém que tinha opiniões polêmicas sobre a vida política, pois era aderente do “politicamente incorreto”, atribuindo a si mesmo a imagem de “mito” (Aires e Macêdo, 2025).

Suas participações nesses programas televisivos eram recorrentes a ponto de deter um quadro voltado para suas opiniões polêmicas nos meios televisivos. No programa de TV da emissora Band, chamado “Pânico da Band”, Bolsonaro ganhou um quadro na grade do programa intitulado de “Mitadas do Bolsonabo” detendo mais de 30 episódios exibidos:

[...] O personagem “Bolsonaro”, acompanhado de uma comitiva de atores trajados com vestes militares que formam uma banda de fanfarra, interage com transeuntes que fazem questionamentos a partir de um púlpito. Trata-se de escadas para piadas politicamente incorretas que reproduzem a falta de decoro característica do então parlamentar. O choque diante do excesso e da violência das respostas era a base para provocar o riso e o engajamento da plateia, induzida pelo elenco para endossar um coro uníssono: “Mito! Mito! Mito!”. O neologismo “mitadas”, apropriado pela direita, denomina o ato de transformar algo ou alguém em mito, lenda, no sentido de fazer algo fantástico, inusitado, heroico e lendário. Se atribui heroísmo ao ato de, supostamente representando o senso comum, afirmar sem titubear algo politicamente incorreto (Aires; Macêdo; Santos, 2025, p. 76-77).

Todo esse cenário rendeu a figura de Bolsonaro um maior engajamento nos meios digitais que conseguiram propagar com enorme eficiência sua ideologia por meio do “meme”³⁵. Mendonça e Caetano (2020), elucidam a importância das redes sociais na atual comunicação da sociedade, pois existem estimativas que em média cerca de noventa e cinco milhões de imagens são publicadas nas redes sociais diariamente e que a população de todo o mundo assiste mais de um bilhão de horas no Youtube, o que torna esse novo tipo de comunicação fundamental no engajamento político dos cidadãos.

De acordo os autores, essas plataformas contribuíram para maior mobilização e engajamento político dos cidadãos, ao qual por meio de conteúdos virais conseguem criar uma imagem mitológica de figuras políticas populistas, criando um vínculo entre povo na

³⁵ Imagens e vídeos criados nas mídias digitais em prol de viralizar e adentrar na cultura pop, conteúdo um enorme humor implementado nessas produções.

mesma concepção de vínculo construída por celebridades e sua base de fãs (Mendonça e Caetano, 2020).

Neste sentido, segmentos religiosos encontraram em sua imagem um meio de expandir sua influência na sociedade brasileira, pois de acordo com Machado e Burity (2014) o movimento neopentecostal brasileiro nas últimas décadas passou a apresentar claras ambições hegemônicas nos mais diversos espaços públicos. Uma das visões propagadas por esse movimento na sociedade brasileira e abraçada por Bolsonaro apesar dele se declarar católico foi a ideia que a cultura do “jeitinho brasileiro” havia sido influenciada pela colonização ibérica católica que se tornava mais atrasada em relação a sociedades colonizadas pela influência protestante como os EUA, que os mesmos atribuíam a uma sociedade honesta (Machado e Burity, 2014).

Desde a Doutrina Bush, o movimento neoconservador passou a defender o exercício da hegemonia internacional dos EUA por via religiosa (Módolo, 2012). Isso foi observado no movimento neopentecostal exercido no Brasil que nunca se identificou plenamente com a cultura brasileira e sempre evitou ao máximo incorporar suas tradições como realizada pela Igreja Católica, pois tem um vínculo profundo com a cultura e o estilo de vida norte-americano que é estimulado dentro do segmento religioso (Mendonça, 2005).

Neste sentido, o movimento fundamentalista norte-americano desde o final da Guerra Fria passa a se encontrar cada vez mais presente no segmento “evangélico” brasileiro por meio de missões religiosas realizadas por jovens e missionários que conseguiu abrir espaço posteriormente as redes televangelistas que conseguiam ampliar sua presença na sociedade (Mendonça, 2005).

Para Casarões (2020) o movimento neopentecostal brasileiro em seu projeto de poder passou a se apoiar na teologia da prosperidade que defende que a pobreza é resultado da falta de fé dos fiéis e a teologia do domínio encarna a cultura de paranoia observada na ideologia propagada por Olavo de Carvalho, que defende que os fiéis estão constantemente em combate ao maligno e por isso devem estar em constante luta e combate à subversão maligna da arte, imprensa, cultura e afins. Desse modo, esse movimento passa a articular entre suas lideranças modos de capturar as instituições democráticas por meio da evangelização.

Esse movimento ocorre quando se aliam ao tráfico para expulsar outras denominações religiosas exercidas em áreas pobres, em especial as religiões de matriz africana, o que apaga a história e identidade cultural de uma parte da sociedade brasileira ou por meio da conquista monopolista dos meios de comunicação como o caso da

Universal que detém sobre seu poder a segunda maior emissora do país e detentora de gravadoras para lançamento de artistas gospel pelo selo da Line Records (Casarões, 2020). A vitória de Bolsonaro na corrida eleitoral de 2018 representou para todos esses segmentos, em especial o evangélico, o alcance de um poder político capaz de ampliar sua participação nas decisões políticas, culturais e econômicas do Brasil.

Assim, é adotado pelo governo Bolsonaro uma eterna “guerra cultural” contra o suposto “comunismo” no Brasil, os evangélicos que representavam uma base política importante no governo Bolsonaro defendiam que os progressistas dominaram todos os segmentos políticos e culturais responsáveis por todo colapso moral que se apresentava na sociedade brasileira sendo algo muito semelhante ao defendido pela ideologia olavista propagado pela “Brasil Paralelo” (Casarões, 2020). Em sua gestão, a cultura popular e seus artistas sofreram fortes ataques devido essa constante “guerra cultural” travada no campo político, levando o governo a alocar os recursos voltados à cultura a grupos religiosos e sua propagação na sociedade brasileira (Casarões, 2020).

Inicialmente, o governo extinguiu o Ministério da Cultura, o tornando uma secretaria que inicialmente havia sido incorporada ao Ministério da Cidadania e posteriormente ao Ministério do Turismo (Costa e Martins, 2023). Em 2020, foi deflagrada a pandemia que forçou diversos segmentos econômicos a paralisarem suas operações, obrigando o governo que tinha um ultraliberal no Ministério da Economia a realizar uma série de gastos públicos para tentar salvar diversas áreas econômicas afetadas.

O setor cultural acabou presenciando a aprovação da Lei 14.017/2020 (Ipea, 2024). Essa lei determinava que a União transferisse aos estados e municípios R\$ 3 bilhões ao setor cultural como medida emergencial, pois os trabalhadores do setor foram fortemente afetados pelo *lockdown* realizado em função da Covid-19, os forçando a paralisar suas atividades e assim reduzindo seus ganhos (Ipea, 2024). No entanto, apesar da política ser sancionada pelo então presidente, o governo apresentava baixa cooperação com os gestores, além de maior desarticulação entre os entes federativos.

Estes entes assumiram uma postura de maior “cobrança e fiscalização” por parte dos executores desses repasses, levando maior pressão sobre esses gestores que graças a participação da sociedade civil conseguiram no ano seguinte a prorrogação do prazo de prestação de contas dos recursos Aldir Blanc (Ipea, 2024). Apesar dos desafios, a LAB conseguiu posteriormente se consolidar objetivamente como política de Estado voltada ao setor cultural que aliado a Lei Paulo Gustavo aprovada no ano seguinte configurou um marco na política cultural no país, no entanto, naquele momento apresentava uma série de

contrastes com o Governo Federal que tendia a dificultar sua execução devido aos ataques direcionados constantemente ao setor cultural do país (Ipea, 2024).

A corrida eleitoral de 2022 marcou um momento histórico da política brasileira, pois representou um risco real de ruptura do processo democrático brasileiro ao qual nossa sociedade como discutido em tópicos anteriores buscou por longos anos construir. Melo (2024), enfatiza que a campanha eleitoral de Bolsonaro nesse período consistia em desacreditar o processo eleitoral e incitar seus apoiadores a apoiá-lo em uma tentativa de golpe de Estado caso o resultado das urnas não fosse o desejado pelo então candidato.

Durante o período de campanha, Bolsonaro utilizou as redes sociais que o ajudaram a alcançar o poder em 2018 para provocar caos interno, um exemplo dessa situação foi à tentativa de seus apoiadores no lançamento de uma bomba na cidade do Rio de Janeiro durante um evento de campanha de Lula. Vale ressaltar que tal atitude era dirigida a todos os candidatos que não deixassem claro a aderência à ideologia bolsonarista, no entanto tal atitude não foi capaz de impedir o resultado eleitoral daquele ano (Melo, 2024).

A eleição de 2022 foi vencida por Luís Inácio Lula da Silva, representando um marco em nossa democracia inaugurada pós-ditadura devido a todo o contexto ao qual estávamos inseridos naquele período. Dessa forma, ainda em 2022 após o resultado eleitoral a estratégia bolsonarista foi realizar acampamentos na porta de quartéis implorando por uma intervenção militar no país, pois segundo Bolsonaro e sua base as eleições haviam sido fraudadas (Melo, 2024).

Esse episódio rendeu uma série de vídeos e áudios gravada e publicada pelos próprios apoiadores de Bolsonaro que demonstraram um grave problema psíquico provocado pelo bolsonarismo na sociedade brasileira. Esse fenômeno nem mesmo na época da ditadura e durante o período Collor que usava das mídias tradicionais da época e da estética para conseguir apoio, demonstrou tamanha histeria coletiva.

Freud explicava que atitudes de histeria eram criações de grupos e esses grupos são formados por pessoas que detém dentro de si uma necessidade de pertencimento. Desse modo, ao encontrar espaços em que consigam exercitar isso dentro de si, maior o laço construído com o grupo associado que lhe confere como resposta uma identidade (Ferreira, 2018). Como a tentativa de golpe e de impedir a posse de Lula não deu certo, uma semana depois de sua posse os apoiadores de Bolsonaro invadiram a Praça dos Três Poderes e depredaram as principais sedes da república em uma tentativa de conseguir realizar um golpe de Estado no dia 08 de janeiro de 2023.

A cena foi chocante, pois foi transmitida em tempo real por todos os canais de

comunicação e os próprios golpistas publicaram nas redes sociais vídeos dos atos contra a democracia, as lives foram transmitidas ao vivo, sendo vistas pelo mundo todo. Apesar de a tentativa de golpe ter sido suprimida e os golpistas serem presos e dispersados, ao tomar posse o presidente Lula encontrou um Congresso e Senado composto em sua maioria por pessoas ligadas a ideologia bolsonarista, mesmo que até aquele momento houvesse rompido com o então ex-presidente (Melo, 2024).

Para Piketty (2020), a ascensão de movimentos extremistas é decorrente do aumento das desigualdades cada vez mais evidentes nas sociedades ao mesmo tempo que as classes populares vendo sua condição de vida regredir passam se sentir cada vez mais abandonadas por seus líderes, os levando se encantar por figuras autoritárias provocando um aumento do anti-intelectualismo, pois esses cidadãos passam enxergá-los como perigosos “para os valores e para a sociedade”. Bogéa (2021) explica que as frustrações dos indivíduos quando não levadas a sério tendem a provocar nessas pessoas uma clara dificuldade em encarar o mundo real.

Isso gera dissociações para conseguir sobreviver perante tais frustrações ao passo que direcionam as causas dessa condição ao outro. Dessa forma, a figura de Bolsonaro foi projetada nos demais de forma narcísica já que o mesmo consegue representar o brasileiro médio.

Souza (2021) indica que o fenômeno do bolsonarismo conseguiu reunir todos os ressentimentos e desejos reprimidos dos indivíduos e organizar cada um deles dentro da esfera política e como a própria política é feita com base nas emoções dos indivíduos é gerado uma expressão que consegue justificar a perseguição de grupos vistos como culpados por suas frustrações e ressentimentos. Esses sentimentos, apesar de apresentar uma força inabalável no contexto político por estarem presentes no campo das emoções, são estritamente perigosos, pois conduzem aquela sociedade ao mergulho em fontes que impedem o diálogo, pois busca-se a eliminação do outro.

Observa-se que a sociedade brasileira como um todo é carente de um profundo senso de pertencimento, ao qual grupos que conseguem deter esse tipo de ambiente ao ver esse campo atingido tendem se agarrar em outro que garante sua existência, que consiga lhe transmitir um sentimento de visibilidade e isso é acompanhado em todos os extratos sociais. Para entender esse pensamento, elencamos o pensamento de Axel Honneth em sua filosofia chamada de “teoria do reconhecimento”, ao qual discorre que as classes dominantes tendem a expressar de forma contínua sua superioridade dentro do estrato social sobre aqueles que dominam, no entanto, muitas vezes, essa classe sequer percebe a

quem está dominando por não se reconhecerem como indivíduos.

O mais notório, talvez, seja o fato de que a nobreza tinha permissão para se despir na frente de seus servos porque estes simplesmente não estavam lá, em certo sentido. Nesses últimos casos, os protagonistas, especificamente os senhores brancos, procuram intencionalmente deixar claro para os negros, que estão fisicamente presentes, que eles (os negros) não são visíveis para eles. A expressão coloquial para essas formas ativas de invisibilidade intencional é "olhar através" de alguém. Possuímos a capacidade de mostrar nossa desconsideração às pessoas que são enviadas, comportando-nos em relação a elas como se não estivessem realmente presentes na sala (Honneth e Margalit, 2001, p. 112 - Traduzido pelo autor).

De acordo com os autores esse tipo de situação é demonstrado sempre de forma bastante sutil, mas ao mesmo tempo escancarada porque se estende a outras situações como chegar em uma residência e cumprimentar a todos presentes, mas esquecer de se dirigir da mesma maneira a quem está subordinado a limpeza do local e isso ocorre em função daquele indivíduo não deter importância social naquele ambiente. o que pode ser entendido como um sinal de humilhação (Honneth e Margalit, 2001). No campo da cultura, o reconhecimento representa uma parte importante de sua existência.

Geertz (2008) evidencia que a cultura é o ponto principal que nos define como seres humanos nos diferenciando das outras espécies e permitindo que possamos viver em sociedade. Diferente dos animais que são governados exclusivamente por seus instintos biológicos, os seres humanos são governados não apenas por seus instintos, mas também pela cultura na qual se encontram inseridos, conseguindo nos diferenciar inclusive entre nossos próprios semelhantes.

Para Souza (2018) é necessário a compreensão da autopercepção dos agentes para compreender as hierarquias morais presentes dentro de uma sociedade. O Brasil conseguiu após o período varguista esconder seu racismo explícito por meio do culturalismo, ou seja, que o problema de nossa sociedade está entendida no tipo de cultura do qual sofremos influência colocando a relação católico e protestante nesse segmento, pois esse racismo vai permear inclusive a concepção de que somos um povo aquém das demais sociedades devido a influência católica que não provoca uma maior elevação do espírito de nossa sociedade como presenciado em países formados pela influência protestante.

Souza (2024) destaca que esse tipo de mito é construído como forma de domínio da sociedade brasileira que como resposta legítima a usurpação das suas riquezas e dependência por meio de agentes externos. Isso ocorre porque, o capitalismo promovido por esses agentes tendem a se colocar como alguém mais instruído para comandar algo que aquele povo que se visa o domínio não detém capacidade de coordenar, neste sentido, o

capitalismo americano se utiliza de sua indústria cultural como braço importante do domínio político e econômico de seu Estado sobre outro.

Seguindo essa concepção, observa-se isso enroscado na cultura brasileira, que é vista e interpretada como corpo em oposição ao espírito oriundo dos países desenvolvidos nos levando a condenar toda a nação quando um nacional comete um erro e individualizamos quando o mesmo caso é cometido por um europeu ou norte-americano. Souza (2018) explica que não é possível dominar um povo se antes não projetar sobre ele uma imagem negativa de si mesmo, ao ponto do indivíduo aceitar esse simbolismo como algo inerente de seu povo, mas acima de tudo cria-se um binarismo infantil dentro daquela sociedade que os impede de construir uma visão crítica do mundo em que vivem fora do binarismo bem versus mal.

Nesse sentido, parafraseando as teorias marxistas, Marx dizia que o fetiche da mercadoria se dava quando o valor da mercadoria era dada por ela mesma, mas não pelo trabalho humano adicionado durante sua produção. Nesse sentido, o capitalismo norte-americano por meio de sua indústria cultural conseguiu transformar parte de suas mercadorias em um produto fetichizado ao qual os indivíduos se tornam mais ligados a elas por lhe permitir um senso de pertencimento.

Souza (2018) indica que em sociedades como a brasileira esse fetiche nasce dessa indústria cultural à qual somos submetidos desde a infância, levando nossa classe média e pobre desejar deter um Iphone, por exemplo, como símbolo que lhe confere certo status dentro da sociedade. Aqueles que não conseguem ter acesso a esse bem são vistos como subalternos dentro do ambiente inserido que os convence dessa visão que acaba sendo permeada para dentro e fora da lógica de consumo.

Assim, ao convencer o povo a ser dominado como não digno de deter o espírito encontrado nas sociedades pertencentes ao centro do capitalismo, devido suas condições ligadas ao corpo que os tornam primitivos, corruptos e tomados pela irracionalidade o indivíduo humilhado confere a quem está partindo a humilhação poder sobre si por não compreender que está sendo alvo de humilhação. No entanto, existe uma característica particular encontrada em situações como essa que é a tentativa de grupos humilhados em imitar os tidos como superiores como uma forma de se sentir superior aos seus iguais humilhados (Souza, 2024).

Schultheisz (2013) destaca que a autoestima é gerada quando conseguimos nos conectar positivamente com o mundo exterior, pois sua auto avaliação é feita com base em todos os sentimentos transmitidos a si durante seu processo de formação. A imersão da

baixa autoestima é refletida quando durante esse processo o indivíduo denota que boa parte de suas ações são alvos constantes de críticas, levando os mesmos a desenvolver uma imagem negativa de si mesmo podendo durar por longos anos ou até mesmo por toda a vida.

Danner e Barbosa (2020) destacam que a falta de reconhecimento conferido a um povo ou indivíduo, assim como uma representação caricata do mesmo pelo agente externo, provoca danos profundos capazes de aprisioná-los e impedi-los de lutar pelo próprio reconhecimento interno. Tal ação gera uma dependência do subjogado pelo outro, para enxergar em si mesmo algum valor, o que demonstra a dificuldade de conseguir romper de forma significativa a subordinação sofrida.

Dessa forma, esse processo como indicado por Souza (2018) consegue convencer a sociedade brasileira de que ela é corrupta por meio da mídia, universidade, escolas e afins, pois é importante ressaltar que quando a sociedade se encontra tão subordinada a agentes externos nem a produção de conhecimento acadêmico dessa sociedade é livre, mas voltada aos interesses dos agentes dominantes por mais que busque se negar tal condição. Furtado percebeu essa situação durante seu exílio quando observou que países que não apresentam um processo de desenvolvimento e industrialização semelhante aos países desenvolvidos tendem a importar sua ideologia e visão de mundo, o que estimula uma maior dependência cultural entre esses dois pólos devido a fomentação de “bens culturais que uniformizam os padrões de comportamento, base de criação para grandes mercados” (Pacheco e Benini, 2018).

É diante dessa conjuntura que os agentes dominantes conseguem subverter o Estado a seus interesses, vendendo empresas estratégicas ao capital estrangeiro pela metade do seu valor real, aumentando o valor do sequestro do orçamento público para si, transferindo recursos públicos a rentistas sob o empobrecimento da população local devido a elevação dos juros em prol do maior ganho de capital pelo mercado especulativo (Souza, 2018). Tal situação consegue fazer com que a população ataque sua própria soberania nacional em prol do capital.

Capital esse que irá tomar por conta própria sua soberania, via cultural por meio de filmes, livros, músicas e séries que defendem a ideologia dominante que se introjetam na moda e pensamento social, assumindo suas emoções, levando países centros do capitalismo como os EUA a um poder brando na sociedade brasileira por meio de sua indústria cultural. Essa indústria os eleva superiores, levando os agentes alvos desse pensamento “se imaginar americana e a adotar a mesma visão de mundo” (Souza, 2020).

2.8. A lição da indústria cultural sul-coreana ao Brasil

Em 1910, a Coreia do Sul passou por um processo profundo de humilhação por parte do império japonês, nesse período os japoneses passaram a reprimir toda cultura coreana ao passo que impuseram a sua na região por meio principalmente da imposição linguística, proibindo os coreanos de falar seu idioma nativo o que provocou uma série de revoltas e sentimento nacionalista que reverbera até os dias atuais em sua sociedade (Silva, 2021). Esse processo de subjugação do povo sul-coreano chega ao fim somente ao final da Segunda Guerra Mundial, ao qual esse período provocou uma desunião interna entre os coreanos que divergentes a que posição tomar durante a Guerra Fria se fragmentaram em duas partes: a parte norte passou a ser ocupada pelos soviéticos e a parte sul pelos norte-americanos.

Após todo esse contexto, a economia sul-coreana entrou em completo colapso, levando os militares americanos em 1948 a iniciar um processo de reforma agrária na região que chegaria ao fim no ano seguinte, representando um ponto de virada para o desenvolvimento econômico e social da região (Haddad, Mendonça e Constâncio, 2021). Durante sua Primeira República, os sul-coreanos tiveram enorme apoio dos EUA a ponto do mesmo conseguir influenciar seu sistema governamental que presenciou nesse período um crescimento econômico e um aumento no êxodo dos povos do campo para os centros urbanos dando início ao seu processo de urbanização gerando impactos positivos em seu parque industrial.

Essa situação contribuiu para a inserção dos sul-coreanos no comércio exterior na década de 1970, quando elaboraram estratégias econômicas para conseguir maior projeção internacional por meio de uma abertura comercial muito bem planejada pelo governo. Haddad, Mendonça e Constâncio (2021), explicam que de acordo os neoclássicos o sucesso das medidas implementadas nesse período se deveram a ações voltadas ao mercado por meio de incentivos governamentais para que sua indústria produzisse alguns bens que eram adquiridos via importação e assim, posteriormente, conseguir comercializá-los no comércio exterior, criando uma boa estruturação econômica capaz de permitir um melhor “funcionamento do mercado”.

Os autores citados anteriormente, explicam que para a corrente heterodoxa o governo foi o maior responsável por esse desempenho positivo da economia sul-coreana, participando tanto das decisões econômicas quanto do funcionamento do mercado. Isso segundo eles, garantiam o “controle dos preços, estimulando grupos empresariais a

diversificarem seus produtos e aumentando a produtividade da economia”, além de promover a desvalorização cambial para tornar seus produtos mais competitivos diante dos competidores estrangeiros, impulsionando subsídios a setores de sua indústria e controlando sua taxa de juros em prol de incentivar maiores investimentos em sua economia.

Haddad, Mendonça e Constâncio (2021) destacam que apesar das duas correntes terem suas próprias concepções de como se deu esse processo de industrialização da Coreia do Sul, o fato concebido é que a implementação do seu parque industrial só foi possível com a intervenção estatal e na sua colaboração juntamente ao setor privado. Silva (2021) ressalta que após se reerguer economicamente, a Coreia do Sul passou a perceber o quanto ainda era fortemente influenciada por agentes externos culturalmente, levando os mesmos a passarem a adotar políticas de maior valorização de sua própria cultura apesar de permitir algumas influências ocidentais.

O movimento intitulado como “onda coreana” ou simplesmente “Hallyu” deu seu primeiro pontapé em 1997 devido ao sucesso do teledrama “Whats is Love About?” exibido na China por 17 anos, o que despertou maior interesse da população chinesa por produções sul-coreanas, permitindo a expansão desses conteúdo para outros países asiáticos (Haddad, Mendonça e Constâncio, 2021). Dessa forma, o governo da Coreia do Sul enxergou nesse interesse por suas produções culturais um meio de desenvolver sua economia e ampliar sua influência, melhorando a sua reputação no contexto geopolítico.

Silva (2021) destaca que a Coreia do Sul sempre viu com bastante admiração o poder da indústria cultural norte-americana, os levando a estudar o seu modelo e incorporá-lo em sua indústria cultural. Nesse sentido, a Coreia do Sul passou a investir pesado na produção voltada para a exportação de seus produtos culturais em uma política econômica de Estado.

O orçamento do governo voltado ao setor saiu de US\$ 400 milhões em 1998 para US\$ 1,1 bilhões em 2002, contribuindo para a diminuição das desigualdades internas do país. Os investimentos direcionados à educação e tecnologia para uma melhor elaboração da sua estratégia de *soft power* lhe rendeu ganhos econômicos e sociais que lhe permitiu superar a crise econômica asiática de 1997 (Silva, 2021).

Silva (2021) afirma que para conseguir gerar maior identificação entre seus consumidores no mercado asiático a indústria cultural da Coreia do Sul passou a se adaptar a cada região do continente. Assim, passou a incentivar os artistas a cantar suas canções no idioma de cada país, o que garantiu a sua entrada no mercado desses países extremamente

competitivos e fechados.

Com a maior popularização da internet no século XXI, a indústria musical sul-coreana passou a se apoiar em sua difusão global via mídias digitais. Em sua primeira onda conseguiram criar uma base de fãs que legitimaram seu reconhecimento, na onda seguinte, conseguiu conquistar mercados da China e Japão que são os países mais importantes e influentes da região, e na terceira onda, passaram a intensificar sua presença na internet com combinações musicais que mesclavam seu idioma com o inglês dentro de grupos musicais muito bem treinados.

Essa ação gerou o que conhecemos hoje como k-pop, que graças a sua mesclagem com a cultura milenar asiática e a cultura ocidental conseguiu ultrapassar barreiras entre os orientais e ocidentais devido a identificação gerada pelos grupos (Silva, 2021). Os avanços na indústria cultural sul-coreana iniciados no final da década de 1990 levaram sua indústria musical, devido sua expansão no cenário internacional, a crescer 17,9% em 2018, levando sua maior marca, o k-pop gerar de retornos ao país mais de US\$ 4,7 bilhões ao ano proveniente de um investimento de mais de vinte anos do governo sul-coreano (Haddad, Mendonça e Constâncio, 2021).

A popularização do Youtube na década de 2010 garantiu ao PSY a colocação dos vídeos da plataforma mais assistidos, sendo sua canção “Gangnam Style” de 2012 seu maior sucesso, sendo aquele que permitiu maior popularização do estilo no mundo ocidental. No entanto, o investimento no estilo já partiu anteriormente do governo da Coreia do Sul como forma de profissionalizá-lo para o qual em 2005 foi criado um fundo governamental voltado exclusivamente para o desenvolvimento do ritmo musical k-pop de US\$ 1 bilhão (Haddad, Mendonça e Constâncio, 2021).

O impacto do k-pop tanto na economia quanto na geopolítica é tão profunda que segundo Haddad, Mendonça e Constâncio (2021), em 2018, o ditador norte-coreano Kim Jong-Un permitiu a exibição de shows de bandas k-pop em seu país configurando um marco devido o histórico de conflitos entre o lado norte e sul das coreias. No mesmo ano, foi realizado um levantamento que segundo os autores demonstrava que o maior grupo de k-pop, o BTS, movimentava tanto diretamente quanto indiretamente mais de US\$ 3 bilhões ao ano a economia do país.

Esse financiamento trouxe a Coreia do Sul muito mais que melhora econômica, pois o número de alunos estrangeiros interessados a aprender sua língua aumentou no mundo inteiro o projetando globalmente, conseguindo atrair muito capital humano para suas universidades, além de presenciar setores empresariais ligados a diversos segmento

surfaram nesse movimento, provocando maior difusão de seus produtos em outros mercados (Haddad, Mendonça e Constâncio, 2021). A Coreia do Sul percebeu ali, a janela de oportunidade de sua indústria cultural para o desenvolvimento econômico e social do país.

Desse modo, passaram a despender uma quantidade considerável de recursos voltados a sua indústria cultural, aliados a seu polo tecnológico e sistema educacional. Em menos de 20 anos, a Coreia do Sul colheu os louros desse investimento público em parceria com o seu setor privado.

O processo de ascensão econômica chinesa conseguiu dar um maior destaque a história e cultura asiática devido o polo econômico e de inovações estar se voltando em direção a eles. Isso permitiu que esse projeto iniciado no final dos anos 1990 ganhasse mais protagonismo no cenário internacional, apoiado em sua ocidentalização com a preservação de sua história e cultura local.

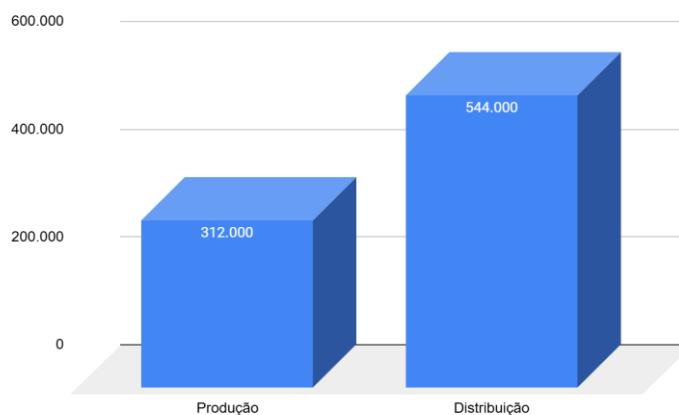
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES:

3.1. EUA

A partir das referências apresentadas observa-se que a indústria cultural norte-americana não somente produz um impacto significativo na economia do país como também possui uma média salarial muito acima de várias indústrias importantes. Segundo os dados da associação comercial estadunidense que representa os maiores estúdios de cinema do país, a indústria de cinema e TV foi responsável pela geração de 2,32 milhões de empregos, pagando cerca de US\$ 229 bilhões em salários totais, abrangendo mais de 122.000 empresas, de acordo com uma análise dos números econômicos mais recentes divulgados pela Motion Picture Association.

Em 2023, essa indústria produziu mais de 800 mil empregos diretos, sendo mais de 300 mil somente na parte de produção e 544 mil no âmbito da distribuição como apresentado no gráfico 1.

GRÁFICO 1 - Tipo de emprego direto gerado na indústria cinematográfica e televisiva dos EUA em 2023

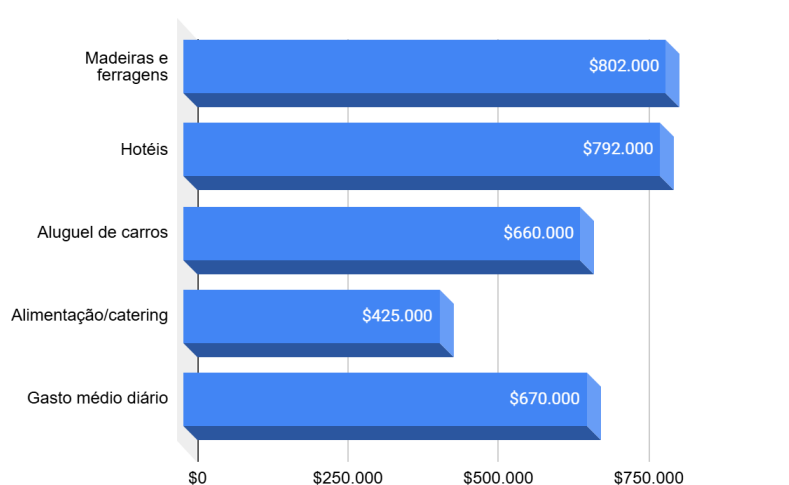


Fonte: Elaborada pela autora, segundo os dados da Motion Picture Association (2025).

Os empregos diretos produzidos nessa indústria empregam mais pessoas que outros setores importantes, incluindo mineração, extração de petróleo e gás natural, produção agrícola e fabricação de veículos automotores, no entanto, tais dados foram negativamente afetados pela greve dos roteiristas que durou sete meses em 2023. No que diz respeito à remuneração dos trabalhadores dessa indústria, a média do salário anual dos empregos diretos é 64% acima da média nacional, enquanto o salário dos trabalhadores relacionados a produção está 54% acima da média nacional.

Nesse sentido, o impacto econômico gerado sobre a cidade na qual o longa é produzido é maior na locação para suas produções, levando os mesmos a gastarem em média mais de US\$ 20 milhões somente em locação, além de injetar US\$ 10,2 milhões nos fornecedores locais de serviços e matérias-primas. O gráfico 2 apresenta o gasto médio por fornecedor que esses longas geraram em 2023.

GRÁFICO 2 – Gasto médio por fornecedor na produção de longa-metragem nos EUA (2023)

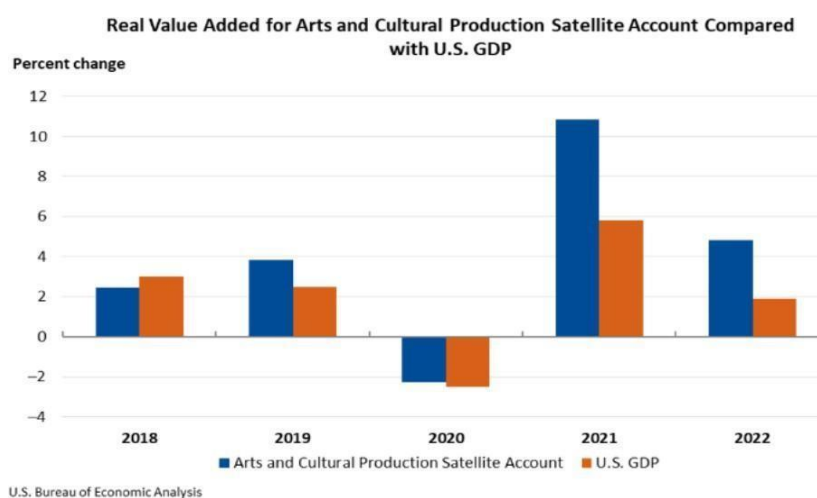


Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da Motion Picture Association (2025).

De acordo com a Conta Satélite de Produção Cultural e Artística divulgada em março de 2024 pelo Bureau of Economic Analysis (BEA) dos EUA, a atividade econômica cultural e artística, ajustada pela inflação, aumentou 4,8% em 2022 após aumentar 10,8% em 2021. Em comparação, a economia mais ampla, medida pelo produto interno bruto (PIB) real, aumentou 1,9% em 2022 após aumentar 5,8% em 2021.

A atividade econômica cultural e artística foi responsável por 4,3% do PIB, ou US\$ 1,10 trilhão, em 2022 como apresentado na figura 1.

FIGURA 1 - Valor real acrescentado para a conta satélite de produção artística e cultural (azul) em comparação com o PIB dos EUA (2018-2022)



Fonte: Bureau of economic analysis (2024).

Os dados apresentados demonstram que a produção cultural dos EUA cresceu 36,32% entre 2017 e 2022, e registrou no último período mais de US\$ 1,9 trilhões em produção cultural no país. A produção cultural e artística essencial registrou um aumento de 39,35% entre a série analisada que foi impulsionado pelos setores de serviços de design (43,71%), artes cênicas (40,95%) e educação em belas artes (30,58%).

No que tange ao apoio à produção artística e cultural foi registrado um aumento de 35,72%, que apresentou melhor variação do período nos setores ligados à indústria de varejo (51,71%), indústria de atacado e transporte (40,68%), serviços de informação (36,89%) e serviços de apoio a arte (33,35%). De acordo os dados divulgados pela Gower Street Analytics, a temporada de verão da rede cinematográfica do país acumulou globalmente US\$ 11,9 bilhões em bilheteria, representando uma temporada na rede cinematográfica norte-americana 1% mais positiva que no ano anterior, porém 16% abaixo do desempenho de 2023 que registrou uma bilheteria global de US\$ 14,1 bilhões em decorrência do fenômeno Barbenheimer³⁶.

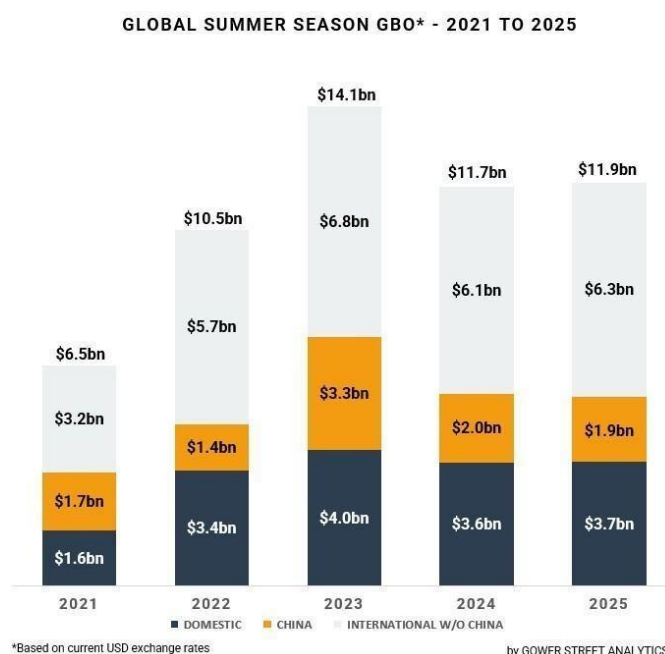
É importante ressaltar que a maior parte das bilheterias das produções cinematográficas hollywoodianas é proveniente dos mercados externos, onde somente o mercado consumidor chinês em 2025 foi responsável por injetar nesse segmento US\$ 1,9 bilhões. Os demais mercados externos sem contabilizar a China foram responsáveis por produzir US\$ 6,3 bilhões em receita para esses estúdios em comparação ao seu mercado

³⁶ Movimento cultural provocado pela ascensão cinematográfica simultânea dos filmes Barbie e Oppenheimer em 2023.

interno que gerou US\$ 3,7 bilhões.

Esses dados são importantes, pois demonstram que essa indústria depende em grande parte do mercado externo, pois o mercado interno sozinho não é capaz de sustentar os grandes recordes de bilheteria e faturamento dos estúdios de Hollywood como apresentado na figura 2.

FIGURA 2 - Bilheteria global da temporada de verão cinematográfico de Hollywood (2021-2025)



Fonte: Gower Street Analytics (2025).

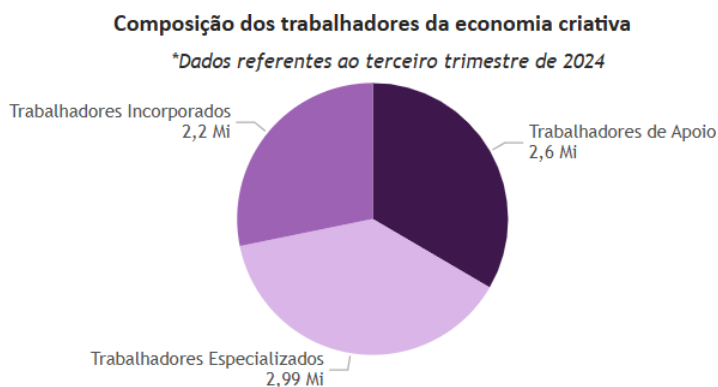
3.2. Brasil

No Brasil, a indústria cultural ou criativa é composta por três tipos de trabalhadores: os incorporados que dizem respeito aos que fazem parte da indústria criativa, mas que atuam em outros setores da economia como um ilustrador que atua no ramo de tecnologia. Os especializados que são trabalhadores empregados exclusivamente no ramo criativo e os de apoio que atuam na área criativa, mas ocupam ramos operacionais que não são considerados parte dessa indústria como é o caso dos contadores que prestam serviços a empresas ligadas ao ramo.

De acordo os dados divulgados pelo Itaú Cultural, durante o quarto trimestre de 2024 os trabalhadores especializados contavam com mais de 2,9 milhões de postos de trabalho preenchidos, sendo o grupo mais expressivo atuante dentro do ramo criativo. Em seguida, os trabalhadores de apoio ocupavam a segunda posição com mais de 2,6 milhões

de pessoas empregadas e por último os trabalhadores incorporados com mais de 2,2 milhões de colaboradores como apresentado na figura 3.

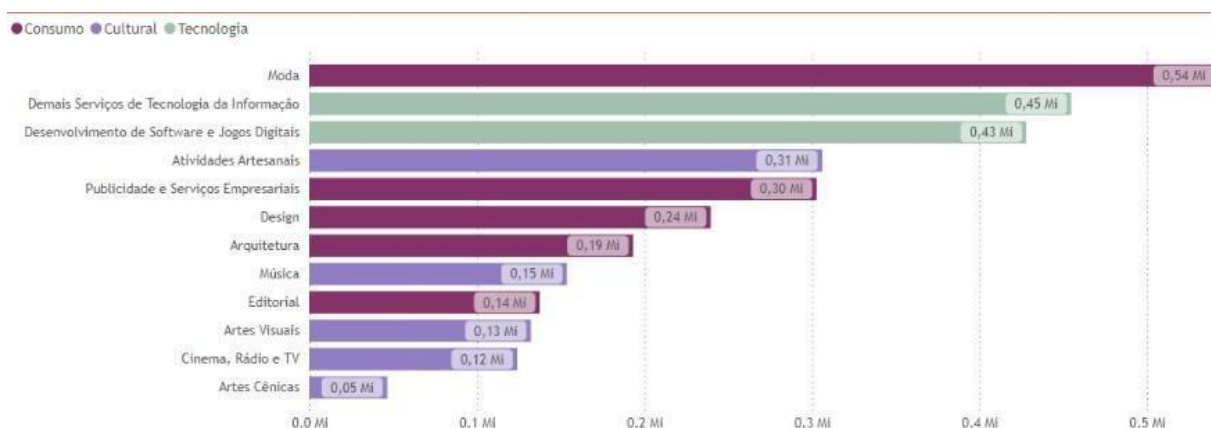
FIGURA 3 - Composição dos trabalhadores oriundos da economia criativa (4 trimestre/2024)



Fonte: Painel de Dados - Itaú Cultural (2025).

No que tange ao total de trabalhadores especializados por categoria no setor criativo, observa-se que em 2023 a maior parte era ligado à área de consumo (1,4 milhões), seguido pela área tecnológica (882.799) e cultural (762.554) como apresentado na figura 4. Nesse sentido, ao comparar esses setores especializados com o quarto trimestre do ano anterior, observa-se que a área de consumo se manteve estável, enquanto a área tecnológica (+158.113) e cultural (+41.496) ganharam mais trabalhadores em relação ao ano anterior.

FIGURA 4 - Trabalhadores especializados por categoria (4 trimestre/2023)

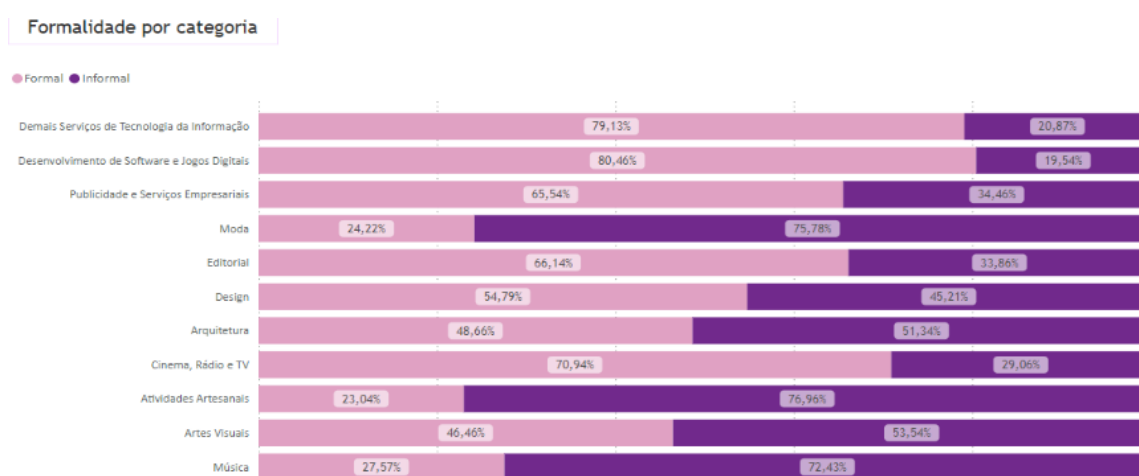


Fonte: Painel de Dados - Itaú Cultural (2024).

Desses trabalhadores, o grau de formalidade é maior nas ocupações ligadas ao desenvolvimento de softwares e jogos digitais (80,46%), e serviços tecnológicos de

informação (79,13%) muito em função da natureza do trabalho praticado nesses setores que exigem maior grau de formalização devido a sua maior complexidade técnica e valor agregado despendido. O grau de informalidade entre os trabalhadores especializados é elevado nas ocupações ligadas ao artesanato (76,96%), moda (75,78%) e música (72,43%), que tendem a se vincularem a trabalhos freelancer ou trabalho por contrato como apresentado na figura 5.

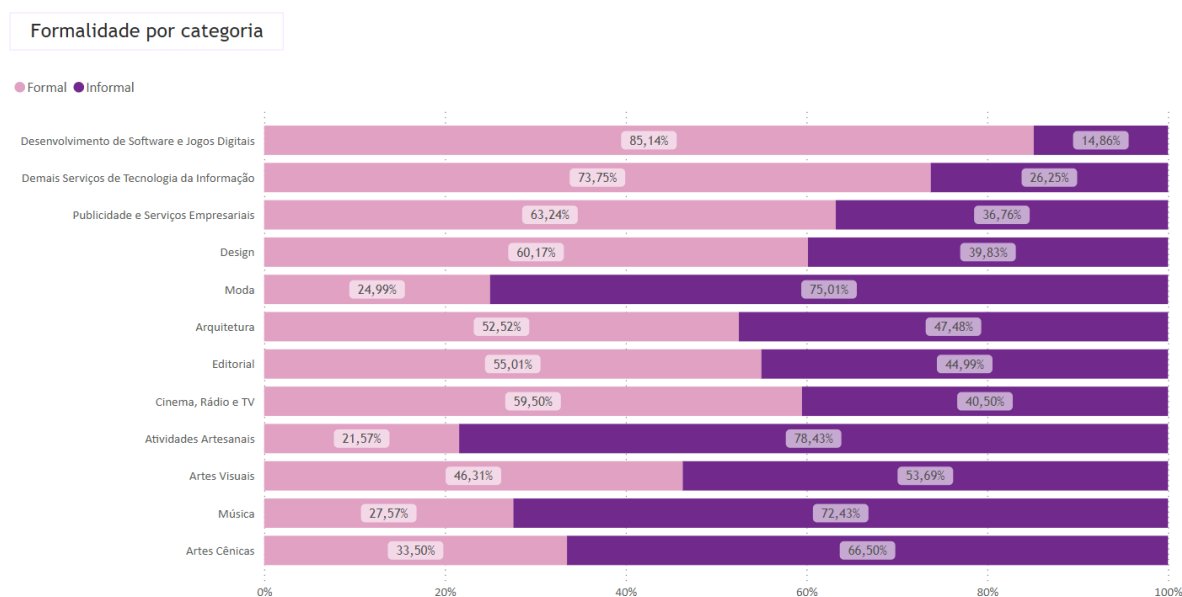
FIGURA 5 - Formalidade dos trabalhadores especializados por categoria (4 trimestre/2023)



Fonte: Painel de Dados - Itaú Cultural (2024).

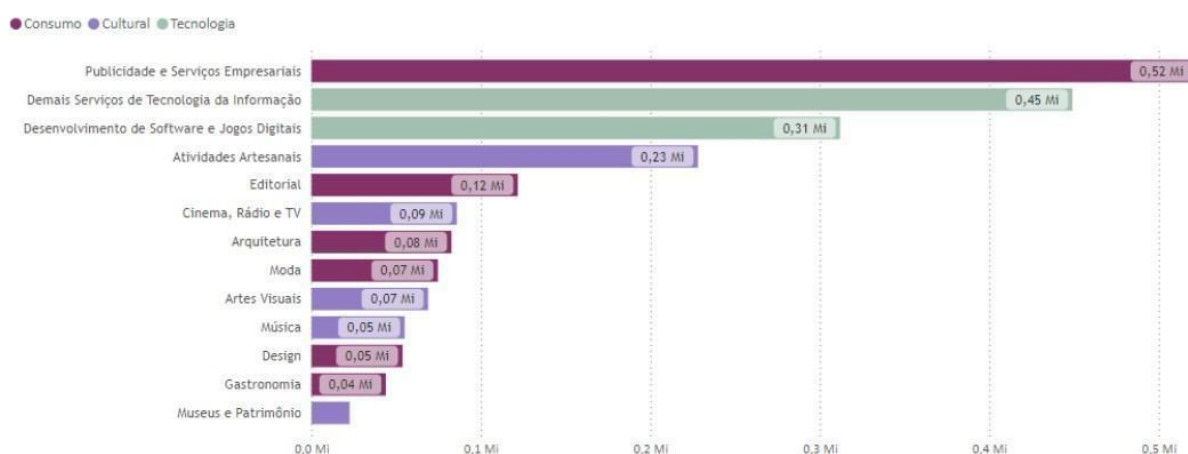
Esses dados apresentam um contraste com o quarto trimestre do ano seguinte, pois o desenvolvimento de softwares e jogos apresentou o maior contingente de empregos formais no setor (85,14%) e seu menor nível de informalidade (14,86%). Do mesmo modo, os serviços tecnológicos de informação e os ligados ao ramo do cinema, rádio e TV recuaram em comparação com o ano anterior no que tange ao grau de formalidade.

No entanto, a redução da área ligada ao cinema, rádio e TV teve um recuo muito mais expressivo, apresentando uma redução de 16,13% muito em função a adoção de plataformas digitais nesse setor para divulgação de seus trabalhos que implicam em maiores contratos semelhantes aos praticados no ramo da moda e música, como apresentado na figura 6.

FIGURA 6 - Formalidade dos trabalhadores especializados por categoria (4 trimestre/2024)

Fonte: Painel de Dados - Itaú Cultural (2025).

No que tange ao total de trabalhadores incorporados por categoria no setor criativo, nota-se que no quarto trimestre de 2023 a maior parte desses trabalhadores era ligada à área de consumo (899.194), sendo liderado pelo segmento ligado à publicidade e serviços empresariais (522.508). Os demais setores: tecnologia (760.999) e cultura (460.122), foram os que obtiveram os segundo e terceiro maior impacto, respectivamente, como apresentado na figura 7.

FIGURA 7 - Trabalhadores incorporados por categoria (4 trimestre/2023)

Fonte: Painel de Dados - Itaú Cultural (2024).

No total, elencando os trabalhadores incorporados, especializados e de apoio, o grau

de formalidade no setor é superior à informalidade, no entanto, nota-se que no início da série histórica analisada os empregos formais sofreram uma leve queda, sendo absorvidos pelos empregos informais o que justifica um aumento da informalidade em 2017. Em 2020, as ocupações formais e informais despencaram, pois foi um ano atípico ao setor em função dos bloqueios elencados nesse período devido a pandemia de covid-19.

Nos anos que sucederam 2020, o grau de formalidade no setor se elevou consideravelmente, demonstrando um aumento do nível de contratações na área criativa via CLT e indícios de uma expansão do PIB criativo durante o período pós-pandemia. Os trabalhos informais também tiveram um crescimento nesse período, porém menor em comparação aos empregos formais, como apresentado na figura 8.

FIGURA 8 - Trabalho formal e informal na economia criativa (2012-2024)



Fonte: Painel de Dados - Itaú Cultural (2025).

De acordo com os dados da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (FIRJAN), a remuneração média nesse segmento é superior à média salarial do mercado de trabalho como um todo, ao qual entre 2017 a 2020, o salário médio das indústrias criativas era 2,4 vezes superior à média nacional. O estudo também analisou o impacto da pandemia na remuneração do setor, que apesar de fortemente impactado obteve uma média salarial de R\$ 6.926,00, sendo quatro mil reais a mais que a média salarial nacional (R\$ 2.924,00) como apresentado na figura 9.

FIGURA 9 - Média salarial da indústria criativa no Brasil, por setor (2017-2020)

Segmento	Salário Médio			Variação %		Múltiplo da renda média nacional		
	2017	2019	2020	2020/2017	2020/2019	2017	2019	2020
Total Mercado de Trabalho	R\$ 3.141	R\$ 3.032	R\$ 2.924	-6,9%	-3,5%	-	-	-
Núcleo Criativo	R\$ 7.692	R\$ 7.248	R\$ 6.926	-10,0%	-4,5%	2,45	2,39	2,37
Cultura	R\$ 3.661	R\$ 3.494	R\$ 3.306	-9,7%	-5,4%	1,17	1,15	1,13
Expressões Culturais	R\$ 2.509	R\$ 2.457	R\$ 2.097	-16,4%	-14,6%	0,80	0,81	0,72
Artes Cênicas	R\$ 4.488	R\$ 4.151	R\$ 4.242	-5,5%	2,2%	1,43	1,37	1,45
Música	R\$ 3.631	R\$ 3.563	R\$ 3.534	-2,7%	-0,8%	1,16	1,18	1,21
Patrimônio e Artes	R\$ 5.365	R\$ 5.460	R\$ 5.728	6,8%	4,9%	1,71	1,80	1,96
Tecnologia	R\$ 10.765	R\$ 10.149	R\$ 9.548	-11,3%	-5,9%	3,43	3,35	3,27
TIC	R\$ 8.014	R\$ 7.733	R\$ 7.606	-5,1%	-1,6%	2,55	2,55	2,60
Biotecnologia	R\$ 6.520	R\$ 5.741	R\$ 5.349	-18,0%	-6,8%	2,08	1,89	1,83
Pesquisa & Desenvolvimento	R\$ 13.785	R\$ 13.088	R\$ 12.221	-11,3%	-6,6%	4,39	4,32	4,18
Consumo	R\$ 6.607	R\$ 6.144	R\$ 5.814	-12,0%	-5,4%	2,10	2,03	1,99
Publicidade & Marketing	R\$ 7.524	R\$ 6.850	R\$ 6.303	-16,2%	-8,0%	2,40	2,26	2,16
Design	R\$ 3.706	R\$ 3.460	R\$ 3.296	-11,1%	-4,7%	1,18	1,14	1,13
Arquitetura	R\$ 9.483	R\$ 8.593	R\$ 8.239	-13,1%	-4,1%	3,02	2,83	2,82
Moda	R\$ 2.346	R\$ 2.285	R\$ 2.030	-13,5%	-11,1%	0,75	0,75	0,69
Mídia	R\$ 4.603	R\$ 4.444	R\$ 4.439	-3,6%	-0,1%	1,47	1,47	1,52
Editorial	R\$ 5.304	R\$ 5.052	R\$ 5.145	-3,0%	1,9%	1,69	1,67	1,76
Audiovisual	R\$ 3.664	R\$ 3.675	R\$ 3.579	-2,3%	-2,6%	1,17	1,21	1,22

Fonte: FIRJAN (2022).

Nesse sentido, a remuneração do setor ligado ao consumo teve uma queda de 12% em 2020, em relação ao observado no ano de 2017, no entanto, esse valor correspondeu a 98,84% acima do rendimento salarial médio do brasileiro. O mesmo se repetiu nos demais segmentos, o setor tecnológico apresentou a maior média salarial nesse período (R\$ 12.221,00) o que representa quatro vezes a mais que a média salarial do mercado de trabalho brasileiro.

O setor ligado às mídias apesar de não possuir uma média salarial elevada como outros segmentos da mesma indústria foi quem apresentou a menor queda da média salarial durante esse período, que durante a pandemia foi a área que mais se manteve estável. O setor cultural apesar de apresentar a média salarial mais próxima da média nacional, durante a pandemia apresentava uma média 13,06% maior que a média nacional.

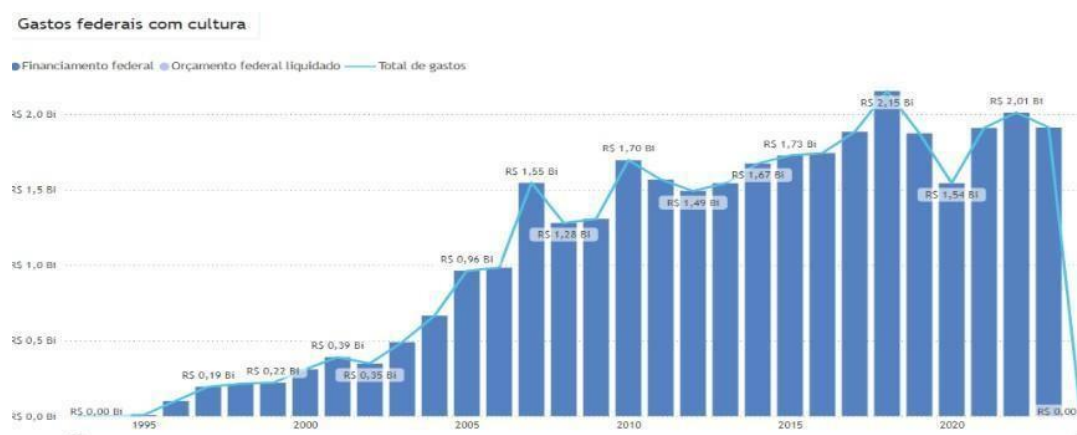
Todo esse impacto das indústrias criativas levou o mesmo a registrar 2,9% de todo o PIB nacional em 2020 (R\$ 217,4 bilhões) como apresentado pela Firjan (2022). Durante a pandemia, a queda do PIB desse setor foi de -0,8%, comparado ao registrado em 2019, em contraste com o recuo de -3,6% do PIB nacional, como apresentado na figura 10.

FIGURA 10 - Taxa de crescimento anual do PIB criativo x PIB brasileiro (2005-2020)

Fonte: FIRJAN (2022).

De acordo com o Itaú Cultural, em 2022 mais de 150 mil empresas brasileiras eram ligadas ao ramo criativo, sendo a esmagadora maioria composta por micro (128 mil) e pequenas (19 mil) empresas. Apesar dessas estimativas é importante destacar que o setor criativo elenca diversas expressões culturais que nem sempre representam maior destaque monetário devido ao seu valor simbólico, desse modo, a presença estatal no financiamento dessa indústria se torna crucial para os desenvolvedores de cultura e as empresas ligadas a ela.

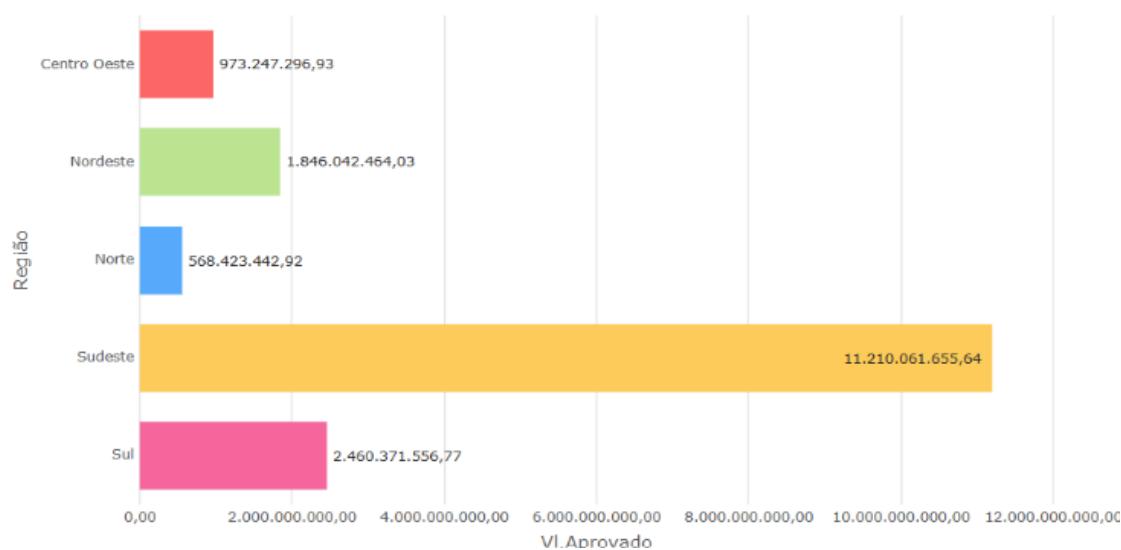
Nesse sentido, os gastos federais ligados à área da cultura se elevaram a partir do mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, que teve sua gestão marcada pela valorização do setor cultural e criação de projetos que o tornaram uma área prioritária do governo, como já discutido no referencial teórico, e apresentado na figura 11.

FIGURA 11 - Gastos Federais com Cultura (1995-2023)

Fonte: Painel de Dados - Itaú Cultural (2024).

Por muito tempo, a Lei Rouanet foi a principal linha de fomento à cultura no país, que como destacado na fundamentação teórica, é feita via renúncia fiscal. Em 2024, as regiões sul e sudeste obtiveram a maior quantidade de recursos aprovados em relação às demais regiões, ao qual o sudeste lidera de forma desproporcional a todas as demais regiões como apresentado na figura 12.

FIGURA 12 - Captação de recursos aprovados via Lei Rouanet por região (2024)



Fonte: Salic (2025).

No total, mais de 7 mil projetos foram financiados no sudeste brasileiro via renúncia fiscal ao qual São Paulo concentrou maior parte desses projetos (3779) em comparação ao Espírito Santo (314) que é o estado de menor financiamento. Os projetos com maior captação de recursos oriundos de renúncia fiscal é a música com mais de R\$ 771 milhões de captação e as artes cênicas com mais de R\$ 748 milhões, pois as empresas privadas que conquistam renúncia fiscal em troca de financiamento na área cultural tendem a escolher áreas ligadas a cultura que lhes ofereçam maior retorno financeiro e de imagem.

Como resultado, setores ligados à preservação de museus, memória e patrimônio cultural do país tendem a ter os menores financiamentos via renúncia fiscal devido ao seu caráter não mercadológico dos patrocinadores. A pandemia foi importante para a criação da Lei Aldir Blanc (LAB) que se consolidou como uma política de Estado a longo prazo voltada ao financiamento público do setor cultural, instituído como Política Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB) e posteriormente para a aprovação da Lei Paulo Gustavo que atualmente se configura como o maior instrumento de financiamento cultural do país devido seu caráter descentralizado.

Segundo o Painel de Dados da PNAB, em 2023 os recursos repassados da PNAB

para os estados e municípios foi menor executado em nível estadual e isso se deve em função da maior burocracia desses entes para realizar a prestação de contas do recurso repassado, ao mesmo tempo que em nível municipal a execução desses recursos foi maior, demonstrando que esses recursos tendem a funcionar melhor a nível local devido a serem repassados em editais mais alinhados às demandas culturais locais como apresentado na figura 13.

FIGURA 13 - Utilização geral dos recursos repassado pela União - Política Nacional Aldir Blanc (2023)



Fonte: Ministério da Cultura (2025).

A Lei Paulo Gustavo comparado a PNAB se mostrou muito eficiente em questão de execução tanto a nível municipal como estadual devido ao seu tempo menor de execução, maior rigor na prestação de contas dos recursos utilizados sob pena da devolução a União do recurso repassado e menor burocracia para conseguir os financiamentos. Dessa forma, o valor da execução dessa política pelos estados e municípios foi de quase 100%, o que demonstra uma política bem-sucedida voltada ao setor cultural como apresentado na figura 14.

FIGURA 14 - Utilização geral dos recursos repassados pela União - Lei Paulo Gustavo (2s023)



Fonte: Ministério da Cultura (2025).

No que tange aos direitos de propriedade intelectual que são importantes nessa indústria e representam um grau importante de incidência de maior valor agregado a economia de um país, o Brasil em 2022 registrou mais de R\$1 bilhão em arrecadação com direitos autorais sendo a maioria oriunda da TV (32,5%) e serviços digitais (22,8%). De acordo o relatório divulgado pelo Escritório Central de Arrecadação e Distribuição (Ecad), em 2021 o repertório nacional recebeu 64% de todo o valor repassado na distribuição de pagamento por direitos autorais, demonstrando maior prevalência de consumo de música nacional no país.

Como os produtos com alto valor agregado são aqueles que dispõem de maior capital intelectual, quando analisamos o desempenho da indústria criativa brasileira no mercado internacional, nota-se que em 2023 o país importou mais de US\$ 200 bilhões em produtos ligados ao setor criativo, sendo impulsionado pela alta demanda por produtos ligados ao consumo (2,41%) voltados principalmente a área de tecnologia em relação a bens culturais (0,11%). No que tange a exportação, o Brasil vendeu mais de US\$ 300 bilhões em produtos ligados ao setor criativo, impulsionado por produtos ligados a consumo (1,18%) e cultura (1,06%).

Esses resultados apresentam a força da indústria criativa brasileira no mercado

internacional, registrando um superávit de US\$ 100 bilhões, sendo um resultado superior ao superávit total da economia brasileira, o que demonstra o setor como impulsionador positivo do resultado da balança comercial no período. É importante ressaltar que apesar dos resultados impressionantes, o setor criativo ainda possui uma baixa participação no segmento ligado à importação e exportação em comparação com outros setores que tendem a ter uma presença mais significativa como apresentado na figura 15.

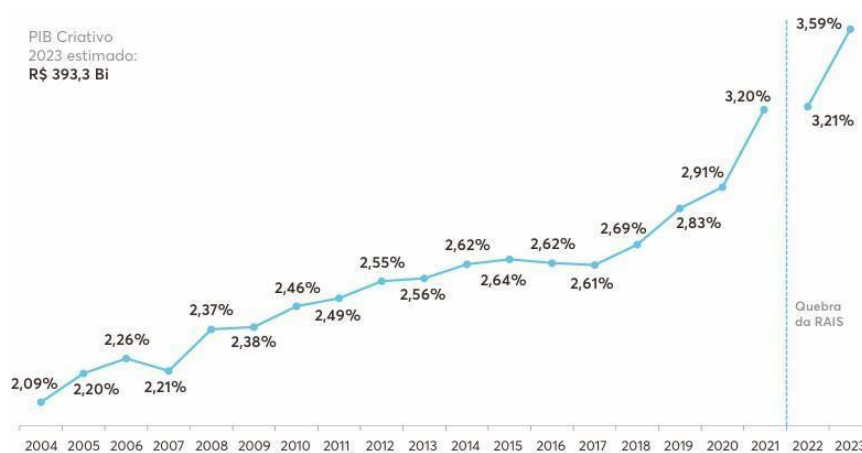
FIGURA 15 - Valor absoluto de importação e exportação criativa (2023)



Fonte: Itaú Cultural (2025).

No segundo semestre de 2025 foram divulgados novos estudos da FIRJAN sobre a indústria criativa no Brasil. Destaca-se que essa indústria representou 3,59% de todo PIB nacional em 2023, gerando mais de R\$ 300 bilhões anualmente ao produto interno bruto do país. Nesse sentido, nota-se que o PIB criativo tem se mantido em plena expansão, acelerando esse crescimento a partir de 2017, alcançando 3,20% em 2021 e 3,59% em 2023 como apresentado na figura 16.

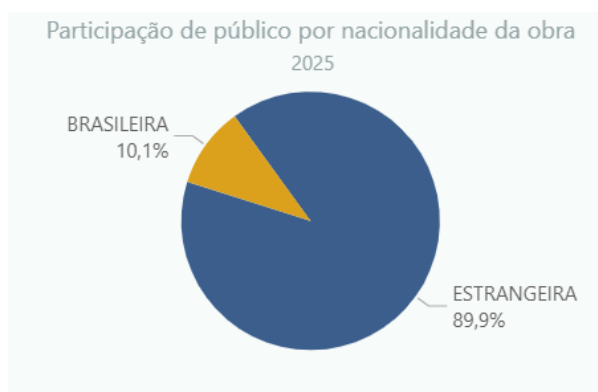
FIGURA 16 - Participação do PIB criativo no PIB total brasileiro (2004-2023)



Fonte: FIRJAN (2025).

De acordo com os dados da Ancine, em 2025 o Brasil levou às salas de cinema de todo o país mais de 100 milhões de telespectadores, gerando uma receita de R\$ 2,23 bilhões em bilheteria. No entanto, mais de 80% desse público foi direcionado a títulos estrangeiros em comparação a apenas 10,1% da participação do público consumidor de cinema por títulos nacionais como apresentado na figura 17.

FIGURA 17 - Participação do telespectador brasileiro por nacionalidade de títulos cinematográficos em 2025



Fonte: Ancine (2025).

Como apresentado no referencial teórico anteriormente, após a destruição da Embratur o cinema nacional passou por seu período mais sombrio, pois perdeu praticamente todo seu mercado para as grandes produções internacionais que detinham maior volume de capital para produção, distribuição e divulgação de suas obras. Os efeitos desse evento histórico são refletidos na contemporaneidade, quando a maior parte das sessões de cinema são ocupadas por títulos estrangeiros em comparação com os títulos nacionais que devido a política de cotas de tela o país possui certo espaço dentro dessas salas.

A figura 18, apresenta a desproporção entre a quantidade de sessões disponíveis para a exibição desses títulos, afetando o público consumidor dos títulos nacionais, pois como destacado pelo cineasta Carlos Calil, o cinema nacional pertence a indústria cinematográfica norte-americana (Candioto, 2024). Tal cenário é aprofundado por falta de políticas de marketing para o cinema nacional como os praticados na Coreia do Sul com festivais nacionais extremamente difundidos no tecido social do país e maior conscientização das empresas nacionais para cooperar na difusão dessas produções no âmbito nacional e internacional, pois o cinema brasileiro possui um viés ainda muito

elitista (Candioto, 2024).

FIGURA 18 - Total de público e sessões de cinema realizadas em 2025

	BRASILEIRA	ESTRANGEIRA	Total
Sessões	671.709	3.551.098	4.222.807
% no total de sessões	15,9%	84,1%	100,0%
Público	11.067.072	98.528.371	109.595.443
% no total de público	10,1%	89,9%	100,0%
Público por sessão	16	28	26

Fonte: Ancine (2025).

Isso se amplia também para a programação da TV paga, onde mais de 60% da programação é reservada a conteúdo estrangeiro em comparação com a reservada a conteúdo nacional (17,6%) de acordo com os dados da Ancine (2025). Gomes (2024), elenca que a popularização das mídias sociais no Brasil, em especial o Tik Tok durante a pandemia, levou o país a se tornar cronicamente online, gerando engajamentos em plataformas digitais buscando alavancar sua imagem nacional no exterior.

Dessa forma, esse novo meio de comunicação em massa passa ser usado pelas camadas baixas e médias na divulgação da estética brasileira ao mundo, impulsionando marcas nacionais introjetadas na cultura brasileira como as Havaianas, obras literárias, estilos musicais, moda, hábitos culturais e afins oriundas da estética brasileira (Gomes, 2024). Para a autora o interessante deve-se ao fato de que essa estética e movimento cultural não se iniciou de um único criador, mas de uma força coletiva de um povo orgulhoso de sua cultura, mas carente dessa representação fora de suas fronteiras como destacado por Fernanda Torres em uma entrevista dada ao jornalista Rodrigo Ortega em 2024, na qual destaca que por sermos uma ilha continental cercada de falantes espanhóis temos uma carência de mostrar ao mundo quem somos da forma como nos enxergamos sem os olhares externos caricatos impor sua visão do que seria a cultura nacional.

Esse movimento marca um desejo nacional por autoestima, pois passa a reconhecer aos poucos o valor dos nacionais, sendo crucial para a superação da baixa autoestima coletiva ainda muito presente na sociedade brasileira. Nos últimos anos, devido a popularização das redes sociais o brasileiro passou a perceber problemas sociais que também atravessam outras nações, compreender o valor de suas conquistas sociais, compartilhar o orgulho de se ver representado positivamente em cenários externos pelo que

são capazes de produzir de melhor nos esportes, arte, cinema, literatura, moda, culinária, inovações, etc (Moura e Cancilieri, 2025).

3.3. Coreia do Sul

A indústria cultural sul-coreana apresentou uma elevada expansão após os investimentos voltados para o setor no final da década de 1990, como comentado no referencial teórico. Nesse sentido, esses longos períodos de investimento nessa indústria resultaram em um impulsionamento do setor em todo o continente asiático dentro do mercado internacional, estimulado pela ampla presença das produções culturais e criativas sul-coreanas.

De acordo com a Agência Nacional de Promoção de Investimentos da Coreia do Sul (Invest Korea), a indústria cultural sul-coreana não obteve um impacto negativo em comparação com outras indústrias ao redor do mundo. Entre 2018 a 2022, o setor apresentou uma ampla ascensão no cenário internacional o que para a economia do país é extremamente positivo, pois oferece uma espécie de “efeito cascata” na economia do país, pois impulsiona o consumo interno e externo em setores econômicos relacionados.

Um exemplo dessa situação é quando um dorama³⁷, sul-coreano embute dentro do seu enredo uma marca de cosméticos de uma empresa nacional, impulsionando a procura pelos consumidores desse produto cultural por marcas de cosméticos sul-coreanas. Segundo a agência, quando as exportações de produções culturais do país aumentam em US\$ 100 milhões, as exportações dos produtos voltados a bens de consumo aumentam em US\$ 180 milhões na balança exportadora.

Diferentemente dos grandes mercados criativos do mundo ocidental, a Coreia do Sul não conduz sua política cultural acreditando que os mercados irão produzir resultados eficientes nessa indústria sem uma ampla presença e orientação governamental. Nesse sentido, o Estado assume uma posição desenvolvimentista no setor ao qual uma das medidas tomadas pelo governo sul-coreano de apoio ao setor foi expandir para os mercados externos a produção cultural produzida no país via abertura de escritórios no exterior para facilitar a entrada de empresas do país nos mercados estrangeiros de seu interesse.

Essa adoção produziu efeitos satisfatórios, pois conseguiu um valor total em vendas

³⁷ Formato de teledramaturgia asiática, popularizada por plataformas digitais, sendo parte integrante de uma política de Estado que utiliza a exportação de bens culturais do país para fortalecer sua imagem nacional no exterior e gerar receitas para a economia do país.

ao mercado interno e externo em won sul-coreano em mais de 150 trilhões em 2023, ao passo que faturou US\$ 10 bilhões nas exportações culturais, incorporando mais de 100 milhões de adeptos ao fenômeno Hallyu como apresentado na figura 19.

FIGURA 19 - Impacto das políticas culturais sul-coreanas e sua estimativa futura (2023-2027)



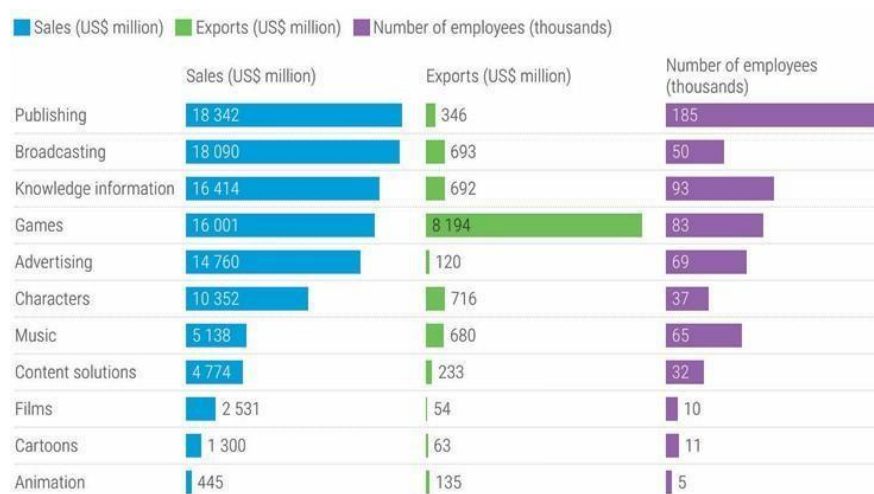
Fonte: Invest Korea (2025).

De acordo com o relatório divulgado em 2024 pelas Nações Unidas, a indústria cultural sul-coreana abrange os setores ligados a publicações, quadrinhos, música, jogos, cinema, animação, radiodifusão, publicidade, personagens, conhecimento, informação e solução de conteúdo. Segundo o relatório, o Ministério da Cultura do país divulgou que em 2020, que a Coreia do Sul registrou KRW³⁸ 128,2 bilhões (US\$ 108 bilhões) em vendas totais de produção cultural do país compreendendo o mercado interno e externo.

É importante frisar, que a indústria de jogos é quem impulsionou as exportações nesse período como apresentado na figura 20.

³⁸ **KRW** - Won sul-coreano (moeda do país).

FIGURA 20 - Total de vendas (azul), exportações (verde) e empregos (roxo) na indústria cultural sul-coreana (2020)



Source: Statistics Korea and UNCTAD.

Fonte: United Nations (2025).

No que diz respeito à propriedade intelectual, desde 2013 vem apresentando um resultado positivo para a balança comercial do país devido à mudança da balança comercial para direitos autorais de déficit para superávit comercial. A figura 21 apresenta a relação entre a balança comercial da Coreia do Sul no que tange à propriedade cultural e aos direitos autorais.

Nesse sentido, nota-se que a Coreia do Sul paga mais pelo licenciamento de obras estrangeiras que recebe por licenciar suas produções, no entanto, a partir de 2015 o país passa a apresentar uma ascensão da curva o que indica que as empresas do país conseguiram ampliar as exportações de tecnologia, reduzindo a dependência externa de pagamento por licenciamento apesar de ainda se encontrar abaixo do valor importado. Ao mesmo tempo, no que tange às exportações de cunho cultural, nota-se um superávit após o ano de 2013, apresentando uma aceleração constante que tem um impacto negativo em 2020 devido às condições sanitárias do período.

FIGURA 21 - Balança comercial de direitos de propriedade intelectual (azul escuro) e direitos autorais (azul claro) 2010-2021 (US\$ milhões)



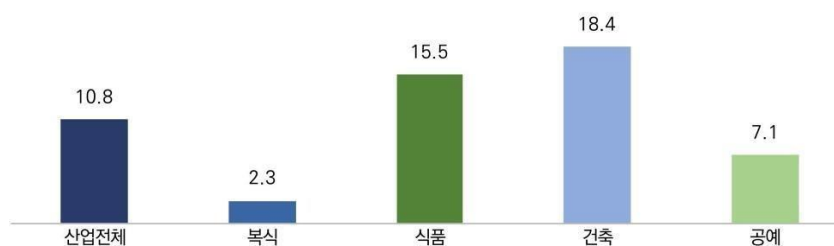
Fonte: United Nations (2025).

De acordo o relatório “Levantamento das Indústrias Culturais Tradicionais” divulgado no segundo semestre de 2023, pela Fundação Coreana de Artesanato e Design, em 2022 as empresas sul-coreanas possuíam em média 5,6 trabalhadores fixos, sendo em média 4,3 de efetivos e 1,2 temporários. A indústria cultural tradicional se refere à produção de bens culturais em massa em prol de obtenção de lucro.

Nesse sentido, o valor médio de trabalhadores freelancer, ou seja, trabalhadores autônomos sem vínculos empregatícios foi de 0,5. Dessa forma, a média de trabalhadores por empresa na Coreia do Sul foi maior nesse período no setor ligado à construção civil com uma média total de 20,6 sendo a maioria ligado a trabalhadores fixos (efetivos + temporários), no entanto, ao desagregar esses resultados nota-se que os efetivos possuem uma média de trabalhadores superior aos temporários e freelancer como apresentado na figura 22.

FIGURA 22 - Média de trabalhadores nas empresas da indústria cultural tradicional em 2022

[그림 2-16] 전통문화산업 사업체 신규채용 의향



Fonte: Korea Craft & Design Foundation (2023).

* Total da indústria (azul escuro); Vestuário (azul); Alimentos (verde); Construção civil (azul claro); Artesanato (verde claro).

No mesmo ano foi indicado pelo relatório que 10,8% das empresas sul-coreanas se encontravam dispostas a realizar novas contratações, dessa forma, as empresas ligadas ao setor de construção civil (18,4%) estavam mais dispostas a realizar novas contratações ao passo que setor de vestuário (2,3%) estava menos estimulada a realizar tal ação como apresentado na figura 22.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa demonstram que a indústria cultural é um dos setores mais importantes para a manutenção de poder de um país, pois consegue suavizar conflitos internos e externos, além de trazer maior credibilidade para si. Os EUA no início do século XX, ao perceber a força motriz dessa indústria fundou um modelo de produção capitalista ligado a área cultural inédita e com uma capacidade exorbitante de alcançar os mais diferentes continentes.

Como resultado, os países oriundos da periferia do capitalismo passaram a incorporar os valores políticos, sociais e econômicos oriundo dos EUA, em especial os valores que os próprios desenhavam para esses países em prol de dominá-los e subjugar-los sem que os mesmos percebessem. O Brasil, um dos países mais afetados pela política de boa vizinhança, ainda enfrenta um grande problema para conseguir se emancipar do imaginário colonizado.

Devido ao nosso período histórico, sofremos fortes marcas oriundas da colonização, fazendo com que o sentimento de valor e pertencimentos dos cidadãos dentro dessa sociedade seja confusa, pois mistura um orgulho com vergonha e ódio de si mesmo. Países com esse problema crônico se tornam modelos perfeitos para países oriundos do centro do capitalismo catapultar seus desejos e interesses sobre a nação.

Furtado, observa como esse mimetismo cultural é nocivo e perigoso a uma nação, pois os mesmos passam a importar toda a conjuntura dos países centrais, dificultando seu processo de desenvolvimento. Para ele, a cultura seria a porta de entrada para a superação desses entraves, pois trazia a oportunidade dos cidadãos se reconhecerem e identificarem seus problemas e assim, os mesmos conseguiriam estabelecer discussões que atendessem a realidade local para resolver seus problemas sociais, políticos e econômicos.

O que se observou neste trabalho foi o fato de que apesar da cultura nacional ter se fortalecido desde o final da ditadura e ter sido celebrada por seus cidadãos, ainda recebe pouco incentivo e proteção, ficando refém da propaganda externa a qual nos tempos atuais este processo é dado principalmente por via digital, o que coloca em risco nossa tentativa de maior coesão social desde a promulgação da constituinte de 1988. Outro fato que o trabalho destacou foi sobre a Coreia do Sul ter se tornado um modelo, pois, foi um país subjogado em seu continente pelos japoneses por décadas.

Isso resultou em uma sociedade que enxergava uma necessidade de preservação da própria cultura, pois isso também seria uma forma de manter viva a memória daquele

povo. Por longas décadas, a Coreia do Sul buscou inúmeras maneiras de emergir uma cultura autônoma que lhe emancipasse do passado colonial definitivamente, no entanto, perceberam a importância de mesclar sua cultura regional com a externa em forma de antropofagia como ocorrido no Brasil durante o movimento tropicalista.

Tal situação, apoiada pelo Estado levou a Coreia do Sul em menos de 20 anos a consolidar uma indústria cultural poderosa, gerando receitas com impacto direto no PIB do país e remodelando sua imagem no polo internacional, lhes garantindo maior poder de barganha e principalmente poder político no polo geopolítico. Portanto, conclui-se que no atual contexto ao qual estamos inseridos, esse estudo se torna importante para países como o Brasil que faz parte da periferia do capitalismo, pois elucida como países só conseguem se reerguer e avançar quando ocorre uma profunda mudança cultural dentro de sua estrutura.

Cabe reconhecer que durante os primeiros mandatos do Presidente Lula houve um investimento elevado na construção de uma identidade autônoma e os frutos gerados foram extremamente positivos. No entanto, pelo fato de não haver uma política de estado estabelecida e uma elite econômica disposta a criar esse ideal de nação, o Brasil historicamente ficou refém dos centros econômicos culturalmente, resultando em nossa maior subjugação aos interesses alheios em detrimento aos próprios interesses internos.

Porém, recomendam-se novos estudos, já que os EUA acaba de ocupar a Venezuela, país produtor de petróleo no continente sul-americano, o que reabre assim novas possibilidades de agendas de pesquisa voltadas ao campo de estudo analisado. Isso porque, a conjuntura atualmente desenhada pode futuramente forçar o Brasil e demais países oriundos da periferia do capitalismo a se emancipar da indústria cultural norte-americana.

Isso faria não somente o país, mas os demais oriundos da mesma periferia conseguirem valorizar sua conjuntura histórica e cultural. Dessa forma, países como o Brasil conseguiriam criar uma unidade nacional forte e disposta a superar os entraves econômicos e sociais do país, analisando suas próprias particularidades.

REFERÊNCIAS

AIRES, Janaine Sibelle Freires; MACÊDO, Raissa Sales de ; SANTOS, Suzy dos. **O cercadinho começa aqui: o ódio e a construção mítica de Bolsonaro no Pânico da Band.** Revista Lumina, Juíz de Fora - MG, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/46296/28858>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **Bahia, Rio de Janeiro e a nova ordem colonial-1808-1860.** Trad. de Airton Brazil Pollini Júnior do original Bahia, Rio de janeiro, et le nouvel ordre colonial, 1808-1860. In: CHASE, Jeanne (org.) Geographie du capital marchand aux Amériques 1760-1860. Paris, 1987.

ALMEIDA, Guilherme Fumeo. **A política do cotidiano nas pornochanchadas: construções filmicas de relações interpessoais durante a ditadura civil-militar brasileira.** Repositório Digital UFRGS. Porto Alegre - RS, p. 1–201, 2021. Disponível em:<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230829>>. Acesso em: 23 maio 2025.

ALONSO, Angela. **Protestos em São Paulo de Dilma a Temer.** Revista Novos Estudos, 2017. Disponível em:<https://novosestudios.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso_A-pol%C3%AADtica-das-ruas.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.

ALVES, Guilherme Queiroz ; BORGES, Tomás Paixão. **Desinformação às avessas: uma reflexão sobre o conceito de desinformação para Olavo de Carvalho.** Revista Sociais e Humanas, v. 37, p. 1–25, 2024. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/84025>>. Acesso em: 13 jun. 2025.

ALVES, Júlia Falivene. **A invasão cultural norte-americana.** Campinas - SP: Editora Moderna, 1989.

ANDOZIA, Francine De Lorenzo . **Passaram a mão na minha poupança: um estudo sobre o impacto do Plano Collor no cotidiano da população brasileira urbana em 1990.** Biblioteca Digital USP (Teses e Dissertações), São Paulo - SP, p. 1–167, 2019. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-04092019-155409/pt-br.php>>. Acesso em: 30 maio 2025.

AZEVEDO, Amailton Magno. **Giberto Gil e Caetano Veloso: ser jovem nos alegres tristes trópicos.** Revista Brasileira do Caribe: São Luis - MA, 2016. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/2097>>. Acesso em: 23 maio 2025.

BALANDIER , Georges. **O poder em cena: pensamento político.** Tradução de Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1982. Disponível em:<<https://pdfcoffee.com/balandier-georges-o-poder-em-cena-pdf-2-pdf-free.html>>. Acesso em: 5 maio 2025.

BARBALHO, Alexandre. **Política cultural em tempos de crise: o Ministério da Cultura no governo Temer.** São Luís - MA: Revista de Políticas Públicas, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/3211/321158843012/321158843012.pdf>>. Acesso em: 9

jun. 2025.

BASTOS, Marco T ; FREITAS, Olívia. **The Bannon Doctrine: Network Insurrectionism and Democratic Backsliding**. SSRN Electronic Journal, 2025. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=5186685>. Acesso em: 8 maio 2025.

BELEM, Marcela Purini ; DONADONE, Julio César . **A Lei Rouanet e a construção do “mercado de patrocínios culturais”**. Periódicos da Universidade Federal de Pelotas, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/NORUS/article/view/2761/2479>>. Acesso em: 12 maio 2025.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira . **O conceito de cultura em Celso Furtado**. [s.l.]: Salvador, BA, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/28659/1/BOLA%C3%91O-o-conceito-de-cultura-em-celso-furtado-EDUFBA-2015.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2025.

BORBA, Julian. **Ideologia tecnocrática e cultura política no Brasil: o plano real e as eleições de 1994**. Repositório Digital UFRGS. Porto Alegre - RS, 2002. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196020>>. Acesso em: 23 maio 2025.

BOGÉA, Diogo . **Psicologia do Bolsonarismo: Por que tantas pessoas se curvam ao mito?**: Editora Oficina de Filosofia, 2021.

BORTOLOTTI, Marcelo . **Roberto Carlos em ritmo de ditadura: Como, no auge de suas boas relações com o regime militar, o cantor ganhou a concessão de uma rádio em 1979**. Revista Época, 2014. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/04/roberto-carlos-em-ritmo-de-ditadura-b.html>>. Acesso em: 26 maio 2025.

BERANEK, Thomas. **Summer Review: International Box Office Meets Gower Street Prediction, Domestic Falls Short**. Gower Street Analytics, 2025. Disponível em: <<https://gower.st/articles/summer-review-international-box-office-meets-gower-street-prediction-on-domestic-falls-short/>>. Acesso em: 30 dez. 2025.

BERDU, Guilherme Paul. **A política externa brasileira frente à espionagem dos EUA**. Cadernos do Tempo Presente, n. 25, p. 1–27, 2016. Disponível em: <<https://ufs.emnuvens.com.br/tempo/article/view/5704>>. Acesso em: 15 maio 2025.

BIAGI, Orivaldo Leme. **O imaginário da Guerra Fria**. Paraná: Revista de História Regional, v. 6, n. 1, 2001. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2119>>. Acesso em: 14 maio 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo, 2022.

BRASIL. **Estruturação, Institucionalização e Implementação do SNC**. Portal Sistema Nacional de Cultura, 2011. Disponível em: <<https://portalsnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/32/2018/04/Documento-B%C3%A1sico-do-SNC.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS. **Arts and Culture | U.S. Bureau of Economic**

Analysis (BEA). Bureau of economic analysis, 2024. Disponível em: <<https://www.bea.gov/data/special-topics/arts-and-culture>>. Acesso em: 31 out. 2025.

BUREAU OF ECONOMIC ANALYSIS. Arts and Cultural Production Satellite Account, U.S. and States, 2022. [s.l.]: Bureau of economic analysis, 2024. Disponível em: <https://www.bea.gov/sites/default/files/2024-03/acpsa0324_0.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.

BUTCHER, Pedro. A reinvenção de Hollywood: cinema americano e produção de subjetividade nas sociedades de controle. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 2, n. 2, p. 14–26, 2004. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/23154>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

CAETANO, João Evanio Borba ; MISSIO, Fabricio José. **Notas sobre o papel da cultura no desenvolvimento em Celso Furtado.** Textos de Economia, v. 20, n. 1, p. 19, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/economia/article/view/2175-8085.2017v20n1p19>>. Acesso em: 12 maio 2025.

CANDIOTO, Analice. **Cota de tela não é suficiente para valorização de filmes nacionais.** Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/campus-ribeirao-preto/cota-de-tela-nao-e-suficiente-para-valorizacao-de-filmes-nacionais/>>. Acesso em: 30 dez. 2025.

CARLEIAL, Liana Maria da Frota. **Política econômica, mercado de trabalho e democracia: o segundo governo Dilma Rousseff.** SciELO Brasil, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/DvpPCb3h3xmWLNzLRgXGcJB/?lang=pt>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

CARVALHO, Rodrigo Costa. **Um desafio inesperado: a reação da política externa estadunidense à Primavera Árabe durante o governo Barack Obama.** Repositório Universidade Federal Fluminense Institucional. Rio de Janeiro - RJ, p. 1–166, 2022. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/30565>>. Acesso em: 19 maio 2025.

CASARÕES, Guilherme. **Religião e Poder: a Ascensão de um Projeto de “Nação Evangélica” no Brasil.** Scribd, v. 13, ed. 49, p. 9-16, 2020. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/580310833/2020-casaro-es-religiao-poder-ascensao>>. Acesso em: 5 maio 2025.

CEPIK, Marco . **O corolário Trump e a América Latina.** Revista Tempo do Mundo IPEA. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 2019. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/revistas/index.php/rtm/article/view/146>>. Acesso em: 15 maio 2025.

CERQUEIRA, Amanda P. Coutinho de. **Política cultural e “crise” no governo Temer.** Revista Novos Rumos, v. 55, n. 1, 2018. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/novosrumos/article/view/8548>>. Acesso em: 20 maio 2025.

CHANG, Ha-Joon. **Chutando a escada: a estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica.** São Paulo: Unesp, 2004.

CLAIRE, Redação Marie. **Brinco “Fora Temer” faz sucesso entre famosas.** Revista

Marie Claire, 2022. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2017/09/brinco-fora-temer-faz-suc-esso-entre-famosas.html>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

COSTA, Kátia Maria de Souza ; MARTINS, Sílvia Maria Bahia. **Políticas culturais no Brasil: do golpe à Paulo Gustavo**. Revista Observatório da Diversidade Cultural. Minas Gerais, v. 100, n. 02, p. 54–68, 2023. Disponível em: <<https://observatoriodadiversidade.org.br/revista/index.php/odc/article/view/21>>. Acesso em: 12 maio 2025.

CORRÊA, Domingos Sávio ; LUEDEMANN, Marta da Silveira. **Revolução Colorida e golpe de estado no Brasil**. Geosul, v. 38, n. 86, p. 242–260, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/89963>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

CRUZ, Isabela de Carvalho. **Secos & Molhados no Brasil dos 1970: arte e protesto**. Repositório Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia - MG, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/38415>>. Acesso em: 23 maio 2025.

DALDEGAN, William ; SOUSA, Ana Tereza Lopes Marra de. **Soft power brasileiro: uma análise da política externa em tempos pandêmicos**. Conjuntura Global, v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/conjglobal/article/view/79561>>. Acesso em: 22 maio 2025.

DANNER, Fernando ; BARBOSA, Gustavo. **Identidade, intersubjetividade e dignidade humana: reflexões sobre a política do reconhecimento de Charles Taylor**. REVISTA PRIMORDIUM, v. 5, n. 9, p. 173–203, 2020. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/primordium/article/view/55317>>. Acesso em: 8 maio 2025.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil**. São Paulo - SP: Editora todas as musas, 2007.

DUARTE, Rodrigo . **The Culture Industry in Brazil**. Cambridge Scholars Publishing, 2010. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=x8owHBcAAAAJ&cstart=20&pagesize=80&citation_for_view=x8owHBcAAAAJ:Oo2XoVZTnwC>. Acesso em: 12 maio 2025.

ECAD. **Relatório Anual**. [s.l.]: Ecad, 2022. Disponível em: <<https://www4.ecad.org.br/wp-content/uploads/2022/06/RelatorioAnual2021.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2025.

ESTEVES, Cleydia Regina. **Desenvolvimento como cultura na obra de Celso Furtado**. Cadernos do Desenvolvimento, v. 9, n. 14, p. 39–56, 2013. Disponível em: <<https://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/123>>. Acesso em: 12 maio 2025.

FÉLIX, Paula. **Políticas culturais do governo Lula: análise do sistema e do plano nacional de cultura**. Repositório Institucional UFBA: Salvador - BA, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/10812>>. Acesso em: 21 maio 2025.

FERNANDES, Marina Rossato. **Regulação da televisão no Brasil**. In: Repositório Rui

Barbosa de Informações Culturais . Rio De Janeiro: [s.n.], 2014, v. 32, p. 1–10. Disponível em: <<https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/20.500.11997/18637>>. Acesso em: 5 maio 2025.

FERREIRA, Patrícia do Prado. **Coletividade e histeria: psicanálise e movimentos sociais**. Revista Polis e Psique, v. 8, n. 2, p. 67–67, 2018. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/73791>>. Acesso em: 7 set. 2023.

FERRON, Fabio Maleronka ; ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. **Cultura e política: a criação do Ministério da Cultura na redemocratização do Brasil**. Tempo Social. São Paulo - SP, v. 31, n. 1, p. 173–193, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/144335/152074>> Acesso em: 12 set. 2022.

FINZETTO, Yves Carneiro. **Difusão da cultura brasileira no exterior: a Divisão de Operações de Difusão Cultural do Itamaraty no governo Lula**. Dissertação de Mestrado. Repositório da USP: São Paulo - SP, 2017. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-15052017-134150/publico/FI_NZ_ETTO_Yves_Difusao_da_Cultura_Brasileira_no_Exterior.pdf>. Acesso em: 21 maio 2025.

FRAGA, Gerson Wasen . **Futebol, imprensa e ditadura: das formiguinhas de Geisel à abertura de Telê**. Associação Nacional de História. São Paulo - SP, 2011. Disponível em: <https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300985039_ARQUIVO_DasformiguinhasdeGeisel.pdf>. Acesso em: 26 maio 2025.

FRANCO, Gustavo. **Cartas a um jovem economista**. Edição Ampliada e Atualizada. Rio De Janeiro: Sextante, 2022.

FRANZOI, Luiz Carlos; MORAIS, Marcos Cesar Porfirio de. **Redemocratização do Brasil**. JICEX, v. 4, n. 4, 2014. Disponível em: <https://unisantacruz.edu.br/revistasold/index.php/JICEX/article/view/1878>. Acesso em: 30 de maio de 2025.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 34^o. ed. São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.

FURTADO, R. **Paródia e carnavalização em memes “Fora Temer”:** analisando a **Liquidez Discursiva do século XXI**. Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN. 2017.

GALDIOLI, Andreza da Silva. **A cultura norte-americana como um instrumento do soft power dos Estados Unidos: o caso do Brasil durante a política de boa vizinhança**. Unesp.br, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/cdd689b0-fbf6-44c4-8e71-140f7258debb>>. Acesso em: 22 abr. 2025.

GARCEZ, Bruno. **Cult entre britânicos, Mutantes “revivem” em Londres**. BBC Brasil, 2006. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2006/05/060522_mutantesshowlondresb g>. Acesso em: 26 maio 2025.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio De Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 2008.

GENTIL, Cristine. **A Meia Jaca saiu do break-even para o lucro com uma coleção de meias em protesto a Michel Temer**. Projeto Draft, 2018. Disponível em: <<https://www.projeto draft.com/a-meia-jaca-saiu-do-break-even-para-o-lucro-com-uma-colecao-o-de-meias-em-protesto-a-michel-temer/>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

GESTEIRA, Luiz André Maia Guimarães. **A Guerra Fria e as ditaduras militares na América do Sul**. Scientia Plena, v. 10, n. 12, p. 1–20, 2014. Disponível em: <<https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/2062>>. Acesso em: 14 maio 2025.

GITTELL, Noah. **How Obama blurred the border between Hollywood and Washington**. The Guardian, 2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/film/2015/jun/02/how-obama-blurred-the-border-between-hollywood-and-washington>>. Acesso em: 19 maio 2025.

GOMES, Amanda Andrés Louback Nunes. **Como o Fashion TikTok influencia o ciclo de vida da moda e democratiza a sua produção: uma análise da microtendência Brasilcore**. Repositório Institucional da UFRJ, 2024. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/24765>>. Acesso em: 30 dez. 2025.

GOULART, Vanessa Martins. **Plano real e seus formuladores: a análise de uma política anti-inflacionária**. Repositório Institucional da UFRJ, 2017. Disponível em: <<https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/4795>>. 9 jun. 2025.

GUERINO, Isadora Souza . **Carmen Miranda como atriz das relações internacionais: a construção da imagem do Brasil nos Estados Unidos**. Repositório Universidade Federal da Grande Dourados: Dourados - MS, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/3267/1/IsadoraSouzaGuerino.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2025.

HADDAD, Chyenne Saringer; MENDONÇA, Jenifer Macedo ; CONSTÂNCIO, Victor Zampiroli. **Como a Coreia do Sul usa seu soft power por meio da sua cultura e economia**. Repositório Universitário da Ânima, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/96cc38ee-e462-4d42-8178-e557db92fb8b>>. Acesso em: 21 abr. 2025.

HAN, B.-C. **A expulsão do outro : sociedade, percepção e comunicação hoje**. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda, 2022. v. 4p. 1–135.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda, 2019.

HOFFMANN, Rafaela Oliveira Percheron . **A indústria cultural americana na guerra ao terror : análise sobre o cinema de Hollywood**. Repositório digital UFRGS. Porto Alegre - RS, p. 1–70, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231584>>. Acesso em: 16 maio 2025.

HOLANDA, Karla. **Audiovisual e extrema direita no Brasil**. Revista Observatório, 2024. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/citations?view_op=view_citation&hl=pt-BR&user=1gG5oV8AAAAJ&citation_for_view=1gG5oV8AAAAJ:4JMBOYKVNBMC>. Acesso em: 12 jun. 2025.

HONNETH, Axel ; MARGALIT, Avishai. **Recognition**. Proceedings of the Aristotelian Society, Supplementary Volumes, v. 75, p. 111–139, 2001. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/4107035>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

HWANG, Soo Kyeong . **Creative Economy and Job Creation: Focusing on Creative Employment - KDI - Korea Development Institute - RESEARCH - Reports**. Kdi.re.kr. Disponível em: <https://www.kdi.re.kr/eng/research/reportView?pub_no=13621>. Acesso em: 31 out. 2025.

INVEST KOREA. **Cultural Content | InvestKOREA(ENG)**. www.investkorea.org, 2024. Disponível em: <<https://www.investkorea.org/ik-en/cntnts/i-326/web.do>>. Acesso em: 31 out. 2025.

ITAÚ CULTURAL. **Itaú Cultural**. Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/observatorio/paineldedados/pesquisa/trabalhadores-da-conomia-criativa>>. Acesso em: 31 out. 2025.

JR, Oswaldo Antunes Pedrosa ; CORRÊA, Antonio Cláudio de França. **A crise do petróleo e os desafios do pré-sal**. Periódicos da Fundação Getúlio Vargas, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.fgv.br/items/eeab7e88-cadb-471c-a0c4-52075f5c3c0e>>. Acesso em: 4 jun. 2025.

JUNIOR, Aryovaldo de Castro Azevedo ; GONÇALVES, Maurício Reinaldo . **Cinema, propaganda e o american way life**. Paraná: [s.n.], 2015. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/91848/96.pdf?sequence=1&isAllo_wed=y>. Acesso em: 27 mar. 2025.

JÚNIOR, Orlando Alves dos Santos; GAFFNEY, Christopher ; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. **Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. Fundação Casa Rui Barbosa: Memória das Olimpíadas. Rio de Janeiro - RJ, v. 1, 2016. Disponível em: <<http://www.memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/1182>>. Acesso em: 21 maio 2025.

JUNIOR, Osmar Moreira de Souza . **Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo**. Motricidades, v. 4, n. 2, p. 199–213, 2020. Disponível em: <<https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-20-v4-n2-p199-213>>. Acesso em: 14 set. 2023.

JUNIOR, Paulo Gracino; SILVA, Mayra Goulart da. **Invenção do mito: Adesão evangélica ao bolsonarismo e a hipótese laclauniana**. Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História. São Paulo, v. 76, p. 11–37, 2023. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/60518>>. Acesso em: 12 abr. 2024.

KOREA CRAFT & DESIGN FOUNDATION. **Levantamento das Indústrias culturais tradicionais: Relatório de pesquisa de conscientização da indústria cultural tradicional**. Disponível em: <https://www.kculture.or.kr/jnrepo/upload/jnBrdBoard/202306/36aa530f4378472a8237eaea3afdb3e5_1686642156992.pdf>. Acesso em: 31 out. 2025.

LACSKO, Madeleine. **Militância gourmet confunde campanha com teste de fidelidade**. Uol, 2022. Disponível

em:<<https://noticias.uol.com.br/colunas/madeleine-lacsko/2022/07/25/militancia-gourmet-confun-de-campanha-com-teste-de-fidelidade.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. **Interseções entre Cultura, Mídia e Política: O uso das redes sociais na campanha de Dilma Rousseff em 2010**. Revista de Ciências Sociais: RCS, v. 43, n. 1, p. 94–111, 2012. Disponível em:<<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8436998>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

LIMA, Nathalia Silva ; SCHNEIDER , Márcia Sueli Pereira da Silva . **Guerra ao Terror: uma análise do discurso maniqueísta de George W. Bush**. Gestadi - Revista do Grupo de Estudo de Análise do Discurso . Palmas -TO, v. 1, n. 3, p. 1–12, 2024. Disponível em:<<http://www.gestadi.periodikos.com.br/journal/gestadi/article/doi/10.5281/zenodo.12300>>. Acesso em: 16 maio 2025.

LUNARDI, Rafaela. **Elis Regina: entre o canto e a política na década de 1970**. ArtCultura. Uberlândia - MG, v. 16, n. 29, p. 188–202, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/artcultura/article/view/34266>>. Acesso em: 23 maio 2025.

MACHADO, Maria das Dores Campos ; BURITY, Joanildo. **A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos**. SciELO Brasil, v. 57, n. 3, p. 601-631, 2014. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/dados/a/9RpfDdGjSSGgtPHjGW97rPO/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 2 jul. 2022.

MADEIRA, Thiago Matheus. O exílio Tropical: vidas forçadas de artistas brasileiros no exterior. **SciELO (SciELO Preprints)**, 2023. Disponível em:<<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/6910>>. Acesso em: 26 maio 2025.

MAIER, Friedrich. **De Obama a Trump: o contínuo da política cibernética estadunidense**. Recife - PE: Caderno de Relações Internacionais, v. 10, n. 18, p. 109–138, 2019. Disponível em: <<https://revistas.faculadadedamas.edu.br/index.php/relacoesinternacionais/article/view/1034>>. Acesso em: 13 dez. 2019.

MANTOVANI, Flávia . **No passado, Brasil já teve material oficial de turismo com apelo sexual**. G1, 2014. Disponível em:<<https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2014/02/no-passado-brasil-ja-teve-material-oficial-de-turismo-com-apelo-sexual.html>>. Acesso em: 2 jun. 2022.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970**. Programa Interuniversitário de História Política, 2012. Disponível em: <https://historiapolitica.com/datos/boletin/Polhis9_MAGALHAES.pdf>. Acesso em: 29 maio 2025.

FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil** . [s.l.]: Casa Firjan, 2022. Disponível em: <<https://casafirjan.com.br/sites/default/files/2022-07/Mapeamento%20da%20Ind%C3%BAstri%20Criativa%20no%20Brasil%202022.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2025.

FIRJAN. **Mapeamento da Indústria Criativa 2025**. Observatório Firjan, 2025. Disponível em:

<https://observatorio.firjan.com.br/inteligencia-competitiva/mapeamento-da-industria-criativa-2025?_gl=1>. Acesso em: 31 out. 2025.

MARTINS, Daniela da Silva. **O revisionismo histórico da Brasil Paralelo: alguns apontamentos e possibilidades de enfrentamento**. Revista Angelus Novus, n. 20, p. 1–21, 2024. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/ran/article/view/220575>>. Acesso em: 12 jun. 2025.

MARX, Karl. **O Capital - Livro 1: crítica da economia política**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v.1.

MELO, Carlos Ranulfo. **DEMOCRACIA, DIREITA E “LULA 3”**: a eleição de 2022 e seus desdobramentos. Caderno CRH, v. 37, p. 1–16, 2024. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/tzjDfP8c4p5hXsbLNbGOrwb/?lang=pt>>. Acesso em: 15 jun. 2025.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas**. Revista USP, v. 1, n. 67, p. 48–67, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13455>>. Acesso em: 5 maio 2025.

MENDONÇA, Renata ; SENRA, Ricardo. **#SalaSocial: Candidato explode nas redes após discurso de “enfrentamento” a gays**. BBC News Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/09/140929_salasocial_eleicoes2014_fidelix_gays_rs>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MENDONÇA, Ricardo F. ; CAETANO, Renato Duarte. **Populism as Parody: The Visual Self-Presentation of Jair Bolsonaro on Instagram**. The International Journal of Press/Politics, v. 26, n. 1, p. 210–235, 2020. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1940161220970118>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Portal de Dados Abertos - Lei Aldir Blanc**. Governo Federal, 2025. Disponível em: <<https://dados.gov.br/dados/reuso/45>>. Acesso em: 31 out. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Painel de Dados - Lei Paulo Gustavo**. Ministério da Cultura, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/lei-paulo-gustavo/aceso-a-informacao/painel-de-dados>>. Acesso em: 31 out. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Painel Indicadores do Mercado Audiovisual**. Agência Nacional do Cinema - ANCINE, 2025. Disponível em: <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/paineis-interativos-1/paineis-interativos-subsecao-mercado-audiovisual>>. Acesso em: 30 dez. 2025.

MINISTÉRIO DA CULTURA. **Salic Comparar - Lei Rouanet**. Salic, 2025. Disponível em: <<https://aplicacoes.cultura.gov.br/comparar/salicnet/>>. Acesso em: 31 out. 2025.

MIRANDA, Melina Nóbrega . **Futebol e o projeto de unidade nacional no Estado Novo (1937-1945)**. Campinas, SP: X Simpósio Internacional Processo Civilizador , 2008. Disponível em: <<https://www.uel.br/grupo-estudo/processoscivilizadores/portugues/sitesanais/anais10/>>

[Artigos PDF/Melina N Miranda.pdf](#)>. Acesso em: 9 maio 2025.

MÓDOLO, Talita de Souza. **O fundamentalismo protestante e a formulação da política externa norte-americana**. *Fronteira: revista de iniciação científica em Relações Internacionais*, v. 5, n. 10, p. 77–97, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/fronteira/article/view/3989>>. Acesso em: 5 maio 2025.

MORAES, Fabiana. **“Bicha, a senhora é destruidora mesmo” ou: lacrar é um movimento político**. Uol, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/fabiana-moraes/2020/09/13/bicha-a-senhora-e-destruidor-a-mesmo-ou-lacrar-e-um-movimento-politico.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

MOREIRA, Ana Flávia ; ROZENDO, Sampaio . **Turismo sexual no Brasil: uma análise da publicidade da EMBRATUR durante o regime militar**. *ECOS - Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, v. 14, n. 2, 2024. Disponível em: <<http://periodicoshumanas.uff.br/ecos/article/view/319-328>>. Acesso em: 26 maio 2025.

MOTA, Camilla Veras . **Barack Obama, o primeiro negro na Casa Branca**. *BBC News Brasil*, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55958325>>. Acesso em: 19 maio 2025.

MOTION PICTURE ASSOCIATION. **The American Motion Picture and Television Industry: Creating Jobs, Trading Around the World**. Motion Picture Association, 2025. Disponível em: <<https://www.motionpictures.org/research-docs/the-american-motion-picture-and-television-i ndustry-creating-jobs-trading-around-the-world-6/>>. Acesso em: 31 out. 2025.

MOURA, Jéssica; CANCELIERI, Maurício. **Saiu de moda falar mal do Brasil?** *Deutsche Welle Brasil*, 2025. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/saiu-de-moda-falar-mal-do-brasil/a-73240799>>. Acesso em: 30 dez. 2025.

MUNDIM, Pedro Santos. **A batalha pela opinião pública e o impeachment de Dilma Rousseff**. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 119, p. 292–321, 2023. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/f9fpxbk9RT9SXvTWkkTZmBg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

NAPOLITANO, Marcos . **A música popular brasileira (MPB) dos anos 70: resistência política e consumo cultural**. [s.l.]: IV Congresso de la Rama latinoamericana del IASPM, 2002. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2napolitano70_artigo.pdf>. Acesso em: 26 maio 2025.

NELSON, Michael. **Barack Obama: Foreign Affairs**. Miller Center University of Virginia, 2016. Disponível em: <<https://millercenter.org/president/obama/foreign-affairs>>. Acesso em: 19 maio 2025.

NOVAIS, Fernando A. **Portugal e Brasil na crise do antigo sistema colonial (1777-1808)**. 1. ed. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia “Hucitec” Ltda, 1979.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. **Retrato das manifestações de rua no processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff: a construção da opinião pública pela mídia privada brasileira**. *Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*, v. 3, n. 2, p. 83–96, 2016. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/9369>>. Acesso em: 9

jun. 2025.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de . **A música popular como crítica da cultura política brasileira na era dos festivais.** Revista Interdisciplinar de Cultura Unicamp, 2021. Disponível

em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8665791/28388>.

Acesso em: 7 maio 2025.

PACHECO, Adriano Pereira de Castro ; BENINI, Elcio Gustavo. **A Economia Criativa em época de crise: o desenvolvimento endógeno brasileiro na obra de Celso Furtado.** Brazilian Journal of Political Economy, v. 38, n. 2, p. 324–337, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rep/a/JwLRzsHCyKwmhWXVSx9mR5b/abstract/?lang=pt>>.

Acesso em: 15 ago. 2023.

PAIVA, José Eduardo Ribeiro de . **Os Mutantes: hibridismo tecnológico na música popular brasileira dos anos 60/70** Instituto de Artes . Revista Sonora Unicamp. Campinas - SP, 2016. Disponível

em: <<https://www.iar.unicamp.br/revista-sonora/revista/volume-4/edicao-07/os-mutantes-hibridismo-tecnologico-na-musica-popular-brasileira-dos-anos-60-70/>>. Acesso em: 23 maio

2025.

PEDROSO, Marcos Roberto da Silva. **Institucionalização política do futebol no estado novo: o uso político do esporte por Getúlio Vargas.** Repositório Digital UFRGS. Porto Alegre - RS, p. 1–42, 2023. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/267341>>.

Acesso em: 22 maio 2025.

PINHEIRO, Cíntia Raquel Soares ; SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. **Cultura, desenvolvimento e turismo em Celso Furtado: de uma revisão bibliográfica à aplicação teórica.** São Paulo, SP: Programa de Pós-Graduação em Turismo da USP, 2016. Disponível em: <<https://each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/ref.php?id=9154>>.

Acesso em: 12 maio 2025.

PIRES, Sérgio Felix. **Celso Furtado e o papel da cultura no desenvolvimento econômico.** In: 32º Simpósio Nacional de História: Democracia e Direitos Humanos: Desafios para uma história profissional., 2023, São Luís - MA. Anais do 32º Simpósio Nacional de História. São Paulo: ANPUH, 2023. v. 1.

PIKETTY, Thomas. **Capital e ideologia.** 1. ed. Rio De Janeiro: Intrínseca, 2020.

POWER, Martin J.; WIDDOP, Paul; PARNELL, Dan; *et al.* **Football and politics: the politics of football.** Managing Sport and Leisure, v. 25, n. 1-2, p. 1–5, 2020. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/23750472.2020.1723437>>. Acesso em:

9 maio 2025.

RAVAGNANI , Herbert Barucci. **Luta por reconhecimento: A filosofia social do jovem Hegel segundo Honneth.** São Paulo: [s.n.], 2009. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/HerbertBarucci\(39-57\).pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/HerbertBarucci(39-57).pdf)>. Acesso em: 8 maio 2025.

RÊGO, Cacilda M. **Brazilian Cinema since 1990.** Review: Literature and Arts of the Americas, v. 44, n. 2, p. 204–211, 2011. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/08905762.2011.614452>>. Acesso em:

7 maio 2025.

RIBEIRO, Gabriella Aparecida Moraes. **Panorama da indústria cinematográfica mundial: uma ênfase no caso dos Estados Unidos nos anos 2000**. Uberlândia, MG: Repositório Universidade Federal de Uberlândia, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/39784/1/PanoramaInd%C3%BAstriaCinem%20at%20ogr%C3%A1fica.pdf>>. Acesso em: 6 maio 2025.

ROCHA, Anderson Alves da. **A Era de Ouro de Hollywood: história e modo de produção da indústria cinematográfica dos Estados Unidos (1910-1950)**. *Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília*, v. 12, n. 1, p. 19, 2019. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/10373>>. Acesso em: 12 maio 2025.

ROMÃO, Wagner de Melo. **#naovaitercopa: manifestações, Copa do Mundo e as eleições de 2014**. *Revista Agenda Política*, 2014. Disponível em: <<https://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/view/22>>. Acesso em: 9 jun. 2025.

ROXO, Eduarda Silva. **E.U.A. e Hollywood : o desejo da projecção global**. Dissertação de Mestrado em Estudos Americanos, Lisboa, PT: Universidade Aberta, 2006. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/10400.2/532?mode=full>>. Acesso em: 12 maio 2025.

RUBIM, Antonio Albino Canelas; BARBALHO, Alexandre Almeida ; CALABRE, Lia. **Políticas culturais no governo Dilma**. Repositório Institucional da UFBA, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/18069>>. Acesso em: 2 jun. 2025.

SAAVEDRA, Giovani Agostini ; SOBOTTKA, Emil Albert . **Introdução à teoria do reconhecimento de Axel Honneth**. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 8, n. 1, p. 09-18, 2008. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/civitas/article/view/4319>>. Acesso em: 15 out. 2023.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos: Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. 2 ed., Belo Horizonte - MG, Autêntica, 2015.

SCHULTHEISZ, Thais Sisti De Vincenzo ; APRILE, Maria Rita . **Autoestima, conceitos correlatos e avaliação**. São Paulo: *Revista Equilíbrio Corporal e Saúde*, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/37477196/ARTIGO_-_AUTOESTIMA_-_REC_ES.pdf>. Acesso em: 8 maio 2025.

SHOAIB, Muhammad ; AQUIL, Saira ; SABAT, Ahmad . **An Indispensable Partner? Bush, Obama, and the US' Soft Power**. *IPRI Journal*, v. VIII, n. 2, p. 1–25, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Muhammad-Shoaib-25/publication/328276437_An_Indispensable_Partner_Bush_Obama_and_the_US'_Soft_Power/links/5bc3372ea6fdcc2c91fbdfc e/An-Indispensable-Partner-Bush-Obama-and-the-US-Soft-Power.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2019.

SILVA, Brenda Paula da. **A política cultural no governo Fernando Henrique Cardoso: entre a democratização da cultura e democracia cultural**. Monografia apresentada ao Curso de Administração Pública, Volta Redonda - RJ, 2020.

SILVA, Jéssica Suélen da. **No campo diplomático: o futebol como instrumento de Soft**

Power. Santa Cruz do Sul, RS: Repositório Institucional UNISC, p. 1–38, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3742>>. Acesso em: 11 maio 2025.

SILVA, Raissa Camille da. **Soft Power sul-coreano: um estudo de caso sobre o grupo BTS e seu impacto na Hallyu.** Repositório Institucional da Universidade Cruzeiro do Sul: São Paulo, 2021.

SOARES, Márcia Miranda. **Relatório final de avaliação ex post do Plano Nacional de Cultura.** Brasília: Enap, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.enap.gov.br/jspui/bitstream/1/7371/1/Relatorio%20Final%20de%20Avaliacao%20Ex%20Post%20do%20Plano%20Nacional%20de%20Cultura%20%281%29.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2025.

SOUSA, Cidoval Morais de; Theis, Ivo Marcos; Barbosa, José Luciano Albino. **Celso Furtado: a esperança militante (Interpretações): vol. 1 (Portuguese Edition)**. SciELO - EDUEPB, 2020. Edição do Kindle.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade.** Rio De Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jessé. **A guerra contra o Brasil.** Rio De Janeiro, RJ: Editora Estação Brasil, 2020.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil.** Rio De Janeiro: Sextante, 2021.

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita: a vingança dos bastardos.** Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

SOUZA, Mateus Mendes de. **Vista das Revoluções coloridas e o golpe no Brasil em 2016.** TerraLivre: São Paulo - SP, 2016. Disponível em: <<https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/1519/1396>>. Acesso em: 11 jun. 2025.

TEIXEIRA, João Carlos. **1974: o início do fim da ditadura.** Senado Federal, 2024. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2024/10/1974-o-inicio-do-fim-da-ditadura>>. Acesso em: 4 jun. 2025.

TIBURI, Marcia. **Complexo de vira-lata: análise da humilhação brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

TIMMERMANS, Kim. **Bossa Nova e a identidade nacional do Brasil: “branco na poesia, negro no coração”.** Bélgica: Ghent University Library, 2021. Disponível em: <https://libstore.ugent.be/fulltxt/RUG01/003/007/367/RUG01-003007367_2021_0001_AC.pdf>. Acesso em: 22 maio 2025.

TOMAZELLA, Lucas Damasceno. **Lula III: a retomada de uma política externa voltada aos direitos humanos em um cenário desafiador.** Conjuntura Austral, v. 16, n. 73, p. 49–61, 2025. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/ConjunturaAustral/article/view/142043>>. Acesso em: 21 maio 2025.

TUDE, João Martins ; MILANI, Carlos Sanchez. **A Política Externa Brasileira em relação ao Fundo Monetário Internacional durante o Governo Lula.** Revista Brasileira de Política Internacional, v. 56, n. 1, p. 85–103, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/Dryny9JddW3HmMrVbkPRgGS/?format=html>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

UNESCO; BANK, World. **Cities, Culture, Creativity**. [s.l.]: Paris: UNESCO, and Washington, D.C.: World Bank, 2021. Disponível em: <<https://openknowledge.worldbank.org/entities/publication/0a8dde74-1253-5f00-afc4-837d332247b7>>. Acesso em: 31 out. 2025.

UNITED NATIONS. K-content goes global. UNCTAD, 2024. Disponível em: <<https://unctad.org/publication/k-content-goes-global>>. Acesso em: 31 out. 2025.

UOL. **A cruzada cultural de Donald Trump nos Estados Unidos**. UOL Notícias, 2025. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2025/03/31/a-cruzada-cultural-de-donald-trump-nos-estados-unidos.htm>>. Acesso em: 19 maio 2025.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O Brasil de Lula: Uma diplomacia global e afirmativa (2003-2010)**. Austral: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais. Porto Alegre - RS, n. 1, p. 23–35, 2012. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/303986334.pdf>>. Acesso em: 21 maio 2025.

VITORELI, Felipe Oliveira. **O conceito de Cultura na teoria do desenvolvimento e subdesenvolvimento de Celso Furtado: história, teoria e ensaio**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Paulo, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/items/325af18f-ca1b-4cb5-aabc-2a119437d978>>. Acesso em: 11 maio 2025.

WATANABE, Jefferson Yuji; BORGES, Larissa de Moraes Barbosa ; GUILHERME, Luciana Lima. **Creative economy: a chronological view**. Escola Superior de Propaganda e Marketing. Rio de Janeiro - RJ. Disponível em: <<https://dialogo.espm.br/revistadcec-rj/article/view/487/429>>. Acesso em: 12 maio 2025.

ZAN, José Roberto. **Jovem guarda: música popular e cultura de consumo no Brasil dos anos 60**. Música Popular em Revista. Campinas -SP, v. 2, n. 1, p. 99–124, 2013. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/12970>>. Acesso em: 16 out. 2021.

ZAN, José Roberto. **Música popular brasileira, indústria cultural e identidade**. EccoS – Revista Científica. São Paulo-SP, v. 3, n. 1, p. 105–122, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/249>>. Acesso em: 26 jan. 2020.

ZINCONE, Rafael. **Funk ostentação e os anos Lula e Dilma: um estudo de economia e cultura à luz das controvérsias do desenvolvimento**. Cadernos do Desenvolvimento, v. 18, n. 34, p. 111–134, 2023. Disponível em: <<https://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/cdes/article/view/744>>. Acesso em: 9 jun. 2025.